Diário de Lisboa

ANO 63.º N.º 21 347
Janeiro 1984
Quarta-feira

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Portugal e Angola

A mensagem endereçada pelo Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao Presidente José Eduardo dos Santos, empenha Portugal numa atitude de solidariedade com a República Popular de Angola. Com efeito, não basta manifestar sentimentos de reprovação relativamente à política de agressão sistemática da República da África do Sul, é necessário, no interesse mútuo de Angola e de Portugal, encontrar as formas práticas para impedir a agressão.

A presença de guerrilheiros nacionalistas namibianos em território de Angola é um falso pretexto usado pela República da África do Sul para justificar a sua política de agressão militar, de devastação e de ocupação de vastas parcelas do território de um Estado independente e soberano.

As bases dos guerrilheiros da SWAPO instaladas cerca das fronteiras da Namíbia foram há muito destruídas. Verificam-se agora acções de invasão militar, operações ofensivas que alcançam profundas penetrações em território angolano e que, muito mais que a dispersão e destruição dos combatentes da SWAPO, visam a ajuda estratégica às guerrilhas da UNITA.

Estamos perante intervenções armadas que pretendem alterar o curso político-militar no interior de Angola e que constituem grosseira intromissão, **manu militari,** na vida de um Estado soberano e independente. Acções militares ofensivas que não só violam fronteiras nacionais, como vêem destruindo centros populacionais, provocando numerosas vítimas, destruindo riqueza, devastando áreas imensas.

Numa átitude arrogante de desrespeito pela ordem internacional, a República da África do Sul dita na África Austral a lei da selva desprezando as recomendações e decisões da ONU.

Além de acções de solidariedade concreta que, na medida das nossas possibilidades e até com algum sacrifício, prestemos sem demora à República Popular de Angola, parece-nos imprescindível que o Governo de Portugal faça sentir, pelas vias competentes, ao Governo da África do Sul que reprova a sua acção agressiva, contrária aos interesses da Comunidade Internacional, ao Direito e à Paz.

«DL»

Ele diz-se culpado

Telefoto NP/«DL»

À data do crime tinha 26 anos. Dos autos consta uma confissão sua em que admite ter abatido o palestiniano Sartaui no Hotel de Montechoro. O seu julgamento começou esta manhã

Julgamento de Al-Auad começou em Albufeira

O Tribunal de Albufeira, presidido pelo dr. Norberto Brito Câmara, juiz do Círculo Judicial de Portimão, começou esta manhã a julgar o palestiniano Youssif Al-Auad acusado de ter assassinado, em 10 de Abril do ano passado, no «hall» do hotel de Montechoro,o dirigente da OLP Issam Sartaui, que ali participava no Congresso da Internacional Socialista. No momento do crime, cerca das nove horas da amanhã, Sartaui, que foi abatido com três tiros de pistola e que viajara até Portugal com um passaporte diplomático falso emitido na Tunísia sob o nome de Khelifa Ben Othan, conversava com os delegados da Tanzânia e de Chipre.

Ao entrar no Tribunal (rodeado por um forte dispositivo da GNR e da PJ). Al Auad que vestia «jeans» azuis e blusão de couro, disse aos jornalistas que o procuravam entrevistar que «agora não, logo sim». A sala de audiências, com lotação para cerca de setenta pessoas, não estava completamente cheia, tendo sido autorizada a entrada a todos os interessados, embora a identificação fosse rigorosa. A sessão foi praticamente preenchida com o sorteio dos dez jurados, sendo defensora oficiosa de Al-Auad a jovem advogada Fátima Pontes, que é monitora da cadeira de Obrigações na Faculdade de Direito de Lisboa.

Do rol de testemunhas (dezanove de acusação e nove de defesa, algumas delas em dupla função) figuram empregados da indústria hoteleira, agentes da PJ e um jornalista. Quanto a

Continua na pág. 20

Adão e Silva

Crise na Maçonaria

Grão-Mestre proíbe conferência de Imprensa

Pág. 5

Raid israelita no Líbano faz 50 mortos e 300 feridos

Jesse Jackson recebido por Ronald Reagan

Pág. centrale

Mota Amaral quebra o silêncio

Troika do PSD é um falhanço

Pág. 20

O comércio dos cereais

Cardoso e Costa

A liberalização do comércio dos cereais (total do trigo de produção nacional – os outros cereais tiveram sempre mercado livre – e parcial dos importados – um negócio que ascende hoje a mais de 100 milhões de contos –) que há poucos dias foi anunciada nos «mass media» e a que a TV oficial deu grande relevo, com grave desconhecimento técnico e informação tendenciosa do novel economista Sarsfield Cabral, pois a EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais), por ordem do Governo, seu Patrão (omnipotente e omnipresente), já comprava o trigo nacional por dois preços, conforme a qualidade, cuja elevada despesa com a identificação, controlo e separação na recepção e armazenagem tem resultado em pura perda, pois, quando consegue vendê-lo (não raro junta cereal de duas e mais colheitas) aos industriais, informam-nos trabalhadores da empresa, aqueles pouco se importam que seja tipo 1 ou tipo 2, recebem-no (depois de porfiadas diligências) indiferentemente e encaram-no como um pequeno «contrapeso» do que vem do estrangeiro, que é o que mais lhes interessa (preço por preço), por ser levantado perto das suas fábricas, e o nacional têm que ir buscá-lo ao interior do País. E o atraso nos pagamentos da EPAC não têm sido significativos (segundo consta, apenas se verificram pontualmente por errada interpretação dos «plafonds» bancários) e eles não são mais que o corolário da falta dos muitos milhões de contos que lhe deve o Fundo de Abastecimento (neste momento não nos admiramos que atinjam a centena) e que o distinguido economista e conspícuo fundibulário não devia desconhecer, tanto mais que é um homem da Informação, porque ainda há poucos meses foram revelados pelo presidente do C.G., numa extensa entrevista a um semanário, quebrando assim o secretismo que tem envolvido a empresa e só a diminui aos ohos do público em geral e dos políticos em particular, com prejudiciais reflexos no futuro dos seus trabalhadores e do próprio País. Mas, íamos para dizer que esta liberalização é passiva de forte suspeição ética e política. É o que tentaremos demonstrar.

Há bastante tempo que fontes muito próximas do Ministro do Comércio informavm que existia, assinado em Conselho de Ministros, um diploma que liberaliza a importação do milho tipo «Flint» e «La Plata» (sic), as qualidades mais caras do mercado internacional e que, por isso, só são utilizadas em Portugal por duas fábricas que extraem óleo, amido, dextrinas e outros produtos para fins específicos. Se pesaram questões de parentesco ou de compadrio é que o não conseguimos averiguar.

Largos meses este diploma foi acalentado (leia-se suspenso) no seio do Conselho de Ministros e nele se nutriu, certamente, em todo este tempo, de uma filosofia mais convincente ou que obnubilasse a parcialidade (passe o eufemismo) que patenteava, ou não evidenciasse a forte empatia do Ministro do Comércio com o singular projecto de Cardoso e Cunha (que bastante se empenhou para que Álvaro Barreto integrasse o Governo Balsemão), mero jogo de basquetebol, em que todos pegam na bola mas, geralmente, só um, mais habilidoso, mete no cesto.

É bastante estranho, não só por este acto legislativo do Governo, como por outros que referiremos a seguir, que não tenha esperado pelos estudos do CIMPA (Comissão Interministerial para os Mercados de Produtos Alimentares) que criou pela Resolução n.º 51/83 publicada no D.R. de 29 de Outubro. Será que o Governo receia que o CIMPA não chegue às conclusões por ele desejadas «a priori»? Nem o temor de que se repita aquele lavar de roupa suja, que foi o «Caso EPAC» há dois anos, refreia os ímpetos de certos ministros, dando-lhes a calma necesária para esperarem pelos estudos que encomendaram?

Esta Comissão, a CIMPA, composta por 9 personalidades nomeadas por 6 ministros, deveria apresentar no prazo de 180 dias, que ainda não decorreu, 7 propostas para, entre outras coisas, definição dos operadores económicos que deverão actuar nos Mercados, alteração de estatutos dos operadores existentes e medidas de apoio à criação e reestruturação de uma rede de cooperativas regionais polivalentes.

O Governo apontava já, nessa resolução, o modelo final de organização destes mercados, caracterizados, entre outras coisas, pela existência de Organismos de Intervenção, como na CEE, e de operadores económicos privados, cooperativos, nomeadamemte «régies», e públicos.

Dava à CIMPA um período de vida de 2 anos, prevendo a sua sobrevivência para além deste tempo. A sua actividade devia desenvolver-se «em coordenação com os representantes das diversas actividades económicas interessadas».

Todavia, ainda eram apenas passados 2 dias, após a data da tomada de posse da CIMPA, alguns ministros, por despacho publicado em 12 de Novembro, retiram ao IAPO (Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos) o exclusivo da importação de sementes oleaginosas a partir de Junho próximo, criando, ao mesmo tempo, um grupo de trabalho com representantes de 4 Ministérios, do Banco de Portugal e de 2 Associações de Industriais, com funções até 31 de Março próximo, que proporá medidas para o bom funcionamento deste «regime de liberalização», com foi designado, mas que teremos de qualificar de «parcial» para não darmos pontapés na semântica, e só pode interessar a alguns industriais, pois nele não entra a importação dos bagaços oleaginosos para rações e os óleos alimentares.

Não nos foi possível penetrar nos segredos deste negócio, apesar de Vaz Pinto, quando Ministro do Comércio, ter prometido em público, que iria tornar transparentes as operações dos Organismos de Coordenação Económica. Só sabemos é que se exporta óleo e o preço no mercado internacional é inferior ao praticado dentro do País.

Logo a seguir, em 2 de Novembro passado, por simples despacho do Ministro do Comércio (D.R. de 12.11.83), são fixadas as «quotas» do mercado das importações de ramas de açúcar pelas empresas refinadoras, de forma escalonada, até atingirem em 1987 os 100 por cento do seu «consumo previsional». E a isto chama-se também liberalização do mercado. Tal descoco não merece comentários, só que, com tal liberdade de linguagem, qualquer dia ninguém se entende.

Ao chegarmos a este ponto da nossa descrição dos factos já qualquer leitor, por mais distraído que esteja, se apercebeu da triste figura que estão a fazer os componentes da CIMPA (pessoas respeitáveis e, até à data, respeitadas), assim desfeiteadas por um Governo que as nomeou para fazer uma coisa a que ele imediatamente começa a dar execução como muito bem entende (ou não entende). Um Governo que manifesta tal desprezo pelos funcionários onde poderá ir buscar futuramente o apoio técnico (des)necessário para as suas decisões políticas? a não ser que a falta de hombridade já seja uma endemia nacional.

Todos os leitores sabem que os cereais importados, e a nossa dependência externa ronda os 80 por cento do consumo, têm que ser pagos em divisas que o Banco de Portugal não tem, pois a moeda estrangeira que possuímos mal chega para pagar toda essa vasta gama de artigos que em regime de austeridade não deviam estar à venda. Mas o Mercado é livre e assim é que é bom... Alguém há-de pagar a fartura...

Sabe-se, pelos jornais, que a EPAC deve 100 milhões de contos ao estrangeiro, que o Fundo de Abastecimento, por sua vez, lhe deve outro tanto, e que chega a gastar, por ano, 20 milhões de contos, em juros e diferenças cambiais, por não pagar nas datas aprazadas, por o Banco de Portugal lhe recusar as divisas, e ter, por isso, de recorrer a sucessivos refinanciamentos da mesma compra. É uma fatalidade dos que não têm dinheiro: compram mais caro.

Todavia, no caso vertente, é muito grave, porque talvez paguemos a pronto bens dispensáveis importados e pagamos por mais 20 por cento, pelo menos, bens tão essenciais como são os cereais. Não há «performance» obtida em qualquer sistema de compras que anule esta diferença.

Ainda que demos de barato (e a prática política deste Governo, a isso nos obriga) que num Estado de Direito, como o nosso pretende ser, se ponha de remissa a dimensão ética que a política deve possuir, isto é, e no caso de que estamos a tratar, se não cuide, antes de liberalizar o comércio, de sanear (que o uso deste termo, nestas circunstâncias, não indusa o leitor em erro porque a EPAC não precisa de injecções de capital, apenas necessita de que lhe paguem o que lhe devem) as finanças de uma empresa pública (além de a aliviar de tarefas que nada têm a ver com o comércio de cereais), antes de atirar com ela para a concorrência com as multinacionais. E é necessário e indispensável em mercado livre haver divisas disponíveis, em qualquer momento e na quantidade desejada por qualquer operador, tanto público ccmo privado. Caso contrário entra o racionamento, o compadrio e a corrupção.

Será que, inesperadamente, Cristo vendo tanto sofrimento, desceu à Terra e com a sua infinita misericórdia olhou para nós, pobres portugueses, e num instante transformou escudos em divisas? E, daí, talvez não tenha sido preciso olharmos para o Alto. Mota Pinto não é de Coimbra? E não será tão grande devoto da Rainha Santa para que esta Santa Rainha tenha pena de nós e desta vez tire divisas do avental, em vez de rosas? Pelo menos, neste aspecto, em virtude das boas relações do PPM com a Realeza, talvez fosse um erro ter afastado este partido do poder. Mas as soluções não se esgotam aqui. Quem sabe se lá para as bandas do Arco do Cego também já se fabrica moeda estrangeira?

Se o Governo não acredita em milagres, e, num pensar mais comezinho, crê que Ernâni Lopes pode ir buscar, também para este caso, a receita a Santa Comba Dão, como o fez para tentar equilibrar o Orçamento do Estado, está redundamente enganado porque o prato forte do livro de receitas que nos deixou Salazar são os impostos pagos, pagos em escudos que não valem nada para comprar divisas. E se esta receita é hoje difícil de executar, por falta de ingredientes (se o Estado está pobre o povo não o está menos), o que dizer de outras, como, por exemplo, a da contenção dos gastos dos particulares, uma vez que o padrão de vida dos portugueses é hoje muito diferente e o poder reivindicativo do povo trabalhador mais fácil de exercer, a par da existência de uma próspera e incontrolável economia-paralela que se verifica nas importações de bens não essenciais e exportação de divisas, ao contrário de ouros países, como a Itália (e até um pouco no norte do nosso país) em que este tipo de economia existe no sector da produção.

O Salazar do século XXI, como já um jornal chamou a Ernâni Lopes, poderia, isso sim, ensinar aos seus colegas de Governo que é justamente nos períodos de crise e de austeridade que se torna mais necessário o controlo do Estado na vida económica, não só para contrariar hábitos de consumo mais dispendiosos para o País, como para evitar que alguns enriqueçam, rápida e facilmente, à custa do consumidor, como é costume nestas épocas. Em vez disso, Álvaro Barreto mostra-se muito preocupado com a melhoria da qualidade dos produtos alimentares (conceito passível de interpretações várias) e que vai conseguir (e está convencido que começou a conseguir, como tem dito) pela liberalização e só pela liberalização do comércio. A prova provada do seu erro está por aí patente aos olhos de toda a gente: nunca se pagou e comeu tanto gato por lebre. Basta citar dois exemplos: o do arroz, que nunca apresentou tão elevado teor de trincas (por isso as donas de casa se queixam que empapa) apesar de se encontrarem sacos delas à porta de qualquer mercearia (o que nunca se viu antigamente) à espera das almas caridosas que as compram para alimentar cães e gatos; e do bolo-rei que, nalgumas pastelarias, apesar de caro, lhe faltaram com tantos ingredientes que, por pouco, não ficava só o buraco.

Basta de ironia fácil porque o problema é muito grave e revelador da leviandade (?) com que o Bloco Central encara problemas tão delicados e intrincados, como é o do abastecimento da população em alimentos básicos, como o pão, cuja carestia vai incidir muito mais sobre as famílias de menores recursos, as maiores consumidoras de pão. A população já diminuiu substancialmente o consumo de carne e de produtos lácteos (o aumento do consumo dos ovos vai ser conseguido por uma campanha publicitária – dizem os jornais), algumas famílias já só compram bife (melhor dizendo, o «Hamburguer») para o filho que pedala desesperadamente na escola para alcançar o pelotão dos desempregados, mas não pode diminuir o consumo de pão, antes pelo contrário. E a fome é má conselheira...

Este Governo, como todos os outros, tem manifestado, o propósito de incrementar a produção nacional. Um dos meios de que se servem é a fixação de preços de garantia (hoje designados de intervenção, como na CEE) devidamente remuneradores, tendo em atenção a fraca produtividade da maior parte dos nossos solos. Para a próxima «colheita» (que se prefigura promissora, pelo contrabando com a Espanha, onde os cereais são mais baratos) já está fixado para o trigo em 34 contos a tonelada, entregue nos celeiros da EPAC, como diz o despacho. Agora não sabemos como será, porque ou continua a imitar-se a CEE, criando já o organismo de intervenção, que não estabelece mais que 6 a 8 postos de recepção (segundo as regras da CEE), como já foi dito nos jornais (e nenhuma declaração ministerial se tem mostrado menos ortodoxa em relação à Política Agrícola Comum-PAC) ou continua o Estado a recebê-lo, em, aproximadamente, 500 celeiros da EPAC, correndo as inerentes despesas, como é óbvio, por conta do Estado (visto que a EPAC deixa de ter receita suficiente do cereal importado para cobrir tais despesas com o nacional) ou vão ser incluídas no preço de venda, que terá, por isso, que ser muito elevado por decisão administrativa sobre o preço de compra do estrangeiro, como vamos ver a seguir.

Para que o cereal importado, a um preço (custo, seguro e frete) muito abaixo dos 34 contos, garantidos para o nacional, não faça concorrência a este (de outro modo não teria sentido a política de aumento da produção, mesmo em termos de CEE, cujo modelo o Governo se empenha em seguir – dando às malvas a circunstância de nós sermos importadores e eles exportadores), tem que o seu preço de importação subir administrativamente na fronteira, cobrando o Estado um imposto (o tal «prélèvement» da CEE) para fazer subir o seu preço a um valor que ultrapassse os 34 contos, num quantitativo que pague as despesas de compra (só os encargos financeiros são hoje elevadíssimos) e de transporte do nacional e ainda fiquem algum escudos para compensar o industrial do incómodo de fazer negócios longe de casa, no interior do País, onde terá que mandar ou arranjar agentes, quando poderia abastecer-se perto da fábrica, em Leixões e no Beato.

Dada a carestia da vida (ordenados, gasolina, ajudas de custo, etc.), talvez não nos afastemos muito da realidade (se isso acontecer será por defeito) se considerarmos que o trigo estrangeiro teria que entrar em Portugal, pelo motivo atrás exposto, por 40 contos a tonelada.

Continuando o Governo a caminhar para preços «reais» (depois das alcavalas administrativas), isto é, para a abolição de subsídios à alimentação, e atendendo a que o ano passado, quando o preço do pão aumentou 40 e tal por cento, para agora cobrir a nossa hipótese, um custo de matéria-prima da ordem dos 40 contos, terá de aumentar o pão, desta vez, quasi 60 por cento, isto é, passaria de 58$00 o quilo para aproximadamente, 100$00. Neste cômputo não entra a influência do aumento de outros factores, como mão-de-obra, energia, impostos (o imposto extraordinário, por exemplo), etc.

O mesmo tipo de raciocínio, se pode aplicar ao preço das rações, embora o cálculo seja mais complicado porque não são feitas só com milho. No ano passado o preço de garantia estava em 22.500$00 a tonelada. Fazendo-lhe incidir a mesma taxa percentual de aumento que o Governo utilizou nos outros cereais forrageiros (53,3 para a cevada e 54,5) subirá o preço de garantia do milho em 1984 para, aproximadamente, 35 contos a tonelada. Onde irá isto parar?

É certo, que, dada a cotação dos cereais, no mercado mundial (cuja elevação se não prevê, em face do actual nível da produção dos países exportadores), este artificialismo dos preços dará elevadíssima receita para o exaferido Fundo de Abastecimento, colmatando-se em poucos anos um grande «buraco» aberto por demagogias baratas. Mas será justo canalizar para este Fundo uma fatia tão elevada dos rendimentos das famílias de mais débil economia? Por outro lado, o Governo já anunciou uma diminuição dos impostos às exportações e às importações. Afinal em que ficamos?

Os dois partidos no Governo andarão mal avisados se não derem uma explicação ao povo – o seu eleitorado o mostrará um dia. Não podem os governantes (ou não devem) esconder-se detrás de uma concepção herodiana do Estado, considerando que a razão de Estado (ou de

Continua na pág. 4

Do lado de cá

R. Lemos

A tal festa

(Com licença, ó Mário Castrim, é só uma voltinha)

JÚLIO ISIDRO, graças a si, ver televisão é uma alternativa válida para ocupar ludicamente as tardes de domingo. Já o Passeio dos Alegres e a Festa é Festa eram programas movimentados, divertidos, interessantes, despretensiosos. E a Festa Continua, é despretensioso?

Olhe, eu faço-lhe a justiça de pensar que você não se leva a sério. E que leu o Princípio de Peter, o que o impedirá de cometer leviandades como Chaplin, farto de Charlot, a filmar Limelight, ou Solnado, cansado de guerras, a cair na tentação de D. Roberto. E do lado de cá lhe escrevo que o suspeito de lhe estar a pular o narizinho – perdão, o pezinho para a cultural/sério. E peço-lhe, porque você me é muito simpático e lhe estou grato por me distrair convenientemente, que atente no seu público. E pense se os aplausos ouvidos após uma de cultural se destinam a aplaudir/despachar polidamente os intérpretes,ou se destinam a si, Júlio. A vida é assim– recorde-se do pintor convidado, que não obteve lances para o seu quadro. Não por a arte se encontrar ausente da sua obra, mas sim pela desastrada sinceridade com a qual confessou utilizar materiais muito baratos na confecção. A vida é assim, Júlio. Cheia de tarros.

Já agora, o textozito – ora pergunte lá ao simpático público quantas pessoas sabem o que são adereços. Eu explico-me: Couto e Santos e J. A. Pinheiro constituíram, há dez anos, uma notável e promissora dupla de humoristas impressos. Desconcertantes, extremamente prolíferos, devastavam o «non-sense», mas com um pecadilho que a televisão amplia hoje: a falta de critério e de discernimento, de saber que o gáudio da criação não corresponde automaticamente ao riso do público. É ingenuidade. Vejam lá isso.

E aqui uma coisa que me escandalizou – então não é que os entrevistados se levam a sério e dão entrevistas formais? Ora que esta! Até a Natália, e o Afonso de gravata... Estariam desatentos, cansados? Também, com aquelas perguntas...

Outro fenómeno do «entertainment» é Hermann Krippahl. Basto diferente das anteriores tentativas de Krasman, Breyner ou de Nicholson.

Eu, que esperava Tony Silva com peúgas aerodinâmicas e lógica arraiana, levo com o Estebes. Inda bem, cambada, que Herman José não se deixou dominar pelos Mr. Hyde, que vai criando. Você é danado, e deve divertir-se imenso a fazer aquelas figuras todas: Marilu/Miss Piggy, Felipa (elas são mesmo assim...), e Jaquiná (olhe que Wolinsky não gostaria de saber que os seus desenhos são utilizados no genérico...).

Refilo todavia contra a sua tendência para abusar dos tipões de origem teutónica, que fariam sucesso numa récita no Instituto Alemão, mas que pouco significam para o público nacional, e bem assim para o facto de a sua versatilidade e capacidade de improvisação não compensarem a pobreza do texto, que frequentemente pede mesmo paprika, na língua. Mas é muito leve, muito giro.

política de A a Z

Produzir mais do que palavras

REGISTAMOS ecos das mensagens dos mais altos responsáveis dirigidas aos portugueses nos momentos iniciais de 1984. Não haverá lugar, à letra do que foi dito, para vencermos o pessimismo que se generalizou. Os portugueses estão cansados, decepcionados, descrentes. E a vida dá-lhes razões e motivos bastantes para uma tal atitude. O Presidente da República deu razão aos desiludidos quando, na sua mensagem de Ano Novo, afirmou: «Muitas das esperançass alimentadas nos primeiros tempos de democracia não estão satisfeitas.» Na homília que proferiu no dia 1 de Janeiro, Dia Mundial da Paz, D. António Ribeiro, cardeal-patriarca de Lisboa, disse: «Se do plano internacional passarmos à nossa sociedade portuguesa, também aqui são manifestos os sinais de falta de verdadeira paz. Não estamos, felizmente, em guerra com qualquer outro país. Mas nem por isso os portugueses se encontram em paz uns com os outros. Apenas a título de exemplo, mencionemos os egoísmos pessoais e de grupo, que a cada passo saltam à tona da nossa vida social e política, as frequentes manifestações de falta de solidariedade efectiva na solução dos grandes problemas nacionais, a persistência crónica de graves injustiças entre sectores da população entre regiões do mesmo território do país, a notável degradação da moralidade pública...» Onde vamos? O cardeal, contra o que lhe é habitual, excedeu-se. Pelo seu lado, o Primeiro-Ministro conteve-se, no triunfalismo habitual e no diagnóstico da situação. O Governo, segundo Mário Soares, transitava, de 1983 para 1984, coeso e operacional, no horizonte da «coligação» as manhãs ridentes cantavam a continuidade PS-PSD, mas os seis meses próximos, os 180 dias iniciais de 1984, apresentavam-se carregados de sombrias nuvens, de sacrifícios económicos e de ameaças fiscais.

O Presidente da República, recusando as «propostas extremistas de quadrantes diversos (que) mostraram a sua completa inviabilidade», expressou-se de modo que os que quiseram decifrá-lo viram condenado o actual Governo, e reafirmado um «centrismo», moderado e sensato, que é de aplaudir (moralmente) e que é infecundo (politicamente).

Ninguém deixará de concordar com Ramalho Eanes quando ele recorda: «Como bem sabem os portugueses, de nada serve fazer promessas políticas que não se encontrem baseadas no reconhecimento exacto das nossas dificuldades, na avaliação crítica dos nossos erros, na organização eficaz e mobilizadora das nossas possibilidades.» Mas, na verdade, tanto o Governo de perdição da AD presidido por Francisco Pinto Balsemão, como este bicéfalo Governo que tenta salvar a versão da AD que dá pelo nome de «Bloco Central», nada têm feito para conseguirem uma «organização eficaz e mobilizadora das nossas possibilidades». E a razão é óbvia: o Governo tem um comportamento partidário (a dois) e partidarizante (a dois). Não valoriza a «organização eficaz», promove a «partidarização orgânica do aparelho-do-Estado». Não cria condições para a mobilização das nossas possibilidades, cria predomínios sectoriais e a sistemática partidarização da distribuição das posições no Estado, nas empresas públicas, na Banca nacionalizada.

Claro que esta orientação, pelos dois partidos no Poder partilhada, é contrária à lição que de um exame da situação real do País, após dez anos de experiência de democracia livre e pluralista, o Presidente da República, num prudente condicional, retira, e que lhe permite proclamar: «Sabemos, hoje, por experiência própria, que na nossa sociedade, livre e pluralista, qualquer política de privilégio criaria tensões e motivos conflituais que rapidamente anulariam as vantagens das benesses concedidas.»

Estão essas tensões criadas. Existe a consciência da «persistência crónica de graves injustiças» — como reconheceu D. António Ribeiro e o cardeal-patriarca, não afastando a hipótese de que seja necessário «mudar o sistema» e «substituir a ideologa», admitiu que não é de excluir que residam «as causas dos males e dos descontentamentos na incapacidade dos governantes e na inépcia dos dirigentes políticos».

De alguns erros grosseiros, de grosseiras imprevisões, de medidas absurdas e de decisões que inspiram naturais suspeitas, é legítimo pensar que revelam incapacidade. Razões de Estado, ou mais exactamente, estratégias pessoais e partidárias, conjugam-se para impedir, ou, pelo menos, adiar, a remodelação de um Governo com um pessoal excessivo, e no qual há titulares e subtitulares que se mostram incapazes.

Já dissemos aqui, com a necessária objectividade, que a questão governativa não poderá resolver-se com uma simples remodelação do Governo. Não basta dar solução aos conflitos conhecidos e às dificuldades (e incapacidades) que são públicas. A **mudança** terá que ser mais profunda.

Considerando este quadro de «maioria parlamentar PS-PSD» e de «coligação política PS-PSD», o Governo terá que adquirir algo mais do que capacidade legiferante. O Primeiro-Ministro aludiu, na cerimónia de cumprimentos organizada em S. Bento, que sentia ser necessário passar das palavras aos actos. É de actos que o País carece.

De actos e de exemplos. Não será impertinente pedir que o Governo dê o exemplo da austeridade, do trabalho, da luta contra a corrupção (material, moral, política), da sensatez, do rigor. Não parece despropositado pedir ao Governo que se organize ele próprio, que reduza o número dos seus membros, que suprima postos inúteis, extinga assessores parasitários, combata, nos gabinetes ministeriais, o parasitismo funcional e o clientelismo pessoal e político.

Disse-se que os dois partidos que constituem a maioria «têm uma vasta experiência governativa, e dela, certamente, terão retirado importantes ensinamentos». Não cremos que quem o disse, e no momento em que o disse, estivesse ironizando. Mas — que o Presidente da República nos perdoe — de ironia parece tratar-se. E o tempo não vai para ironias.

A realidade é séria. Talvez trágica.

Não desesperamos das potencialidades do povo português, mas desesperamos da qualidade da «vasta experiência governativa» que conduziu à presente situação de crise.

Responsáveis pela crise não são só os actuais governantes. Mas não esqueçamos que, dia a dia, a crise é mais extensa e mais profunda, e que todos — todos — temos o nosso quinhão de responsabilidade no que se está a passar. Descrenças, decepções, cansaços ou ironias — não ressolvem os problemas nacionais.

Nem leis. Nem palavras. Este ano de 1984 exige trabalho, actos, decisões, coragem cívica, iniciativa, audácia.

A crónica agrícola

Nós e a CEE

Alexandre Ramos

1

E se buscando vãs mercadorias
Como produz o aurífero levante,
Canela, cravo, ardente especiaria
Ou droga salurífera e prestante,
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rígido diamante,
Daqui levarás tudo tam sobejo
Com que faças o fim ao teu desejo.

Lusíadas, canto II, 4.

A 14 de Agosto de 1578 D. Sebastião morre em Alcáçer-Quíbir numa memorável batalha contra o mouro. Foi o enterro da canela, do cravo, da ardente especiaria, do rubi fino e do diamante rígido. Daí por dois anos perdíamos a independência por longos sessenta anos.

* * *

D. Sebastião morreu e com a morte do rei nasceu o sebastianismo. Talvez não tivesse nascido em Alcáçer-Quíbir. Já existia antes, desde o início da grande aventura marítima, na medida em que esta, para as classes mandantes, se tornou o pólo do processo histórico português através do qual se haveriam de resolver todos os problemas económicos e sociais da sociedade portuguesa.

Mas o rei não poderia efectivamente morrer, porque, se assim acontecesse, nada mais haveria que oferecer ao Povo, que não fosse a revolução social agrária, que a realidade e a miséria a tempo exigiam.

O sebastianismo aparece, assim, como um epifenómeno quimérico e mirífico, uma necessidade do processo histórico, criador e alimentador do sonho, um processo alienante da realidade, de forma a transferir sempre para o futuro as misérias não resolvidas dos tempos presentes.

A cada sonho desfeito os senhores do Poder têm de possuir a suficiente capacidade de imaginação para criarem novas alternativas/sonho, sem o que é extremamente difícil a sua sobrevivência.

* * *

Desfeito o império africano, a CEE tem servido, desde o 25 de Abril, para impedir a criação e o assento das reformas estruturais que se impõem.

Mas a CEE apresenta, dia a dia, maiores dificuldades em concretizar-se. E, nos dias de hoje, à medida que o tempo passa, e se dilata a consciência social, o tempo/sonho é mais restrito, tornando mais difícil a transferência ou adiamento das misérias.

É o conhecimento desta realidade que leva o dr. Mário Soares a propor, se a entrada na CEE não se fizer em tempo devido, a alternativa Estados Unidos e Japão.

Lá iremos de novo, pelos caminhos dos Corte Real e dos Albuquerque, no sonho das luzes feéricas das Broadway ou dos clubes das gueixas vestidas de atraentes quimonos.

2

A economia da concorrência

Encontrei a ti Engrácia que aprecia com volúpia uma bica tirada à pressão/vapor no Largo do Calvário, em Alcântara. Fez-me espanto porque sabia que morava no Arco do Cego e, quando por ali andava, encontrava-a todas as manhãs em certo botequim a tomar o seu cafezinho. Deleitava-se a rapar do fundo da chávena os restos do ensopado açúcar.

— Por aqui, ti Engrácia?!

— É verdade, menino, é verdade.

— E que faz?

— Ando a descobrir a concorrência porque o Senhor Sarsfield Cabral num atrasado dia, já não me lembro bem, disse, na TV, que, como agora os preços são livres, os consumidores que somos nós todos é que devíamos escolher onde fosse mais barato.

E aqui estou a ver se encontro bica a menos de 17$50. Já gastei quarenta escudos de autocarro e vou gastar mais outros quarenta na volta, mas afinal estou a descobrir que sou uma burra porque

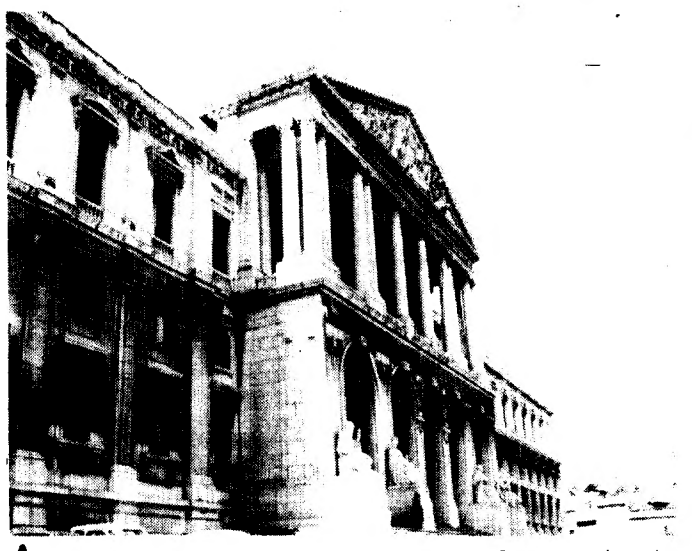
E não se sabe, como é óbvio, onde acaba a legalidade e começa a corrupção.

Por este andar não virá longe o tempo em que a impressão dos selos, do papel selado e das letras seja privatizada.

Tudo o que der lucros. Porque os Caminhos de Ferro ficarão eternamente nacionalizados...

Continua na pág. 16

ponto a ponto



A data para debate no **Parlamento** das alterações ao regimento deste órgão, poderá ser acordada hoje pelos grupos parlamentares do PS e do PSD, segundo indicaram fontes dos dois partidos. A questão começou já a ser abordada na reunião que ontem tiveram membros da direcção dos dois grupos parlamentares com o ministro de Estado, Almeida Santos, e com o secretário de Estado para os Assuntos Parlamentares, Armando Lopes. Segundo explicou uma fonte socialista, o documento com as alterações ao regimento está na subcomissão de regimento e mandatos há bastante tempo, «e não parece razoável que lá se possa manter eternamente». Na reunião de hoje deverão ainda ser tratados alguns projectos previstos para breve em plenário, como a despenalização do aborto e a Lei Quadro de Municípios.

O Governo Regional do **Açores** reúne-se pela primeira vez este ano em conselho, no próximo dia 11 em Ponta Delgada, informou ontem uma fonte governamental. A reunião do Governo decorrerá após uma visita ao concelho de Nordeste, ilha de S. Miguel, com a qual o gabinete de Mota Amaral inaugura uma série de deslocações aos municípios mais populosas ilhas açorianas.

O **Partido Socialista** vai promover, entre o final do mês e o início de Fevereiro, umas jornadas parlamentares para debater formas de revalorização da Assembleia da República, soube a ANOP de fonte partidária. A mesma fonte adiantou que será, também discutida «uma maior autonomia e criatividade dos grupos parlamentares relativamente ao Executivo, uma vez que este, «trabalhando sob a conjuntura, obrigou o Parlamento a um esforço quase exclusivo» de acompanhamento das suas actividades. Nas jornadas serão também discutidas algumas iniciativas legislativas, designadamente nos sectores da regionalização, ensino e ambiente.

UMA representação de trabalhadores sociais-democratas madeirense, constituída por 11 elementos, participará no primeiro congresso dos trabalhadores do PSD, que decorrerá no Vimeiro, de 6 a 8 de Janeiro. A representação madeirense, cujos delegados foram eleitos no âmbito das estruturas socioprofissionais do **PSD-Madeira,** apoiará as moções que visem a unidade de todos os trabalhadores sociais-democratas em torno de uma única estrutura representativa dos mesmos, e denominada «Trabalhadores Sociais-Democratas-TSA».

ANOP em plenário

"Viciada à partida concorrência entre as duas agências"

O plenário dos trabalhadores da ANOP ontem efectuado considerou «viciada à partida» a decisão do Governo que aponta a «coexistência concorrencial» entre a ANOP e outra agência noticiosa.

Reunido para analisar a decisão do Conselho de Ministros da passada quinta-feira, o plenário da ANOP rejeitou ainda a anunciada declaração da empresa em situação económica difícil.

A dependência de verbas para a ANOP de um contrato de prestação de serviços foi classificada como ilegal, com base nos estatutos da ANOP em vigor, que preveêm uma dotação a retirar do Orçamento do Estado e que fora prometida pelo secretário de Estado, Alípio Dias.

A decisão governamental em causa aponta para a coexistência concorrencial entre a ANOP e outra agência noticiosa, considera a ANOP em situação económica difícil, limita os seus efectivos a um máximo de 100 trabalhadores e condiciona a verba a atribuir pelo Estado a um contrato de prestação de serviços.

Segundo as posições aprovadas no plenário, a situação é «viciada» pela equiparação de uma empresa «perante a qual os sucessivos governos têm faltado às suas obrigações legais e estatutárias» com outra «que não tem cumprido as obrigações que livremente assumiu perante o Governo.»

A concorrência só existe – afirmou o plenário – entre duas entidades que «partem em situações idênticas, possuem os mesmos meios e as mesmas possibilidades de acção, o que não acontece.»

A equiparação foi ainda criticada pelo facto de se pretender colocar uma empresa a laborar sob a instabilidade permanente da declaração de situação económica difícil com outra à qual foram dadas «a priori» condições financeiras muito superiores ao contrato colectivo de trabalho em vigor.

«Inaceitável» foi classificada a utilização da declaração de situação económica difícil para despedir parte dos trabalhadores da ANOP.

O plenário considerou ainda que o Governo deve assumir as orbigações resultantes do passivo da empresa, «acumulado nos últimos dois anos devido à não aprovação de orçamento.»

Para os trabalhadores da ANOP, o Governo deverá anular a declaração da empresa em situação económica difícil, «condição essencial para que a agência posssa desempenhar as suas funções com isenção e qualidade» e cumprir os compromissos assumidos na Assembleia da República.

O plenário defendeu «uma estruturação que respeite a estrutura complexa e descentralizada da ANOP e assegure o normal funcionamento das suas delegações.»

A propósito, foi aprovada uma moção reafirmando «a importância da agência nas relações de Portugal com os países africanos de língua oficial portuguesa». Assim, o Conselho de Gerência «deve esforçar-se por ultrapassar as barreiras governamentais à nomeação de delegados da ANOP em Moçambique e Angola, bem como preencher as vagas que se irão verificar na Guiné-Bissau e Cabo Verde logo que termine o contrato dos jornalistas actualmente ali colocados.»

Para o plenário da ANOP a resolução do Governo «é contraditória com as suas sucessivas afirmações de necessidade de poupança de dinheiros públicos, ao financiar duas agências e desisitindo de dotar o País de uma agência noticiosa eficiente e com os meios financeiros adequados.»

Despedir trabalhadores da ANOP será, afirma-se, «imoral, atendendo a que eles não foram responsáveis pelos erros cometidos no sector, pelo que não devem pagar a factura da reestruturação.»

É necessário, afirmou o plenário da ANOP, que o Governo aceite dialogar e «não oiça apenas» a outra agência noticiosa, de tal forma que «adapta as suas decisões às reivindicações daquela agência».

Os representantes dos trabalhadores da ANOP irão transmitir estas posições ao ministro de Estado, Almeida Santos, ao secretário de Estado adjunto, Anselmo Rodrigues, e ao secretário de Estado da Cooperação, solicitar igualmente encontros com os restantes órgãos de soberania e contactar as autarquias das regiões onde a ANOP possui delegações para «os alertar para a possibilidade do seu encerramento.»

Posição do PCP

Entretanto, o deputado comunista Jorge de Lemos entregou um requerimento ao Governo sobre as recentes decisões tomadas pelo Executivo em relação à agência ANOP.

No requerimento, aquele deputado interroga o Governo sobre o motivo por que não rescindiu o contrato com a agência «Notícias de Portugal», uma vez que «tal agência não cumpriu as suas obrigações contratuais, designadamente a alínea a) da cláusula 5 do contrato que determinava a abertura, no decorrer do ano de 1983, de um conjunto de delegações, facto que não se veio a concretizar».

Jorge de Lemos interroga ainda o Governo sobre as razões que o levaram à declaração da agência ANOP em situação económica difícil e se teve em conta «que foi o facto de não terem sido atribuídas à empresa, em 1982, as verbas a que legalmente tinha direito, que estiveram na origem dessa situação».

Aquele deputado afirma também que «o facto de se prever a celebração de um contrato de prestação de serviços entre a ANOP e o Estado, nos mesmos moldes do celebrado com a «NP», não pode deixar de merecer um reparo, já que tal procedimento contraria os estatutos da empresa, aprovados pela Lei 19/78, de 11 de Abril.

Posição do SJ

Também o Sindicato dos Jornalistas opõe-se frontalmente à «solução» encontrada pelo Governo para a ANOP.

Ao declarar a agência noticiosa em situação económica difícil, impondo a redução dos seus efectivos ao máximo de 100 trabalhadores e limitando os seus compromissos para com a ANOP a metade do financiamento orçamentado em 1982, o Governo aplica critérios cegamente economicistas, exime-se às suas responsabilidades para com a informação social estatizada e não resolve nenhuma questão de fundo, apenas dando solução aos jogos de interesse que lhe são internos.

Acentua o SJ que «reduzindo a actividade da ANOP, limitando os meios postos ao seu dispor, fazendo recair – mais uma vez – sobre os trabalhadores as consequências de processos a que estes são completamente alheios, o Governo decreta para a agência um futuro de viabilidade duvidosa e esquece completamente os interesses do País e agrava as dificuldades em que se debate a comunicaçõ social».

Depois de outras considerações pertinentes, o SJ afirma «solidarizar-se com todos os trabalhadores da ANOP, vítimas da decisão arbitrária do último Conselho de Ministros, no seu repúdio às medidas tomadas pelo Governo e reafirma a sua disponibilidade para o debate de soluções que privilegiem a manutenção dos postos de trabalho e a defesa da viabilização das empresas e tenham em conta os interesses nacionais no tocante à necessidade de uma informação que sirva o País e o prestígio a nível internacional».

Firmino Miguel: segundo na hierarquia do Exército

O Conselho Superior de Defesa Nacional deverá confirmar hoje os generais Firmino Miguel e Helmano Rocha para os cargos de vice-Chefe do Estado-Maior do Exército e de comandante das Forças Armadas dos Açores, respectivamente.

Firmino Miguel substituirá, assim, Salazar Braga (que ascendeu à chefia do Estado-Maior do Exército), devendo, também, «provisoriamente acumular» as novas funções com as que detém de ajudante-general daquele ramo. Por seu turno, para a vaga do cargo de comandante-chefe das Forças Armadas na Região Autónoma dos Açores, deixada pelo general Silva Cardoso (Força Aérea), foi indicado o general Helmano Rocha) que desempenhava as funções de segundo-comandante da Região Militar de Lisboa.

A nomeação de um oficial do Exército para chefiar as FA's dos Açores obedece ao princípio da rotatividade. Recorde-se que antes de Silva Cardoso estivera a ocupar aquele lugar o almirante Ziegler Patkoczi, da Armada.

O comércio dos cereais

Continuação da pág. 2

partido), e ninguém sabe se ela existe, é tudo. Além disso, neste caso, e a existir, há uma maneira prática, fácil e eficiente de contornar, como já foi dito, em alguns meios de comunicação social, a forte influência dos grupos de pressão.

Muitas vezes é até o próprio governo do país exportador, para favorecer os produtores nacionais, que pressiona outros governos, pela via diplomática, para colocar a produção nacional, e poderia pensar-se nos Estados Unidos, pois têm dificuldades em exportar tão elevadas produções. Todavia, o caso vertente foge a ser assim tipificado, uma vez que o maior campo de acção dos 5 gigantes do grão (as multinacionais) exerce-se nos EU e este país, fornece a Portugal 95 por cento das importações há muitos anos. Além disso, estes gigantes não passam cartão ao governo dos EU se traduzirmos à letra Dan Morgan em «Les Geants du Grain», Liv. Fayard.

O findar de um ano e o começo de outro leva todas as pessoas, que ainda não perderam o hábito de pensar, a reflectir sobre o ambiente que as rodeia, a ver melhor a cena em que são, ao mesmo tempo, actores e expectadores, para tirarem dessa análise e introspecção interpretações para não viverem alienados.

Para alguns, tudo o que se passa, será, com um encolher de ombros, a fruta do tempo. Como há dias escrevia, Agustina Bessa Luís «muitos choram com as desventuras da telenovela, mas resistem aos redundantes termos da vida moral e cívica a que estão ligados». Mas, para outros, mais dados à reflexão, é um sintoma visível em todo o mundo, que, como tantos outros, integra o quadro clínico de uma sociedade doente, de uma civilização que alcançou o ponto de viragem para o declínio, como aconteceu nas civilizações que nos antecederam, ao satisfazerem, pelo menos a classe dirigente, todos os anseios que a tecnologia do tempo lhes permitia. E o avanço tecnológico dos nossos dias é tão grande que a realidade anda à frente da ficção, tornando impossível o aparecimento de outro Júlio Verne.

A orgia de corpos da Roma decadente encontra a sua tradução actual na orgia das consciências.

JS foi ao ministro Veiga Simão

Quem trava o debate público sobre o Plano Energético Nacional?

Veiga Simão garantiu ontem à Juventude Socialista que «desbloquearia o acesso aos textos completos do Plano Energético Nacional» (PEN), caso continuassem a verificar-se dificuldades de consulta.

Uma delegação do secretariado da JS manifestou a Veiga Simão que «o debate público sobre o PEN não está a ser vivo, aberto e produtivo como seria desejável», pois diversas organizações interessadas nisso queixam-se de problemas de acesso ao documento completo.

O ministro da Indústria e Energia, tendo em conta «esses entraves», marcou nova audiência com membros da JS para 12 do corrente, altura em que a questão será debatida de forma mais exaustiva nos seus múltiplos aspectos».

Na reunião foram abordados alguns «pontos de vista» de parte a parte sobre o PEN, mas «não houve qualquer análise conclusiva», tendo-se insistido no de facto de que, «sem uma apreciação global e profunda do plano, não se pode discuti-lo em termos sérios» e «é preciso criar condições para isso» – acrescentaram.

Para a JS há razões de carácter económico e político que apontam para a recusa do Plano Energético Nucelar em Portugal. No primeiro caso, sublinham, o PEN expressa uma «sobrevalorização da previsível procura de energia», e as «previsões de evolução económica da OCDE apontam para uma procura de energia muito menor do que a indicada no documento».

De acordo com a JS «não estão devidamente consagradas no plano todas as hipóteses de alternativa à opção nuclear, até porque para nós o objectivo deve ser a diversificação das fontes energéticas, que a adopção do projecto nuclear impede pelas suas características técnicas», uma vez que os reactores só são «rentáveis a partir de determinada potência».

A delegação da JS que ontem se avistou com o ministro da Indústria e Energia acrescentou que «a nível nacional a opção nuclear não garante a independência económica e tecnológica» a Portugal, uma vez que os países «hoje exportadores de energia nuclear, como os Estados Unidos, só pretendem colocar a sua tecnologia no exterior por internamente essa opção energética» já não ter cabimento.

Em termos políticos, referiram, «a opção nuclear é contrária à descentralização e regionalização da produção, o que poderá ser conseguido com outras fontes de energia», desde o carvão «ao aproveitamento total dos recursos hídricos, de gás natural e aos aproveitamentos locais de energia solar ou eólica».

Depois de sublinharem a necessidade de criarem sociedades «em que a produção e o consumo estejam melhor distribuídos», os representantes da JS referiram as «desde sempre tidas em consideração preocupações ecológicas».

Objectivo pescas

Conversações com a Mauritânia decorrem positivamente

As convrsações pesqueiras entre o Secretário de Estado português das Pescas e o Governo Mauritano «estão a decorrer positivamente» – afirmou hoje à ANOP uma fonte oficial mauritana.

Faria dos Santos chegou terça-feira a Nouakchott para conversações com o Governo mauritano tendo em vista principalmente, pôr em marcha a constituição de uma sociedade mista luso-mauritana que beneficiaria bastante a actividade da Companhia Portuguesa de Pescas (CPP) nacionalizada.

O Governo presidido por Mário Soares decidira, em Julho passado, encarar de frente o contencioso pesqueiro com a Mauritânia propondo-se ao pagamento, por fases, da dívida da CPP.

Para despoletar esse contencioso pesqueiro com a Mauritânia deslocou-se a Nouakchott o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, que conseguiu o acordo dos dirigentes mauritanos.

Jaime Gama conseguiu, por outro lado, trazer a Portugal em visita oficial, o homólogo mauritano, em Outubro passado, durante a qual foi assinado em Lisboa um acordo de cooperação.

A viagem de Faria dos Santos à capital mauritana tem em vista agora prosseguir contactos havidos a nível oficial entre os dois governos por um lado, e, por outro, proceder aos necessários contactos com os dirigentes mauritanos para a constituição da sociedade mista.

Segundo o Ministério do Mar

Companhia Portuguesa de Pescas tende à viabilização

Três Ministérios estão a estudar a situação da Companhia Portuguesa de Pescas (CPP) tendente à sua viabilização — disse o porta-voz do Ministério do Mar.

O mesmo informador adiantou ser provável a tomada de uma decisão até meados de Janeiro.

O caso da CPP, que é uma empresa nacionalizada, tem vindo a ser analisado atentamente, segundo o porta-voz, pelos ministros do Mar, das Finanças e do Plano e do Trabalho e Segurança Social.

O informador notou que a viabilização da CPP passa pela resolução do contencioso pesqueiro com a Mauritânia, o qual foi encarado pelo Governo. O pagamento da dívida à Mauritânia permitirá segundo afirmou, activar a frota da CPP, por um lado, e por outro, viabilizar a empresa.

O acordo com a Mauritânia, já conseguido pelo Governo português possibilitará a colocação de sete refrigeradores e dois congeladores na Mauritânia, assim como a constituição de uma sociedade mista luso-mauritana.

A CPP tem actualmente cerca de 600 trabalhadores e uma frota de 25 barcos, três dos quais pertencentes à Secretaria de Estado das Pescas, que tem estado paralisada desde Julho de 1982.

Segundo a União dos Sindicatos do Distrito de Setúbal (afecta à CGTP–Intersindical), a CPP tem uma dívida de 90 mil contos de salários em atraso aos trabalhadores.

O Rissol da Esperança
de Joaquim & Ribeiro
RESTAURANTE • CERVEJARIA • PASTELARIA
RUA DA ESPERANÇA, 96 a 96-A TELEF. 66 00 40 1200 LISBOA

assembleia da república

"Estou banzado!"

Defesa Nacional e Advogados em debate

«Estou banzado». Foi com estas palavras que o deputado comunista Lino Lima comentou a apresentação ontem na Assembleia da República de um pedido de urgência para a votação de uma autorização legislativa ao Governo para regulamentar o exercício da advogacia.

Mas esta expressão poderia traduzir também a reacção de qualquer observador à actividade ao PSD ontem em S. Bento, no primeiro dia de trabalhos do Parlamento, em 1984.

Nos bastidores os sociais-democratas vêm desenvolvendo fortes pressões no sentido de o PS não votar, nem apresentar sequer, qualquer proposta no sentido de legalizar o aborto. Nem mesmo uma regulamentação recuada, semelhante à espanhola, é aceitável pelo PSD. Ontem mesmo, os socialistas foram avisados de que o PSD está firme nesta decisão, durante uma reunião conjunta para afinar a estratégia parlamentar da coligação no poder. Reunião que irá continuar hoje de manhã, sem que se saiba, ainda, se o PS manterá a sua iniciativa, ou se, em nome da estabilidade da coligação, vai mais uma vez recuar.

Mas este «dinamismo» de bastidores tem como contrapartida uma enorme abúlia em público. No hemiciclo, nem uma só voz do PSD se ergueu para defender o principal dirigente social-democrata, que é também vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa. No entanto, Mota Pinto sofreu ontem um dos mais severos ataques feitos a um membro do Governo, quando foi veementemente criticado pelo deputado da UEDS, César Oliveira, por ser incapaz de gerir o seu Ministério.

As preocupações do ministro, segundo aquele deputado, são as paradas, passar revista às tropas, participar em reuniões e demitir o chefe do Estdo-Maior do Exército. Quanto a uma real submissão das Forças Armadas ao poder político, mais nada se vê. Perante estas acusações, o PSD manteve-se em silêncio. Incompetência dos parlamentares ou estratégia deliberada? Não se sabe. Mas a verdade é que o PSD navega hoje em águas turbulentas, com o Congresso de Braga à vista..

Voltando ao «Estou Banzado!» – essa expressão também poderia ser reacção à participação do socialista José Luís Nunes no debate sobre o pedido de urgência para o Estatuto do Advogado, que se iniciou ontem e se conclui amanhã.

O PCP apresentou-se no hemiciclo com toda a «artilharia pesada» apontada ao pedido do Governo. Primeiro em perguntas formuladas ao ministro da Justiça, que apresentou o projecto, pelos deputados, Lino Lima, Odete Santos, José Magalhães e José Manuel Mendes, depois numa intervenção deste último, os comunistas denunciaram em primeira linha, que o pedido de autorização constitui uma clara interferência governamental no processo eleitoral em curso na Ordem dos Advogados, a favor da sua actual direcção.

Mas para o PCP, a intenção do Governo vai também contra o texto constitucional. Estando prevista desde a última revisão a criação de associações públicas de carácter profissional, o caminho lógico seria a aprovação primeiro de uma lei quadro, depois a adaptação das regulamentações das Ordens existentes aquela lei, estruturando-se autonomamente e ficando para o Governo o exclusivo das normas respeitantes ao exercício da profissão, às condições de acesso e ao regime de incompatibilidades.

A tentativa de rever o Estatuto dos advogados, é para o PCP uma forma de manter uma instituição de natureza corporativa, e mesmo, um retrocesso em relação à legislação sobre os actos eleitorais na Ordem dos Advogados aprovada em 1974 e aplicada também em 77 e em 80.

Durante o debate, José Luís Nunes interrompeu, gesticulou, protestou, quis intervir quando só se podiam fazer perguntas. Por fim, falou para apoiar a proposta governamental, embora tivesse reticências não especificadas ao projecto que o Governmo se propõe aprovar. E justificou o seu apoio afirmando que se justifica a urgência para evitar que as «tendências dos pescadores de água turvas» se aproveitem de um vazio legislativo (que não existe); e que é de permitir a autorização legislativa porque já assim se procedeu com o Estatuto dos Magistrados (que nada tem a ver com esta questão) além de que sempre a Assembleia poderá evocar poderes regulamentadores através da ratificação de decreto-lei!

O futuro líder parlamentar do Partido Socialista não deu um único argumento sério para defender antes limitou-se a defender a idoneidade da Ordem, que ninguém tinha posto em causa, e a fazer flores de retórica política que, naturalmente, esvaziaram o debate

O qual irá continuar amanhã, esperando-se que então se fale de algumas questões importantes do projecto do ministro Rui Machete, como o regime de incompatibilidades, o estágio (onde desaparecem os candidatos à advogacia para surgirem os advogados estagiários) e as limitações à liberdade de expressão dos advogados, no projecto muito próximas das aplicadas aos militares na Lei de Defesa Nacional.

Uma curiosidade final – o ministro Rui Machete é do PSD, e nem um deputado do PSD defendeu o seu projecto.

«Estou banzado!»

J.M.V.

César Oliveira (UEDS)

Ministro da Defesa adia tudo por um ano

O deputado César Oliveira, da UEDS, criticou ontem na AR o ministro da Defesa Mota Pinto, acusando-o de até agora apenas se ter preocupado com a demissão do CEME.

«(...) Ou seja, devido ao atraso inexplicável do Ministério da Defesa na publicação ou apresentação dos diplomas atrás mencionados e nomeadamente devido à ausência da proposta das grandes opções do **Conceito Estratégico de Defesa Nacional** tudo será adiado, pelo menos por um ano. **Tudo** é, srs. deputados, um conjunto de diplomas e de tomada de opções que exprimem, de facto, seja o controlo do político sobre o militar seja a subordinação completa das Forças Armadas portuguesas à vontade política representada pelos deputados e pelo Governo.

«Pode dizer-se até que, pelos vistos, sr. presidente e srs. deputados, o entendimento que o sr. ministro da Defesa Nacional tem do controlo do político sobre o militar e da subordinação das FA à vontade política expressa da AR e do Governo se resume, afinal e tão pobremente, à exoneração e nomeação de chefes de Estado-Maior, a passar umas tantas revistas às tropas em parada, a sentar-se à mesa de umas tantas reuniões. É uma concepção que se fica apenas por aquilo que podemos designar por «meros sinais exteriores de controlo sobre as FA», isto é, o sr. ministro, o Governo e os próprios deputados não controlam nada do que é realmente importante, porque ministro da Defesa Nacional por um lado e deputados, via maioria parlamentar por outro lado, não ousarem transformar, ainda que no mínimo dos mínimos, o «status quo» das Forças Armadas. (...)

«(...) **Que Forças Armadas e providas de que meios necessita o País, para que se cumpram os objectivos que a sua vontade política lhes definiu? (...)**

«(...) Admito, sr. presidente e srs. deputados, que grupos de pressão ao serviço de interesses que desconheço actuem de modo a concretizar conceitos que sistematicamente obriguem à adopção de meios aéreos que não têm em conta as consequências da racionalidade de critérios que devem presidir à definição de uma política de defesa nacional que sirva, de facto e tão-só, os interesses do País; admito, ainda, que por receios ou por submissão voluntária uma certa lógica cooperativa da instituição militar o Ministério da Defesa Nacional seja incapaz de inovar e de propor legislação em plena consonância com a Lei de Defesa Nacional ou tenha medo de propiciar uma discussão parlamentar que obrigue a opções contra os interesses de casta, grupo ou dos «lobbies» (militares e civis) que proliferam e têm interesse na manutenção do «status quo». Nós, parlamentares, que revimos a Constituição da República, que aprovámos a Lei de Defesa Nacional e que, por definição, assumimos a competência global que envolve, nos termos constitucionais, a subordinação da esfera militar às instâncias políticas, nós, deputados eleitos pela vontade política dos cidadãos, não poderemos eximir-nos às nossas próprias responsabilidades ou continuar a pactuar com a obscuridade permanente que cobre toda esta problemática. Isto é, o sr. ministro da Defesa Nacional, em quase sete meses que leva à frente deste Ministério, produziu apenas um orçamento que segue à risca os anteriores, presidiu a algumas paradas militares, passou revista a algumas tropas, assistiu a uma dúzia de reuniões em que se tratavam assuntos militares, e propôs a exoneração do Chefe do Estado-Maior do Exército. Foi apenas um utente apagado dos sinais exteriores, e de resto secundaríssimos, de controlo do militar pelo político.»

em duas palavras

«Semana da Amendoeira» na vila de Foz Côa

Uma quinzena dedicada à floração da amendoeira realiza-se em Vila Nova de Foz Côa no distrito da Guarda na próxima Primavera. A iniciativa é da Associação Cultural de Foz Côa e destina-se a promover a região turisticamente, aproveitando a ocasião da floração das amendoeiras. A amêndoa constitui, nesta zona, uma das principais actividades agrícolas da população.

Escola da Covilhã faz cem anos

O Conselho Directivo da Escola Técnica «Campos Melo», da Covilhã, adiou para 8 de Janeiro as comemorações alusivas ao primeiro centenário da fundação da escola, que deveriam ter principiado ontem. As comemorações vão ter a presença do ministro da Educação, José Augusto Seabra. As iniciativas programadas integram uma sessão solene presidida por aquele governante e o descerramento de uma lápida no jazigo de Campos Melo, patrono da escola.

Castelo Branco não quer depender de Santarém

A Assembleia Distrital de Castelo Branco repudiou uma preconizada dependência deste distrito relativamente a Santarém no sector da saúde – soube a ANOP de fonte oficial. A deliberação, aprovada na última sessão deste órgão distrital, protesta contra a transformação do Hospital Distrital de Castelo Branco em Sub-Regional, com subordinação a Santarém, cujo hospital teria a categoria de regional. A futura regionalização da saúde e suas implicações neste distrito voltarão a ser analisadas em 16 de Janeiro, em reunião extraordinária da Assembleia Distrital.

Fafe: orçamento/84 é de 400 mil contos

A Assembleia Municipal de Fafe aprovou, com os votos dos deputados socialistas, o Plano de Actividades e Orçamento do Município, num total de 400 mil contos. O Plano da Câmara prevê o lançamento de uma nova central de camionagem e de uma via de cintura rodoviária na vila, assim como a construção de um mercado municipal. Por outro lado, a Assembleia Municipal aprovou por unanimidade a adesão do concelho de Fafe à futura Comissão Regional do Turismo, cuja sede poderá vir a ser na cidade de Braga

Citânia de Sanfins: museu vai abrir

O museu arqueológico da Citânia de Sanfins será inaugurado em 14 de Janeiro – anunciou a Câmara Municipal de Paços de Ferreira. O ministro da Cultura, Coimbra Martins, presidirá ao acto inaugural, em que o bispo-auxiliar do Porto, D. Domingos de Pinho Brandão, apresentará uma comunicação sobre a Citânia de Sanfins.

Grande Oriente Lusitano

Declaração

O Grão Mestre do Grande Oriente Lusitano Unido (Maçonaria Portuguesa) dadas as referências – algumas delas bastante graves para que possam passar em claro sem a firme condenação das respectivas fontes de informação – que vêm sendo feitas em diversos Orgãos da Comunicação Social a acontecimentos de maior relevância da vida interna da Ordem Maçonica, vê-se na contingência de tornar público que, como a mais alta autoridade, que é, do G.O.L.U., condena a actuação de tais informadores, por conducente à criação de uma falsa imagem da prestigiosa, tradicional e secular Instituição.

Muito lamentavelmente, abriu-se um deplorável debate público de caracter eleitoralista e não só, já agora imperseal, o qual além de absolutamente contrário ao bom espirito maçonico e aos mais elementares deveres dos Maçons, apenas, ao ultrapassar uma normal discrição, serve os interesses dos inimigos da Ordem Maçonica, quem sabe se alguns deles já, infeliz e inadvertidamente, admitidos nela após a destituição da Ditadura, a restauração da democracia, a revogação da lei das Associações e a libertação do povo português das garras da reacção, em 25 de Abril de 1974.

Quanto a uma qualquer suposta conferência de imprensa (ref. do Jornal "A Tarde", de 2 do corrente), a realizar por um pretenso "Primeiro Ministro" do G.O.L.U. aqui fica expresso que o Grão Mestre – chefe do Poder Executivo – não só a não autorizou, como se oporá por todos os meios ao seu alcance, a que a mesma tenha lugar, impondo-se, aliás, esclarecer aqui que retirou já anteriormente a sua confiança institucional ao Maçon assim, estranhamente e sabe-se lá com que intuitos, denominado.

Lisboa – Palácio Maçonico aos 3 de Janeiro de 1984

O Grão Mestre em exercicio
(A. Adão e Silva) 1973 [illegible] 4 10:49

O «fac-simile» da declaração do dr. Adão e Silva

Grão-Mestre da Maçonaria proibe conferência de Imprensa

O Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano Unido, Adão e Silva, divulgou ontem que não autorizou e se oporá «por todos os meios» a uma anunciada conferência de Imprensa de um seu pretenso primeiro-ministro».

Num comunicado, Adão e Silva esclarece também que «retirou já anteriormente a sua confiança institucional, ao presidente do Grande Conselho da Ordem, Fernando Teixeira, que, segundo alguma Imprensa, se disporia a dar a referida conferência de Imprensa, na quinta-feira.

Está neste momento em curso o processo eleitoral do novo Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, tema que tem merecido a atenção de meios de comunicação, por vezes com grande pormenor sobre os acontecimentos internos da Ordem.

O Grão-Mestre maçónico considera «bastante graves» as referências em órgãos de comunicação sobre «acontecimento da maior relevância da vida interna da ordem maçónica» e condena actuação de tais informadores, por conducente à criação de uma falsa imagem da prestigiosa, tradicional e secular instituição».

O Grão-Mestre, Adão e Silva, considera que se abriu «um deplorável debate público de carácter eleitoralista, o que além de absolutamente contrário ao bom espírito maçónico e aos elementares deveres dos maçons» serve «os interesses dos inimigos da ordem maçónica».

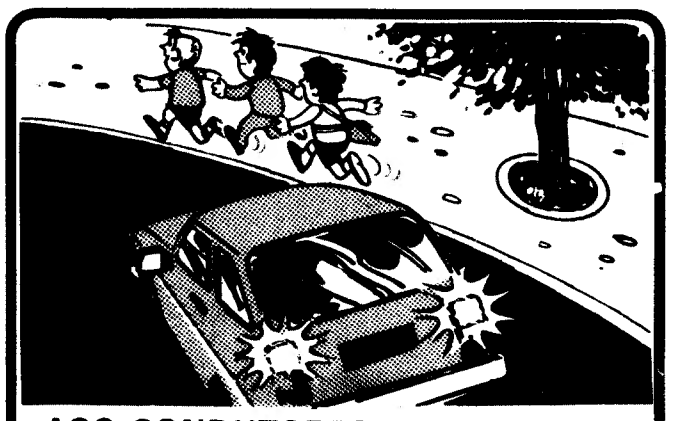
Referindo-se a estes, Adão e Silva põe em dúvida se «alguns deles» não terão sido admitidos na Ordem «infeliz e inadvertidamente após a destituição da ditaura, a restauração da democracia, a revogação da lei das associações e a libertação do povo português das garras da reacção em 25 de Abril de 1974.

O. Marques remete para Adão e Silva

Numa tentativa de contribuir para o esclarecimento de algumas notícias vindas a público sobre o processo eleitoral da Maçonaria, contactámos esta manhã com o dr. Adão e Silva, actual Grão-Mestre, e com o prof. Oliveira Marques, dado como o novo Grão-Mestre Adjunto.

No primeiro caso, Adão e Silva, apesar da simpatia com que nos atendeu, nada adiantou. Limitou-se a remeter-nos para o documento oficial por si emitido e que acima publicamos. Noutra oportunidade, disse, poderá vir a falar. Agora, não.

Quanto ao prof. Oliveira Marques: explicou que aos elementos da Maçonaria é formalmente interdito prestar declarações públicas, não se quis pronunciar sobre o que os jornais têm vindo a revelar (os documentos vindos a público são resultado de fugas, não estão autenticados, não são, digamos, documentos oficiais da Maçonaria) e remeteu-nos para o actual Grão-Mestre.



Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

Projecto Alcácer - um salto para o futuro (fim)

No calcanhar do mundo...

Aqui é o calcanhar do mundo. Tinham-se passado quase cinquenta quilómetros de solavancos, de paisagem monótona, rasa de infinitos, desde que partimos do centro da vila de Alcácer. Manhã cinzenta. O calcanhar do mundo na expressão da educadora Isolina ée aqui, em Rio de Moinhos. Nem uma centena de casas pequenas, de um piso só, modestas, uma cooperativa, uma igreja, uma escola primária, duas tabernas, apenas dois telefones — o público que se avaria com facilidade e o da cooperativa — e um centro de educação infantil, instalado numa casa pequena.

As crianças aprendem a dominar o seu espaço

ACOMPANHAMOS um grupo de educadores africanos que vieram conhecer o projecto Alcácer. Isolina Grosso faz as honras da casa, sorriso a transbordar do rosto farto, enquanto dois putos estão à janela, olhos arregalados, narizes empastados na vidraça. A entrada é pela cozinha. «Como está!? Cheira bem» — a cozinheira alegra-se com a lisonja.

Da cozinha passa-se ao infantário, quarto minúsculo, aí oito metros quadrados, se tanto. Uma janelita mal deixa passar a luz do dia. Alguns berços com bebés, outras crianças pelo chão. Têm todas menos de três anos.

«Canto, faço festas com as mãos para que elas tenham reacções» — explica a educadora Vitória. As crianças ficam pouco tempo nos berços. «Deito-as no chão, em cima dos cobertores, por causa de se desenvolverem melhor». Vitória é daquelas pessoas que gosta do que faz. «Quando os bebés vêm pela primeira vez eu não faço as coisas à balda, não. Eu pergunto às mães como são os bebés, que reacções têm e de que é que gostam».

Os putos guiam e explicam

No outro quarto, um pouco maior, funciona o jardim infantil, para as crianças dos 3 aos 6 anos. Aqui quem nos guia são já as crianças. Felizes. O Hélder, o Tiago, a Anália...(outros faltaram — a frequência é, de resto, bastante instável). Mostram-nos toda a sala, tintim por tintim. Os materiais — papéis, lápis, pincéis, plasticina, etc. — estão à mão. Cada um tem o seu cabide, com o respectivo símbolo — um veado, um elefante, um cão, um gato...«Estes cabides têm uma dupla função a individualização de cada um no grupo; e a responsabilização perante as tarefas» — esclarece um dos técnicos do projecto. Pelas paredes, muitos desenhos espalhados.

«A vida passa muito pelas paredes, pelas memórias das crianças. Antes, os placardes estavam muito para cima, foram colocados mais para baixo e as crianças já os utilizam por sua própria iniciativa» — tinha-nos dito o director do projecto.

Depois de tudo devidamente explicado, o «centro» não acaba ali. Prolonga-se pela aldeia («Antes os centros estavam de costas voltadas para a comunidade»). E por isso elas, as crianças, levam-nos a conhecer a sua aldeia. O Hélder, um dos cincerones quer mostrar-nos a sua casa nova. São quatro anos de olhos verdes. ...-os. «Onde foi que arranjaste esses olhos?» «Arranjou-os o meu pai» — e ri-se, olhos postos lá adiante, na casa nova. Aqui é isto, ali é aquilo. O largo da «festa».

O director do projecto: «O embrião do sistema formação-inovação começa a germinar...»

Mais atrás, a cooperativa. Além, o novo edifício do centro – o maior da aldeia – cuja inauguração tarda. Ali a casa da Anália.

Chovisca. É o retorno ao centro. Os sacos de plástico que as crianças traziam vazios, quando saíram, levam coisas diversas, apanhadas aqui e além. São pequenos troncos, caricas, folhas... («Quanto a material, será preciso ir além daquilo que as crianças têm no seu meio?» – interrogava-se o prof. Bártolo Paiva Campos).

A visita tinha sido preparada pelas próprias crianças. «Vamos mostrar-lhes as paredes, os telhados, o arroz e os homens da aldeia» – dissera dias antes o Tiago. Como ele todos os outros fizeram desenhos sobre o que gostariam de mostrar e as educadoras escreveram o que eles diziam. A Alexandra quis levar-nos a casa para vermos a mãe a fazer os bolos. Quer também mostrar o pai na ceifa, com a vaca. Mais: quer mostrar o local onde estão «as rãs, os sapos e as cobras, onde a gente toma banho no Verão». O Nuno, o casão com a bandeira da festa. O Hélder, a casa nova.

A casa virada do avesso

Conceição Lopes, educadora da equipa do projecto explica-nos: «As crianças escolhem a forma de registar o que fizeram ou querem fazer. As educadoras acompanham e anotam os aspectos que lhes parecem mais significativos».

Isto mesmo se verifica daí a pouco: as crianças vão registar a visita que acabaram de fazer.

«Antes não era nada assim» – reforça a educadora Isolina que é também directora do centro. «Não havia registos do que se passava e a maior parte do tempo as crianças estavam aqui dentro. E se saíam não aproveitavam» – acrescenta. «Agora, quando saímos, umas vezes são eles a darem as ideias, outras vezes somos nós». Segundo Bártolo Paiva Campos, «uma das razões das actividades na comunidade é capacitar as crianças para as tarefas próprias do seu desenvolvimento».

Antes, as crianças olhavam, mas pouco ou nada viam. «É espantoso ver o olhar delas sobre as coisas da aldeia. Viam-nas todos os dias e não reparavam» – sublinha Conceição Lopes. Bia, outra educadora do centro de Rio de Moinhos é radical: «Isto foi como virar a casa do avesso. O que era antes e o que é agora!! «Antes, prossegue ela, isto era só um lugar onde as crianças ficavam enquanto as mães iam trabalhar».

Era outro tempo. A maioria dos centros tinha surgido com o 25 de Abril. Sem dúvida que por necessidade (as mulheres passaram a ter mais trabalho) mas tambémpor imitação do padrão urbano. Em 1975 chegou a ser entregue material importado da Suécia pelo Governo... Resultados?

Dessa época, não há marcos. A referência em Alcácer é 1981, (antes e depois), quando se iniciou o projecto. «Os indicadores da educação são sempre feitos em relação aos meios e não aos resultados, mas deveria ser ao contrário» – assinala o director do projecto.

«Nesse tempo (no **antes**), frisa a educadora Isolina, as crianças aproveitavam os materiais para os destruírem e baterem-se uns aos outros. Agora já conseguem estar sossegadas a brincar». Bia, que tem também a 4.ª classe retoma a palavra: «Se me atraso, quando chego as crianças já estão a fazer qualquer quer coisa». Isolina: se as crianças querem fazer coisas dispersas, eu digo 'vamos-nos juntar à mesa e vamos discutir quem é que quer fazer plasticina, desenhar ou brincar com os tractores etc., e a maioria é que decide. Consigo juntá-los a todos».

Um princípio começa a implantar-se: «As ideias das crianças também dão projectos educativos».

Os escaravelhos são «elefantes»

Casebres é outra aldeia distante. O centro infantil, um edifício novo, fica a um canto da comunidade. Espaço não falta, ao contrário do que acontece em Rio de Moinhos. As crianças tinham ido passear. Na volta entretêm-se com a caça aos «elefantes». **Escaravelhos** – emenda a educadora. A caça transforma-se brincadeira entre todas as crianças. A coragem do Zé Pedro não elimina o receio de alguns. Mas todos acabam por trazer na mão um escaravelho vivo, embrulhado num papel.

No centro, à volta de duas mesas hexagonais, as crianças falam da caça aos «elefantes». Desenham, criam, dão nomes a cada um deles e marcam horas para lhes darem de comer. «Fantasiar o real é importante para a criança» – defendem vários autores.

A função de guarda que apenas tinham estes centros parece ir longe. As actividades são discutidas, são planeadas e participadas.

José Henriques, pai e director do centro de Casebres, fala-nos das diferenças entre um tempo e o outro. «Antes a gente nem tinha reuniões. A gente encontrava-se na taberna e, se havia algum problema, havia um director que resolvia. Agora, não. Agora temos reuniões todos os meses e várias durante a semana se for preciso».

Antes, a sensibilidade deles, pais ou directores, era também diferente. Nem se apercebiam das necessidades. «Antes a Segurança Social só vinha aqui se a gente a chamasse. Muito pronta, dizia: quando vocês precisarem a gente estamos à disposição dos centros. Havia muitas coisas que a gente pensava que não era necessário chamar e agora com o projecto vemos que afinal fazia falta» – palavras de José Henriques.

O futuro ainda incerto

Continuar ou não para além do termo inicialmente previsto para o projecto é uma questão que se tem colocado a todos quantos estão envolvidos nesta experiência. Que não é difícil a prorrogação pelo menos por mais um ano, isto é qara 85, é a própria dr.ª Rosa Macedo, da Gulbenkian a dizer-nos. A Fundação Van Leer está aberta a isso e a Gulbenkian também. «É necessário continuar» – afirma-nos aquela responsável pelo departamento de Educação da Gulbenkian. A Van Leer, instituição holandesa virada para a elaboração de projectos educativos em vários países aplicou, tal como a Gulbenkian, dez mil contos no Projecto Alcácer.

Havendo luz verde para o projecto continuar a questão depois será saber como e onde. Tanto pode ser na mesma zona como noutra – di-lo o director do projecto. «Se fosse na mesma serviria ainda para continuar a im-

Continua na pág. 18

Qual o futuro da educação pré-escolar em Portugal?

O ensino pré-escolar não está generalizado entre nós, mas há diversas experiências espalhadas pelo País. Ou melhor haverá mais instituições que experiências. Daí a pergunta: a alteração qualitativa da situação presente passa, hoje, mais pela generalização do ensino pré-escolar ou por uma mudança significativa nas instituições existentes?

A questão foi colocada às duas técnicas que, no terreno, estão mais directamente ligadas ao projecto Alcácer: Isabel Silva e Guilhermina Miranda. Optaram pela resposta conjunta. A que se segue:

«A resposta a esta questão passa por vários aspectos: sociais e científicos, por um lado; e político-económicos e culturais, por outro.

«Quanto ao primeiro campo e pelo que actualmente se sabe sobre as necessidades do desenvolvimento infantil, a frequência de uma instituição pré-escolar a partir dos 3-4 anos é de grande importância. Entretanto pensamos que, hoje em Portugal, a maioria das pessoas, principalmente em zonas rurais, ainda vê a educação infantil fora do ambiente familiar unicamente como resposta a uma necessidade social – o emprego feminino. Se o trabalho pago é ao mesmo tempo uma necessidade social e um direito das mulheres, a educação das crianças fora do ambiente familiar, se não prejudica a criança dos 0 – 3 anos, desde que haja estruturas preparadas para isso, é altamente benéfica para as crianças dos 4 – 6 anos, não como substituto do ambiente familiar, mas como complemento das aprendizagens que esse ambiente proporciona.

«Parece-nos uma questão a ser esclarecida e discutida neste País a nível da opinião pública antes de se generalizar a educação pré-escolar, pois, com a crise actual do emprego feminino, se não houver esta sensibilização, correr-se-á o risco de generalizar a educação pré-escolar para não ter clientes.»

A comparação

«Actualmente em Portugal os números oficiais apontam para uma cobertura institucional de 15 a 20% das crianças dos 3 – 6 anos, sendo o concelho de Alcácer do Sal o único caso onde há uma capacidade institucional para acolher 40% das crianças dos 0 – 6 anos.

«Se compararmos com a capacidade de cobertura institucional e a flexibilidade de atendimento de alguns países da Europa, que em alguns casos, como por exemplo na Bélgica e na França, têm uma frequência efectiva que se aproxima dos 100% ao nível dos 4 – 5 anos, verificamos que a cobertura existente e a flexibilidade de respostas no nosso País está muito aquém dos outros países europeus (cobertura não é a mesma coisa que frequência efectiva).

«Um estudo muito recente do GEP (1979) aponta para a necessidade de formar 20 000 educadoras para atender a população portuguesa dos 3 – 6 anos. Em 1981 as escolas de formação existentes conseguiam formar cerca de 1000 por ano...

«A generalização passa também por **opções político-económicas** cuja decisão não depende dos investigadores, mas para as quais a sua opinião deveria ser ouvida (caso do Reino Unido em que as reformas educativas se baseiam em «survey» (estudos) prévios).

«A generalização prende-se ainda **com a formação.** Ora, através de uma formação inicial não é possível responder neste momento às necessidades do País. Além disso, educadores e/ou professores colocados a nível nacional tem como consequência a mobilidade, absentismo e falta de implicação na realidade local.»

A alternativa

«Como alternativa temos a formação em exercício do pessoal já profissionalizado, mas pricipalmente do não-profissionalizado que existe, ou poderia existir, alargando progressivamente aos pais a formação em serviço. É nesta perspectiva que se insere o Projecto Alcácer, alternativa de formação em serviço para pessoal não profissionalizado que possa ser divulgada e generalizada ao nosso País. A procura de metodologias de formação em serviço dos agentes educativos locais, se tem vantagens, encontra algumas dificuldades: tensões e conflitos próprios das pequenas comunidades (já documentado na literatura sobre o assunto) e ainda no caso português, o baixo nível cultural da nosssa população.

«A nossa experiência permite-nos afirmar que é possível superar estas dificuldades através de metodologias adequadas de formação e intervenção comunitária em que a formação de agentes locais capazes de proporcionar oportunidades educativas mais ricas às crianças, permite ao mesmo tempo influenciar o nível cultural da comunidade através do aproveitamento, gestão e rentabilização dos recursos locais, materiais e humanos.»

Função Pública

CNS vai propor acções pela satisfação das reivindicações e contra o "pacote Almeida Santos"

A comissão negociadora sindical da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública, ontem reunida, decidiu incentivar a realização de plenários de trabalhadores em todos os sindicatos e propor ao plenário de sindicatos, que se realiza no próximo dia 10, um conjunto de acções de luta a desencadear no decurso do corrente mês, caso o Governo não dê satisfação às reivindicações apresentadas e persista na intenção de publicar os decretos recentemente aprovados, visando o despedimento de trabalhadores.

Das acções que serão propostas aos sindicatos, segundo um comunicado da CNS da Frente Comum, destacam-se: a realização de uma manifestação em Lisboa e de concentrações noutros locais, como Porto e Coimbra, no próximo dia 19; e um vasto programa de acções de mobilização, esclarecimento e agitação pública, na semana de 23 a 28, incluindo a marcação de um dia de luta nacional.

Na reunião de ontem, a CNS debateu as consequências para os trabalhadores da administração central, regional e local, das últimas iniciativas legislativas do Governo, «já conhecidas como **pacote Almeida Santos** e preparou a reunião do próximo dia 6 com o secretário de Estado da Administração Pública.

A CNS «repudiou uma vez mais o conteúdo dos decretos aprovados unilteralmente pelo Governo, considerando que os mesmos visam criar na administração um clima de generalizada intimidação, que favoreça e permita o despedimento de milhares de trabalhadores e a restrição de direitos fundamentais».

Reafirmou, por isso, «a sua exigência de que o Governo não publique estes decretos, antes procedendo à sua negociação com os sindicatos, bem como a sua disposição de solicitar a todos os grupos parlamentares, que estes diplomas baixem à Assembleia da República, para ratificação».

E no que se refere à reunião com o secretário de Estado, a CNS da Frente Comum manifestou a exigência de que dela «saiam resultados concretos e não um novo adiamento da negociação dos salários. Reafirma a justeza da proposta de 25 por cento de aumento, apresentada em Outubro ao Governo, «ainda mais justificada pelo vertiginoso aumento de preços ocorrido no fim de 1983 e pelo seu, mais que certo, agravamento no início de 1984».

Por último, a CNS recorda que, «o conjunto de 12 medidas entregues ao Governo, contêm ainda reivindicações fundamentais para os trabalhadores — como as carreiras, vínculos, segurança social e social-complementar — que devem ser calendarizadas e negociadas com os sindicatos».

Mármores do Condado quer despedir a comissão de trabalhadores

A Empresa Mármores do Condado, de Pêro Pinheiro, enviou na passada sexta-feira, aos três elementos da comissão de trabalhadores (CT) uma nota de culpa, com intenção de despedimento. De referir que um desses elementos, que é também delegado sindical, encontra-se suspenso desde Outubro do ano passado, sob a alegação de não ter «cumprido ordens dadas por superiores hierárquicos». Na nota de culpa a administração diz que aqueles trabalhadores «quebraram o sigilo relativamente a informação sobre a situação económica e financeira da empresa».

Mas o que se passa concretamente é que a situação da empresa, que se dedica à extracção e comercialização de mármores, tem vindo a degradar-se e o seu passivo começou a agravar-se em Maio de 1983, enquanto a administração alegava ter pendente um contrato de viabilização no Banco Totta & Açores.

Entretanto a CT, na posse de documentos fornecidos pelo CA, de que é presidente Maria Fernanda Cunha, constatou que a política de preços da empresa se encontrava «muito aquém da praticada no mercado» (mantinham-se os preços de 1981), o que lesava não só os interesses dos trabalhadores como os da própria Mármores do Condado. Em face desta situação, e depois de chamar a atenção da administração para a o facto, a comissão de trabalhadores dirigiu-se ao principal credor da empresa (Totta & Açores) onde expôs os seus pontos de vista e pediu informações sobre o contrato de viabilização.

Segundo um dirigente sindical, a crise da Mármores do Condado é «artificial», sendo provocada pela criação de empresas paralelas (promovida por Maria Fernanda Cunha), que lhe retiraram a comercialização dos mármores.

O Sindicato da Construção Civil, Mármores e Madeiras do distrito de Lisboa, contactado pelo «DL» afirmou que irá tomar uma posição sobre este conflito, estando já a desenvolver diligências junto da banca, para tentar saber em que fase se encontra o contrato de viabilização.

Sindicatos acusam de "má fé negocial" a CA da Carris

Os sindicatos UGT da Carris decidiram requerer a passagem das negociações da revisão do acordo de empresa (AE) à fase de conciliação, segundo anunciou um dirigente sindical.

Em comunicado, a comissão dos sindicatos UGT da Carris (COSIDEC) acusa a administração de não ter apresentado até hoje qualquer contraproposta, nos termos da legislação em vigor, à proposta apresentada pela COSIDEC em 5 de Novembro passado.

Acrescenta que a comissão administrativa apenas entregou na quinta-feira «um documento que não é resposta às propostas sindicais e sem qualquer fundamentação».

O comunicado sindical salienta que numa reunião ontem realizada com o COSIDEC a comissão administrativa da Carris continuou a não apresentar a fundamentação da sua posição.

Um dirigente sindical disse que o documento da comissão administrativa prevê um aumento de massa salarial global de 12 por cento e a retirada de importantes regalias conquistadas, algumas de que os trabalhadores da Carris gozam há cerca de 50 anos, como é o caso da folga no dia de aniversário.

O comunicadao sindical «repudia a atitude da CA da Carris», que acusa de «má-fé negocial».

Lisnave

Na Lisnave, os sindicatos afectos à UGT ameaçaram recorrer à greve «eventualmente em conjunto com os sindicatos da CGTP» no caso de a administração manter a sua posição quanto aos salários em atraso e aos aumentos salariais dos trabalhadores.

Um comunicado emitido por aqueles sindicatos refere que «existem condições objectivas» para a reposição total dos salários em atraso e para o recomeço das negociações dos aumentos salariais relativos a 1983, cuja contraproposta da administração rondava os 10 por cento.

A posição agora adoptada pela estrutura sindical da UGT vem lançar um dado novo no conflito que se tem vindo a arrastar na Lisnave, enquanto a administração negoceia com a Paraempresa um contrato de viabilização que poderá ocasionar o despedimento e reforma compulsiva de cerca de dois mil trabalhadores.

Dizem ainda os sindicatos UGT que «não tolerarão a continuação da política de colapso técnico e social que está a ser conduzida na empresa devido à gestão indefinida e à desorganização e desleixo a todos os níveis, resultante na prática do **deixa andar** a que a «administração submeteu a Lisnave».

Hospital de S. Paio de Oleiros despede 10 trabalhadores

Porto, 4 (Da nossa delegação) – No passado dia 1, dia da Paz, 10 trabalhadores contratados a prazo foram despedidos do Hospital de S. Paio de Oleiros, em Vila da Feira, por razões que parecem pouco claras, já que cinco dos lugares vagos foram logo prontamente preenchidos.

No ofício que os informava do seu despedimento lê-se: «o seu nome não foi aprovado pelos recursos humanos, como era nosso desejo e julgávamos ser possível». E mais adiante: «Como já acabou o contrato de tarefeiro, ao abrigo do Decreto-Lei 135/80, a comissão instaladora resolveu dispensar os seus serviços a partir de 1 de Janeiro de 1984, não podendo renovar o respectivo contrato por imperativo legal».

Estes trabalhadores, homens e mulheres, exerciam as funções de pessoal auxiliar naquele hospital e alguns entraram sem qualquer contrato em 1980. As férias que gozavam não iam além de 15 dias e alguns ainda não receberam o 13.º mês referente a anos anteriores.

Sindicato agrícola contra projecto de combate ao desemprego

O Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Évora declarou-se contra o projecto piloto do Governo de combate ao desemprego, que considerou «ao serviço dos grandes agrários».

Em comunicado, aquela estrutura sindical afirma que «através daquele falso projecto, o patronato tem enchido os bolsos, pois o Governo, entre Janeiro e Julho de 1983, distribuiu por alguns proprietários mais de 50 mil contos só no distrito de Évora».

Exemplificando alguns casos dessa distribuição de dinheiro, o documento afirma que ao mesmo tempo os centros de emprego são colocados ao serviço do patronato e contra a legislação laboral em vigor, pois o dinheiro dado em 1983 às empresas agrícolas foi mais que o dinheiro gasto com os desempregados».

Para o sindicato dos trabalhadores agrícolas de Évora, a solução para o desemprego no sector passa pela não permissão da existência de terras abandonadas e subaproveitadas e pela revisão de todos os casos de ilegalidade sobre a matéria da Reforma Agrária.

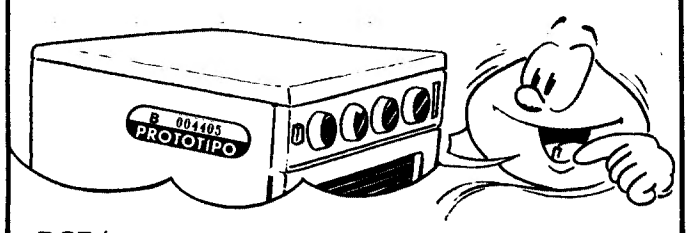
O cumprimento dos preceitos constitucionais, o garante de apoio técnico às UCP's e pequenos agricultores e o seguimento de uma política democrática com base no desenvolvimento e apoio à Agricultura são outras das vias apontadas pelo sindicato para acabar com o desemprego no sector

BOLSAS DE ESTUDO PARA FILHOS DE EMIGRANTES EM FRANÇA

Até ao dia 15 de Janeiro do próximo ano, a Embaixada de Portugal em Paris, com o patrocínio do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e do Banque Franco- Portugaise, mantém aberto concurso para atribuição de bolsas de estudo a filhos de trabalhadores portugueses emigrados em França que tenham completado o ensino secundário e provem estar inscritos num estabelecimento de ensino superior daquele país.

A atribuição destas bolsas de estudo destina-se a premiar estudantes de reconhecido mérito, facultando-lhes a frequência do ensino superior, podendo o respectivo regulamento ser solicitado aos Serviços Culturais da Embaixada de Portugal, 3, Rue de Noisiel, 75116 Paris — Telefone 7273529.

Exija aparelhos a gás estampilhados
Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

agora ou nunca! "os"

28% de desconto EM MÓVEIS

DURANTE 15 DIAS

Armazéns do Chiado

de ontem para hoje

Três feridos em explosões em Algés e na Parede

DOIS jovens mecânicos ficaram feridos numa explosão ocorrida na garagem onde trabalham, na Rua Bernardino Oliveira, em Algés. o sinistro teve lugar quando um deles, Pedro José Sá de Almeida, de 19 anos, utilizava um maçarico de corte junto a um bidão de diluente. Tanto Pedro de Almeida como o seu companheiro José Manuel Cardoso Rosário, de 15 anos, tiveram de ser internados no Hospital de S. José. O sinistro, que danificou um automóvel, provocou ainda ferimentos ligeiros num outro trabalhador da garagem, José da Silva Queirós Machado. Entretanto, na madrugada de ontem, uma explosão de gás destruiu quase totalmente uma moradia, no Zambujal, Parede. O proprietário da residência, Alfredo Neto, a sua mulher e dois filhos do casal, saíram ilesos do acidente, pois pernoitavam em quartos afastados da cozinha, local onde ocorreu a deflagração.

António Louçã dirige «Versus»

António Louçã é o director da revista «Versus», cujo primeiro número foi ontem posto à venda. A nova publicação define-se como «revista socialista independente, hostil ao Governo PS/PSD, mas também a qualquer Governo encabeçado por um eventual partido eanista'. Neste primeiro número figuram um «dossier» sobre a actual crise económica centrado em entrevistas ao Sindicato dos Maquinistas da CP e a um activista da recente luta na Sorefame; um «dossier» sobre o «Direito à Vida», com depoimentos de activistas da CNAC sobre o debate relativo à legalização do aborto; e ainda um «dossier» sobre as «soluções políticas» propostas para a questão palestiniana e para a guerra civil salvadorenha. No capítulo cultural a «Versus» faz uma evocação do escritor

peruano Manuel Scorza, vitimado o mês passado no desastre aéreo no aeroporto madrileno de Barajas.

Multados três pesqueiros espanhóis

Três barcos de pesca espanhóis apresados a pescar sem licença em águas portuguesas na passada sexta-feira foram ontem multados num total de 1600 contos. O arrastão «Borrasca» pagou a multa de 800 contos que lhe foi aplicada e o «Princesa Cristina» e o «Maria das Angústias», ambos da ilha Cristina (Huelva), pagaram 400 contos cada um. Entretanto, o chefe de máquinas deste barco, Duarte Montes, irá responder em Tribunal de Polícia, acusado de desobediência às autoridades navais quando o arrastão foi apresado pela corveta «Augusto Castilho» da Armada. Duarte Montes recusou-se a colocar o motor a trabalhar e a trazer o barco para Lisboa, pelo que recebeu voz de prisão e foi transferido para a corveta, sendo substituído na casa das máquinas por um sargento da «Augusto Castilho».

As demolições na Ria Formosa

A Secretaria de Estado do Ambiente informou ontem que «não serão demolidas quaisquer habitações compreendidas nos núcleos históricos de pescadores da ria Formosa», Faro. A zona, que abrange ilhas como as de Faro, Armona e Culatra, é caracterizada pela abundância de construções clandestinas.

Apreendido tabaco e dois burros

Forças da secção de Vinhais da Guarda Fiscal apreenderam 5500 maços de tabaco de origem americana, avaliados em cerca de 600 contos. Uma nota da GF refere que a operação foi desencadeada segunda-feira à noite no lugar de Vila Seco da Lomba e o tabaco apreendido era transportado em dois burros, que também foram confiscados. A nota acrescenta que na área de Montalegre foram ainda apreendidos, por contrabando de circulação, cabeças de gado bovino, bem como o meio de transporte em que seguia o referido gado e ao qual foi atribuído o valor de 1180 contos.

Português expulso da Escócia

O português Eduardo Galante, marítimo de profissão, que em 1973 emigrou para a Grã-Bretanha, fixando-se na Escócia, irá ser deportado por imposição do Ministério do Interior britânico. Em 1981, Galante casou com uma escocesa, de nome Lorraine, de quem tem uma filha de 14 meses, e, segundo as autoridades britânicas, nunca fixou residência no Reino Unido, limitando-se a passar ali as férias e as folgas, quando não andava embarcado ou a trabalhar em plataformas de prospecção de petróleo no mar do Norte. Recentemente Lorraine ligou-se a outro homem (que cumpriu uma condenação por homicídio) e Eduardo Galante perdeu o emprego por o petroleiro em que trabalhava ter sido fretado por uma empresa norte-americana. A expulsão é fundamentada no facto de Galante não ter pedido autorização de residência, circunstância que, segundo o ministro, não permite que ele continue a habitar na Escócia. Galante será, no entanto, autorizado a ir à Grã-Bretanha visitar a filha.

Torre de Santa Cruz desabou há 49 anos

Academia de Coimbra sem o seu "ex-libris"

Às quinze horas e vinte e quatro minutos do dia 4 de Janeiro de 1934, a Academia de Coimbra ficava de luto e «sem luz os olhos das tricanas», no dizer de um fado da altura: desabava a Torre de Santa Cruz, rodeada por uma nuvem de pó que, rezam as crónicas, escondeu o próprio Sol.

As agulhetas dos bombeiros despejaram, durante três horas consecutivas, jactos de água no interior do monumento, de modo a abreviar a sua agonia e os perigos decorrentes do desmoronamento. Em vão: não houve água que chegasse para penetrar até à medula da rebusta mole de pedra e cal legada pelos padres crúzios.

Com obstinação, em trabalho de nove séculos, esses cónegos regrantes tinham argamassado rijamente, para defesa do seu primeiro mosteiro e para o badalar dos seus oito sinos, cinco milhões de quilos de pedra. As torres de Belém ou dos Clérigos, «ex-libris» de Lisboa e Porto, não dariam certamente montão de escombros muito maior do que a Torre de Santa Cruz, que foi «ex-libris» de Coimbra, sempre recordado com nostalgia.

Tudo o qeu dele resta, além da memória de alguns, é o vazio deixado pela queda, e que faz os jovens interrogar-se sobre «o que é que ali esteve».

O que nesse espaço se vê agora, são ratazanas em quantidade tão abundante como o é a preguiça de conferir a esse vazio uma solução urbanística harmonizada com o centro cívico da cidade de Coimbra e com a nobreza e concorrência dos serviços que ali funcionam. Câmara Municipal, central dos CTT, Comando da PSP, mercado da cidade, igreja de Santa Cruz e escola secundária, são alguns desses serviços credores de melhor vizinhança que uma montureira de lixo.

Defronte de tal montureira está ainda sediada a direcção do centro dos Monumentos Nacionais, cujas instalações foram parcialmente destruídas pelo desabamento da torre de Santa Cruz.

Nem desse departamento, nem do serviço de urbanização da Câmara Municipal saiu ainda um projecto de aproveitamento do espaço vazio que têm desde há 49 anos, bem debaixo dos olhos.

Reclamar, como já se fez, a reconstrução da torre, será de todo irrealista, mas não se vê onde esteja a dificuldade em garantir naquele espaço da Rua Olímpio Nicolau um arranjo que, além de barato, seja também prático e decente. Boa solução seria, no entender de muitos conimbricenses, incluindo técnicos, um escadório de acesso a Montarroio, condizente com a arquitectura do Jardim da Manga, que lhe ficaria fronteiro.

O cepticismo é grande e justificado. Mas existe, mesmo assim, quem não perca a esperança de ver construídas essas escadarias, que em muito viriam facilitar o acesso ao centro da cidade dos moradores das zonas de Montarroio e Conchada.

A vítima era emigrante em França

Assassinou a cunhada com seis tiros de pistola

O técnico têxtil Mário Fiadeiro Duarte, de 53 anos, assassinou ontem à tarde, no Porto, com seis tiros de pistola a sua cunhada, Maria Helena dos Reis Prazeres Lopes, de 36 anos. As autoridades, designadamente a PSP, só tiveram conhecimento do homicídio cerca das três horas desta madrugada, quando Mário Fiadeiro resolveu entregar-se na 12.ª esquadra, depois de aconselhado por um irmão.

De acordo com a confissão do técnico têxtil, o crime foi motivado por um desentendimento derivado dos negócios. Maria Helena, vivia em França, e o cunhado estava encarregado de lhe administrar as suas economias em Portugal. Ao que apurámos Maria Helena discordou da compra de uns terrenos para a montagem de uma unidade fabril e da discussão que se gerou por causa disso resultou o crime, cometido na residência de Mário Fiadeiro, na Rua da Torrinha, 238, 6.º. Mário disse às autoridades que agiu debaixo de um estado de grande exaltação, devido a uma certa desconfiança patenteada pela cunhada quando, em dado momento, o apelidou de «ladrão».

Entretanto, a PSP procedeu à remoção do cadáver para o Instituto de Medicina Legal, enquanto o autor-confesso do homicídio dava entrada nas prisões privativas, de onde sairá esta tarde, a fim de ser ouvido por um magistrado dos Juízos de Instrução Criminal.

Desentendimento com o namorado levou rapariga ao suicídio

Na sequência de um desentendimento com o rapaz com quem namorava há cinco anos, Maria Dolores Pereira da Silva Carvalho, de 24 anos, que vivia com a mãe, em Espinho, resolveu pôr termo à vida ao princípio da madrugada de ontem, ingerindo uma quantidade excessiva de comprimidos.

Cerca das duas da madrugada, a mãe da infeliz rapariga apercebeu-se de um ruído estranho numa dependência contígua ao seu quarto e quando foi ver deu com Maria Dolores já caída e emestado de coma.

Conduzida de imediato ao Hospital de Espinho, a jovem acabaria por falecer pouco tempo depois de ali ter dado entrada, sendo, por isso, depositada na casa mortuária.

Maria Dolores era uma jovem muito conhecida em Espinho, pois trabalhava numa das melhores confeitarias da cidade. Já há cerca de quatro anos que havia tentado o suicídio, ao cortar os pulsos. Mas então, ainda lhe acudiram a tempo.

Carpinteiro roubado em oitocentos contos

De passagem pelo Porto, o carpinteiro Manuel Teixeira Martins, morador no lugar de Romariz, em Meinedo, Lousada, decidiu tomar uma bebida no Café Tropical, situado na Praça da Batalha. Trazia consigo uma bolsa, na qual, segundo declarou, guardava 800 contos. Por razões que se ignoram, Manuel Martins distraiu-se enquanto tomava a bebida e houve um «mãozinhas leves» que não perdeu a oportunidade para o alíviar da bolsa.

O furto, ainda de acordo com as declarações do carpinteiro, ocorreu já no dia 27 de Dezembro último, mas só agora é que a queixa foi apresentada na 7.ª Esquadra da PSP, não tendo, no entanto, referido o motivo do atraso.

Garoto de oito anos morto acidentalmente por francês

Atingido na cabeça por um tiro acidental de espingarda caçadeira, o pequeno Carlos Manuel Araújo Mato Alves, de 9 anos, que residia com os pais na freguesia de S. Pedro de Arcos, Ponte de Lima, teve morte quase instantânea.

O disparo ocorreu quando o pai do garoto, o emigrante Manuel Rodrigues Alves e um amigo francês, Jean Michel, examinavam uma espingarda caçadeira que o primeiro havia comprado em França. Em dado momento, e sem suspeitar que a arma estava carregada, o francês puxou o gatilho e a espingarda disparou, indo os chumbos atingir o filho do emigrante.

O pequeno ainda foi conduzido ao Hospital de Ponte de Lima, mas deu ali entrada já cadáver. Entretanto, a GNR local tomou conta da ocorrência e por vontade expressa do pai do pequeno Carlos não haverá procedimento criminal contra o cidadão francês.

Vizela discute-se a 3 de Fevereiro

PCP vai propor na AR sessões regulares de perguntas ao Governo

A realização, já no próximo dia 17 de Janeiro, de uma sessão de perguntas ao Governo sobre a sua acção relativamente às vítimas das inundações, sobre as actividades desenvolvidas em território nacional por grupos hostis a Angola e sobre a Comunicação Social, vai ser proposta pelo Grupo Parlamentar do PCP.

A informação foi dada pelo líder parlamentar comunista, Carlos Brito, que anunciou, entretanto, a marcação, pelo PCP, da discussão do projecto de criação do concelho de Vizela para o dia 3 de Fevereiro.

Segundo Carlos Brito, o PCP irá, por outro lado, retomar os pedidos de inquérito à EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais), à TAP (aquisição dos aviões Lockheed) e, um outro, pendente da legislatura anterior, sobre as reservas entregues a Prates Canelas.

O dirigente comunista referiu, também, que o grupo parlamentar do seu partido irá insistir na realização regular de sessões de perguntas ao Governo, idênticas à que vai ser proposta para 17 de Janeiro.

Ainda na sessão parlamentar de ontem, os comunistas apresentaram um projecto-lei sobre o subsídio de desemprego aos jovens candidatos ao primeiro emprego.

TAP freta avião holandês para transportar passageiros retidos no Funchal

A TAP anunciou esta manhã no Funchal ter fretado um avião a uma companhia holandesa, com capacidade para 130 passageiros, que hoje mesmo iniciou voos extraordinários com vista à normalização do tráfiego aéreo para Lisboa.

A decisão da Transportadora Aérea Nacional surgiu na sequência da impossibilidade, deviso a carências quer em termos de aparelhos, quer de tripulações, de realização dos voos extraordinários previstos para ontem e que visavam o escoamento de cerca de mil pessoas que se encontravam ainda retidas no Funchal, devido ao encerramento no primeiro dia do ano do aeroporto da Portela.

O avião fretado pela TAP efectua durante o dia de hoje três voos Funchal-Lisboa (o primeiro dos quais ocorreu às sete horas), além das ligações normais cujas ausências serão preenchidas pelos passageiros em atraso. Fontes entretanto contactadas, asseguraram que «a situação só deverá ficar normalizada amanhã, na sequência do fretamento do aparelho holandês que colocará em Lisboa, nos três voos extraordinários previstos para hoje, cerca de 400 passageiros.

Petróleo: o forte da economia angolana

● Ele representa 90 por cento das exportações ● O objectivo de médio prazo é passar dos 130 mil barris diários para 360 mil a partir de meados de 1985

O petróleo é, por excelência, o «forte» da economia angolana. As receitas provenientes da exportação de petróleo bruto e derivados representam, actualmente, cerca de 90 por cento do total das vendas de Angola ao exterior.

Com níveis de extracção ainda relativamente baixos — 47,6 milhões de barris, em 1982, ou seja aproximadamente, 81 por cento do nível de 1973 — estão em curso, no país, medidas visando aumentar, a médio termo, os volumes de produção.

Prevê-se que Angola possa atingir uma produção de cerca de 360 mil barris diários, a partir de meados de 1985, podendo esse nível ser mantido até finais dos anos 80. Um crescimento de certa forma exagerado, tendo em conta que a actual média diária não ultrapassa ois 130 mil barris.

A política petrolífera angolana defeniu para o sector duas funções principais, nomeadamente o aproveitamento interno em combustíveis líquidos e gasosos e, por outro lado, garantir, através da exportação, a obtenção de fundos necessários ao desenvolvimento dos outros sectores socioeconómicos nacionais.

No entanto, a tendência de aumento do volume de extracção obedece ao princípio de equilíbrio entre os níveis de produção e as reservas. Neste sentido, tendo em conta que o petróleo é uma fonte energética não renovável, o Governo angolano tem empreendido acções no sentido de desenvolvimento das fontes renováveis de energia de que Angola é, também, potencialmente rica, particularmente no campo hidroeléctrico.

No respeitante às reservas petrolíferas definitivas recuperáveis de Angola, elas poderão situar-se de acordo com estimativas de vários peritos, entre mil milhões e 10 mil milhões de barris, repartidas por quatro bacias sedimentares (Baixo Congo, Kwanza-Bengo e Namibe, ex-Moçâmedes), numa superfície de cerca de 250 quilómetros quadrados.

Presentemente, a extracção processa-se nas áreas de Cabinda, a província mais setentrional de Angola e onde se produz cerca de 60 por cento do total nacional, na área terrestre do Congo (2 por cento) e do Cuanza (cerca de 4 por cento) e na área marítima do Congo (cerca de 10 por cento).

A sociedade nacional de combustíveis de Angola (Sonangol), unidade económica estatal criada em Fevereiro de 1977, é a concessionária exclusiva e proprietária de todo o equipamento instalado no país, produzindo em associação com várias companhias estrangeiras.

Entre as diversas companhias operando em Angola, figuram a Gulf Oil, AGIP, ELF, Total, Petrogal, Braspetro, Texaco, Mobil, Petrofina, Naftagas, INA-Nafta, Union Texas, Deminex, IEDC, Marathon e Cities Service.

Contratos de partilha de produção

Angola, enquanto estado subdesenvolvido e que há apenas oito anos conquistou a independência política, considera essencial, na exploração dos seus hidrocarbonetos, a utilização de técnicos qualificados e uma tecnologia avançada. Neste sentido, valoriza e incentiva largamente a cooperação internacional multiforme.

No quadro da diversificação da sua cooperação, o governo angolano aceita todas as companhias multinacionais que desejem operar em Angola, desde que respeitem a soberania angolana e essa cooperação seja mutuamente vantajosa.

Nas suas relações com companhias petrolíferas estrangeiras, Angola optou pelo contrato de partilha de produção (Prodution Sharing), por ser de maior flexibilidade na adaptação das condições económicas às situações concretas do país. Ao mesmo tempo, tal opção surgiu como resposta à orientação política que faz da Sonangol concessionária exclusiva e proprietária de todo o equipamento instalado no país e elemento de decisão preponderante.

A estabilidade obtida com a introdução da cláusula de «preço limite» (price-cap) e a complementaridade dos interesses de Angola e das companhias estrangeiras são dois importantes aspectos do tipo angolano de contrato de partilha de produção.

A cláusula do «price-cap», que é uma fórmula desenvolvida por Angola, faz reverter ao país a maior parte do lucro adicional derivado do aumento do preço do petróleo no mercado internacional («windfall profits»), deixando à companhia estrangeira apenas uma percentagem para manter o valor real dos seus lucros.

O tipo angolano «contrato de partilha de produção» inclui um prémio de investimento e permite uma depreciação rápida, obtendo, assim, um acréscimo das receitas do país.

Breve história

Peritos na matéria indicam que os primeiros trabalhos geológicos de terreno em Angola foram iniciados em 1918, pela companhia americana Sinclair que, até 1932, tinha perfurado 30 poços de pouca profundidade, ma todos sem sucesso.

Em 1952, a Purfina, subsidária da Petrofina, perfurou o poço Santiago n.º 1, a norte da cidade de Luanda, mas também sem sucesso. O poço Benfica, número 2, perfurado a sul da cidade de Luanda, em 1955, foi o primeiro produtivo de Angola, com uma produção total anual de apenas 511 barris. Esta descoberta ocorreu no que, geologicamente, é conhecida por bacia do Cuanza, cuja produção, na sua zona terrestre, ultrapassa, actualmente, os cinco mil barris diários.

Em 1957, a companhia Gulf Oil obteve a sua primeira concessao de Cabinda, a província mais setentrional de Angola, na bacia do Baixo Congo. Esta área, que para norte se estende para a República Popular do Congo, abrange não só as zonas terrestres e marítimas de Cabinda, como também a região do Soyo, província angolana do Zaire.

Depois de terminados os trabalhos iniciais de levantamentos geológicos e geofísicos, a Cabinda Gulf iniciou, em 1958, os trabalhos de sondagem na sua concessão. Até 1966, perfurou 19 poços, tendo feito a sua primeira decoberta comercial no último dos poços, na zona marítima de Cabinda.

Mais três poços foram perfurados na mesma zona, mas sem resultados. O quarto poço levou à descoberta, ainda no ano de 1966, do campo de Malongo-Norte que, em conjunto com o Malongo-Oeste, descoberto três anos mais tarde, constituem, hoje, os maiores reservatórios de produção de toda Angola.

De 1958 a 1972, ano em que, nos termos de contrato da concessão, a Cabinda Gulf abandonou a zona terrestre da área, foram furados 157 poços. Outros 32 foram perfurados na zona marítima, entre 1972 e 1975, e a produção total de Cabinda atingia, então, 150 mil barris diários.

Em 1977, ou seja dois anos depois da independência de Angola, o Governo angolano criou a Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol), a quem foram concedidos os direitos exclusivos da concessão da Cabinda e uma participação maioritária nas operações. A Cabinda Gulf manteve-se, como operador, agora por mandato e, em associação com a Sonangol, furou mais nove poços, em dois dos quais se descobriram novos reservatórios.

Os tais 250 mil quilómetros quadrados

Outras descobertas têm sido feitas na região do Soyo, onde operam várias companhias estrangeiras, em associação com a Sonangol que, brevemente, poderá iniciar também operações. Presentemente, calculam-se em quase duas dezenas os campos produtivos significativos e a média diária de produção ronda os 130 mil barris.

A área de Angola que, sob o ponto de vista de hidrocarbonetos, se pode considerar, como potencialmente produtiva e, de acordo com versados na matéria, de cerca de 250 mil quilómetros quadrados, existindo, de Norte a Sul, quatro grandes bacias sedimentares: Baixo Congo, Cuanza-Benguela e Namibe (ex-Moçâmedes).

A área total da zona sedimentar terrestre é de cerca de 43 mil quilómetros quadrados. Os esforços iniciais de pesquisa, bem como a primeira produção, foram registados na bacia do Cuanza. Embora existam perspectivas para descobertas adicionais na zona terrestre, em cerca de 43 mil quilómetros quadrados. Os esforços iniciais de pesquisa, bem como primeira produção, foram registados na bacia do Cuanza. Embora existam perspectivas para descobertas adicionais na zona terrestre, espera-se que, futuramente, os maiores esforços de pesquisa serão concentrados na zona marítima.

A plataforma continental de Angola, definida como a zona marítima até aos 200 metros de profundidade, representa uma área de 46 mil quilómetros quadrados e está dividida em 13 blocos. As descobertas mais importantes, o grosso das reservas comprovadas na área da plataforma continental. No entanto, até agora, as operações têm sido limitadas a um terço da plataforma, a Norte, mantendo-se os restantes dois terços praticamente sem serem pesquisados.

No talude continental, definido como a zona marítima de profundidade entre 200 e 3 mil metros, existe uma área de cerca de 16 mil quilómetros quadrados e que está também a ser pesquisada.

José Chimuco,
da ANGOP

Descoberto novo poço na zona de Pinda

A Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola (Sonangol) anunciou a descoberta de um novo poço petrolífero no Bloco-2 do «off-shore» angolano (província do Zaire).

Denominado «Lombo-Este», o poço encontrou reservatório na zona do Pinda (Bloco-2), a uma profundidade de cerca de 2550 metros.

A Sonangol indica que nos testes efectuados o poço revelou-se com boa capacidade produtiva, de cerca de 5100 barris diários, com orifício estrangulado no fundo de 3/4 de polegada. A altura impregnada calcula-se superior a 100 metros, tendo o poço muito boas características de porosidade e permeabilidade.

Para o Sonagol, apesar de o petróleo produzido apresentar cerca de quatro por cento de ácido sulfúrico, a descoberta revela-se interessante, na medida em que o reservatório encontrado é o primeiro do género no (Bloco-2) e as reservas calculadas são apreciáveis.

Novas perspectivas se abrem para a zona, tendo em conta que até ao momento este bloco não tem proporcionado tão bons resultados, apesar de haver vários poços com descoberta de petróleo.

As empresas associadas que constituem o (Bloco-2) são a Texaco (operadora), com 40 por cento, Sonangol (2 PC), Braspetro e Total, com 17,5 cada.

Árabes insistem em investir em Portugal

A Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa informou a Anop que foi positivo o resultado de uma sondagem que efectuou entre entidades autárquicas e patronais sobre a receptividade a investimentos árabes em Portugal.

Essa sondagem, segundo a Câmara de Comércio Luso-Árabe teve como objectivo dar às entidades árabes indicativos ou elementos de estudo no campo do apoio económico.

De acordo com a Câmara de Comércio, todas as respostas à sondagem foram positivas, isto é, as entidadesa contactadas são receptivas ao investimento árabe em Portugal que oficialmente ainda não ultrapassa os 200 mil contos.

Para o governo civil de Coimbra a prioridade do investimento árabe poderia ser canalizado para o turismo e construção de infra-estruturas.

A Associação Portuguesa dos Industriais de Alimentos Compostos para Animais disse que o investimento árabe em Portugal é bem vindo desde que contribua para superar deficiências estruturais, financeiras, tecnológicas ou de exportação das actividades produtivas.

A generalidade das empresas membros da Associação das Indústrias Navais também vê com muito interesse a possibilidade de cooperação em termos de investimentos árabes, nomeadamente em actividades de construção e reparação naval em associação com estaleiros já existentes, colaboração em projectos integrados de pesca e formação profissional.

A Associação Nacional das Indústrias de Madeira encara com optimismo a possibilidade de investimentos árabes em Portugal, nomeadamente na área das indústrias de madeira e mobiliário.

Por seu turno, a Associação Industrial do Minho afirmou que os investimentos árabes em Portugal serão bem recebidos, desde que postos numa linha de desenvolvimento económico-social.

Também segundo a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa foram ouvidos governos civis de Beja, Portalegre, Castelo Branco e Aveiro, além de várias câmaras municipais que manifestaram receptividade ao investimento árabe nas suas regiões em projectos de desenvolvimento económico-social.

A Câmara, que tem sede em Lisboa, foi criada em 1977 e conta com cerca de 500 empresas associadas.

O seu secretário-geral é o argelino Karim Bouabdellah, que reside em Portugal.

Os objectivos imediatos da Câmara são divulgar nos países árabes os produtos portugueses, recebendo e expondo nas suas instalações e em outros locais, expositores de produtos de molde a incentivar as trocas comerciais.

A Câmara já organizou missões comerciais ao Kuwait, Emirados Árabes Unidos, Argélia, Iraque e Marrocos, a última das quais em Fevereiro de 1983 a Argel.

Industriais do Norte vão ao Irão

Um grupo de empresários do Norte de Portugal está a orgnizar uma missão comercial ao Irão em meados de Fevereiro.

Alguns empresários portugueses já contactados estão apostados em diversificar as exportações portuguesas para fora dos mercados tradicionais, neles se incluindo o Irão. Pretendem uma aproximação com o mercado iraniano.

Para já estão interessadas nesta missão cinco empresas de áreas diferentes.

As exportações portuguesas aumentaram bastante nos dez primeiros meses de 1983 tendo-se situado nos 171 mil contos, contra apenas 981 contos relativamente ao mesmo período de 1982.

Por seu turno, Portugal importa petróleo do Irão. Nos dez primeiros meses de 1983 já havia importado 18 milhões de contos.

Portugal tem Embaixada em Teerão e o Irão tem manifestado nos últimos meses interesse na abertura em Lisboa da sua Embaixada.

BMW-Concessionários
SCIA-FRANCISCO BATISTA RUSSO & IRMÃO, S.A.R.L.
CAMPOLIDE RUA DE CAMPOLIDE, 31 - A – 1000 LISBOA
TELF: 654114 – TELEX 64140 CAMPL.
STAND - AV. ANT. A. AGUIAR, 3 - B – TELF: 559979 – 1000 LISBOA
VIA RÁPIDA - RUA MEL. PINTO DE AZEVEDO, 510 – 4100 PORTO
TELF: 676045 – TELEX 25323 PRUSSO
STAND - RUA STO. ILDEFONSO, 535 – TELF: 5/2503 – 4000 PORTO

VEJA OS NOVOS MODELOS BMW
NOS NOSSOS STANDS DE LISBOA E PORTO
– FAÇA A SUA RESERVA –
● VENDAS
● SERVIÇOS
● PEÇAS
Pelo prazer de conduzir

24 horas

Confrontos na Talbot de Poissy

Ficaram feridas uma dezena de pessoas nos afrontamentos que se registaram esta manhã entre operários grevistas e não grevistas na fábrica de construção automóvel Talbot, de Poissy (região parisiense), soube-se de fonte médica.

Alguns feridos, na sua maioria não-grevistas, foram hospitalizados, tendo outros sido vítimas de contusões sem gravidade.

Recorda-se que o governo autorizou há duas semanas o despedimento de 1095 trabalhadores das fábricas Talbot e fez expulsar durante à noite de 30 para 31 de Dezembro os grevistas que ocupavam a fábrica desde 7 de Dezembro último.

Morreu Uvette Vargus

Ivette Vargas, neta do antigo presidente Getulio Vargas, e presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB, oposição) faleceu terça-feira à noite num hospital de São Paulo.

Acometida de cancro, Ivette Vargas fora hospitalizada em 25 de Outubro último, e o seu estado agravou-se bruscamente em Dezembro findo.

«Porno» era propriedade de arcebispado

O arcebispado católico de São Luís e várias organizações de caridade desta cidade dos EUA descobriram com surpresa que eram co-proprietários dum cinema pornográfico que não deixava de lhes render à volta de 35 mil dólares por ano, revelou o «Saint-Louis Post-Dispatch».

«Washington Post» desmentido

A Televisão polaca desmentiu um artigo do «Washington Post», afirmando que são subalimentados os 11 chefes de fila da oposição detidos a aguardar julgamento.

Dois jornalistas, em artigo inserido em 23 de Dezembro por este diário afirmavam que, segundos altos funcionários americanos, os onze chefes da oposição estavam privados de vitaminas e proteínas designadamente.

Ajuda americana a Salvador

O auxílio militar americano ao Salvador para o ano fiscal de 1984 poderá passar de 65 para 150 milhões de dólares, se o Congresso aceitar uma proposta da Administração Reagan para aumentar o montante, indicaram, 3.ª-feira, no Congresso. «As operações levadas a cabo nos últimos dias pela guerrilha salvadorenha provam a necessidade de prosssguir a assistência militar ao Salvador e de lhe aumentar o nível», explicou 3.ª-feira, o porta-voz do Departamento de Estado, John Hughes.

Haddad em estado grave

O comandante de extrema-direita libanês, Saad Haddad, aliado de Israel no Sul do Líbano, encontra-se em estado muito grave no Hospital Ramban, de Haifa –, informou ontem à Rádio israelita.

Haddad, que sofre de cancro, encontra-se acompanhdo da família e de altos oficiais do seu Exército.

Proprietários da Alcala-20 condenados

Os cinco proprietários da discoteca espanhola Alcala-20 de Madrid foram ontem processados por responsabilidade nas consequências do incêndio de 17 de Dezembro em que morreram 83 pessoas e ficaram feridas 53.

O juiz decretou a prisão dos cinco processados e exigiu-lhes uma fiança de dez milhões de pesetas (o equivalente a cerca de oito mil contos) a cada um deles para a obtenção de liberdade provisória.

Repatriamento de angolanos

As operações de repatriamento de mais de 2000 angolanos refugiados na Zâmbia começaram na terça-feira, soube-se de boa fonte em Lusaca.

Trata-se do segundo repatriamento em três semanas de cidadãos angolanos que chegaram à Zâmbia a partir da província angolana de Moxico (Sudeste de Angola), para fugir aos combates entre o Exército governamental e as forças da Unita.

Qichang preso na China

Geng Qichang, um dos líderes mais conhecidos da Revolução Cultural chinesa, foi detido e condenado a três anos de prisão, informou hoje o diário de Pequim.

Geng Qichang, «operário modelo» da província de Henan, teve um papel importante durante a Revolução Cultural, entre 1966 e 1976, e foi, durante este período, vice-governador da província, primeiro-secretário do comité do Partido Comunista e membro do Comité Central.

Vinte e um pacifistas presos

Vinte e um manifestantes pacifistas britânicos foram ontem presos durante incidentes ocorridos num restaurante próximo da base aérea de Greenham Common (oeste de Londres) onde estão estacionados mísseis cruize da NATO, indicou a polícia.

As mulheres, que vivem nos «campos da Paz» instalados há dois anos frente às entradas da base anglo-americana, tinham decidido ocupar o «Little Chef»,um restaurante de estilo americano.

Apoio popular aos militares na Nigéria

Ordenada a redução de preços dos produtos alimentares

Manifestações populares têm-se registado em muitas cidades da Nigéria em apoio ao novo regime militar, cuja actividade tem sido intensa nos últimos dias. Ontem, o Conselho Militar nomeou os governadores militares dos diversos Estados da Federação e estabeleceu a composição do Conselho de Estado, que integrará o chefe do governo militar federal e comandante-chefe das Forças Armadas, o ministro da Defesa, os chefes do Estado-Maior, o chefe da Polícia e o procurador-geral.

Segundo a rádio Lagos, captada no Benim, as novas autoridades ordenaram aos comerciantes privados que reduzam o preço dos alimentos, e constituíram equipas que vão fiscalizar a aplicação dessa medida. Ao mesmo tempo, foi ordenada a entrega de todas as armas e munições em poder dos particulares. O recolher obrigatório foi entretanto levantado, foram reatados os voos domésticos e internacionais, mas todos os postos fronteiriços terrestres se mantêm fechados.

Medida de grande alcance foi o pagamento ontem mesmo efectuado pelas novas autoridades de uma prestação da dívida externa. Esse pagamento, que, a princípio, se disse ser do montante de 2 mil milhões de dólares, foi na realidade de 50 milhões de dólares e processou-se através do Banco Barclays. O engano deveu-se ao facto de o total do dinheiro em dívida ser de dois mil milhões de dólares, que terão de ser amortizados em três anos, a contar de três de Janeiro (isto é, de ontem) e à razão de 50 milhões de dólares por mês. Portanto, o que aconteceu neste domínio foi que as novas autoridades cumpriram na data estipulada o pagamento da importância estabelecida.

Ontem também as novas autoridades enviaram um telegrama para a Venezuela, no qual se comprometem a respeitar os acordos de produção e preços concluídos no quadro da OPEP, organização a que a Nigéria pertence.

Shagari algemado

O antigo presidente nigeriano, Shehu Shagari, foi levado de algemas nas mãos por um avião militar, da cidade de Kaduna para o aeroporto de Lagos, informou a agência de Imprensa nigeriana NAN, captada em Londres pelos serviços de escuta da BBC. Uma testemunha, citada por essa agência nigeriana, declarou ter visto o antigo presidente chegar algemado ao aeroporto de Lagos e escoltado por uma guarda militar. O presidente deposto foi depois conduzido de automóvel, desconhecendo-se o seu destino. Um jornalista da AFP, François Xavier Harispe, citando informações provindas do local da nova capital federal, Abuja, afirmou que um general, Ibrahim Bako, foi morto por um capitão da escolta de Shagari, quando, no dia do golpe, se preparava para prender o antigo chefe de Estado. A mesma fonte indica que as novas autoridades se dispõem a fazer o julgamento público de Shagari e de um certo número de responsáveis da administração anterior.

Que golpe?

Como sempre, a questão que se põe agora no caso da Nigéria é esta: qual a natureza do golpe? As primeiras indicações revelavam que os militares continuariam alinhados pelo Ocidente e que manteriam a mesma política africana (ambígua, embora de tom geralmente progressista) que o regime civil.

Surgem, entretanto, novas informações e sobretudo reações que poderão fazer crer que este golpe terá uma natureza diferente. Sendo embora muito cedo ainda para especulações, há um facto que a todos sobreleva: o golpe não foi surpresa, foi desferido pelo Exército de terra e foi feito com... pré-aviso. O Exército advertira que interviria, caso não fosse feito o pagamento dos retroactivos dos funcionários, caso não se reduzissem certos projectos de investimentos irrealizáveis, caso não se seguisse um grande rigor financeiro. Ao mesmo tempo, exigia que as negociações com o Fundo Monetário Internacional e sobre o rescalonamento da dívida externa fossem conduzidas por tecnocratas e não por políticos. Sabe-se ainda que os níveis de carestia de vida e corrupção haviam atingido a quota de catástrofe, pelo que as populações só têm motivos para se regozijar.

Em suma: o governo Shagari foi, a seu modo, vítima do FMI e da dívida externa. Segundo o jornalista da AFP acima citado, há quem interprete este golpe como uma medida dos generais... contra os capitães. Os generais terse-iam adiantado aos oficiais mais jovens e mais sensíveis às reclamações populares, para evitarem o pior.

As reacções externas poderão dar alguma indicação: em Moçambique, segundo a AIM, a situação está a ser seguida atentamente, embora não tenha sido ainda tomada nenhuma atitude pública. No entanto, um texto de opinião de Mário Ferro saído na Imprensa do Maputo, diz a certo passo: «A luta das novas autoridades relaciona-se com a luta do saudoso Murtala Mohamed e de Obasanjo, figuras que ficaram conhecidas na cena internacional pelas posições que a Nigéria então tomou.» E o articulista acrescenta: «Para nós, moçambicanos, é sempre grato evocar as figuras de Murtala Mohamed e Obasanjo.»

Pelo contrário, a Imprensa do Quénia mostra-se céptica e crítica quanto aos militares de Lagos. Se nos lembrarmos que os militares quenianos dão muitas dores de cabeça ao regime ineficaz de Nairobi e se considerarmos que os golpistas militares do Verão passado alinham por certas posições da nova geração militar africana, compreenderemos as reticências de Nairobi. Também no Senegal, se considera que o golpe na Nigéria constituiu grande dano para todo o continente africano.

No Ocidente, os EUA lamentam os «meios inconstitucionais» e fazem uma proclamação de fé nos méritos da democracia, embora se mostrem dispostos a cooperar com o novo regime de Lagos.

Os "desaparecidos" da Argentina

Mães da Praça de Maio exigem prisão dos responsáveis

O Supremo Tribunal de Justiça de Buenos Aires iniciou ontem os exames de identificação e determinação das causas da morte de cerca de 200 cadáveres «não identificados» e recentemente exumados nos cemitérios desta província.

Por outro lado, a presidente das «mães da Praça de Maio», Hebe de Bonafini, afirmou ontem que está «alarmada» porque o governo ainda não deteve nenhum dos responsáveis pela repressão desencadeada em 1976.

«Já não sei o que é preciso mais para colocar sob prisão o general Ramon Camps», disse.

Camps, que foi chefe da polícia da província de Buenos Aires, admitiu segunda-feira perante um juiz civil que tribunais militares aplicaram penas secretas, inclusive penas de morte, durante a luta «anti-subversiva».

Hebe Bonafini afirmou que os jornais e a televisão «mostram imagens das exumações, mas nós também gostaríamos de ver imagens das prisões daqueles que já deviam estar presos». Os restos de cerca de duas centenas de cadáveres não identificados encontram-se depositados em dependências judiciais na cidade de La Plata, entre eles 30 que ontem mesmo foram exumados no cemitério de Campana.

Fontes judiciais informaram que entre os caixões recebidos se encontravam 11 de pequenas dimensões, contendo os cadáveres de crianças.

Organizações defensoras dos direitos humanos afirmaram que a repressão iniciada em 1976 provocou o desaparecimento de cerca de 30 mil pessoas, sequestradas dos seus lares, locais de trabalho ou nas ruas e encarceradas em campos clandestinos de detenção, torturadas e, muitas delas, assassinadas.

Grande parte dos cadáveres sem identificação descobertos nos últimos dias encontravam-se sepultados nos cemitérios das cidades de Moreno, Canuelas e Adrogue.

Entretanto, o juiz Guillermo Tragant, do Tribunal Penal de Lomas de Zamora, aguarda os resultados periciais das análises que estão a ser efectuadas aos restos mortais retirados sexta-feira passada de fossas descobertas no cemitério de Magdalena.

Segundo o magistrado, os exames permitirão determinar se um dos cadáveres pertence ao desaparecido dirigente sindical Oscar Smith.

Conclusões de um médico legista

Um médico legista afirmou que vários cadáveres exumados nos últimos dias em valas comuns da província de Buenos Aires, apresentam rebentamento do crânio e múltiplas fracturas ósseas.

Estes corpos tinham sido sepultados clandestinamente depois do mar os haver atirado à praia de Santa Teresita, perto da capital, em 1980. Fazem parte dos restos humanos, de duas centenas de vítimas da guerra de repressão contra a «subversão» encontrados em valas comuns e cujas autópsias tinham sido ordenadas ao centro médico legal de La Plata, a 50 km de Buenos Aires.

O médico precisou que diversos cadáveres meio devorados pelos peixes mostram um rebentamento do crânio e fracturas de todos os ossos desde o pescoço até aos pés, como o estoiro dum pára-brisas de automóvel.

I

O presidente angolano, Jo
em carta enviada ao secretá
Perez de Cuellar, pediu a con
selho de Segurança daquel
da agressão em curso de Pre
Popular de Angola, e, em
declarou-se disposto a esta
África do Sul como forma de
ção rápida, pacífica e duradoi
bia e da África Austral.

Embora as agências de Informação considerem, ao menos implicitamente, que esta proposta de tréguas apresentada pela República Popular de Angola constitui uma resposta a uma recente sugestão de Pretória, não parece que seja esse o caso. Recorde-se que às propostas

"Guerra do pã

Após uma noi obrigatório T regressar à n

A capital tunisina parecia estar a regressar hoje de manhã, progressivamente, à normalidade, depois de uma noite calma durante a qual foi imposto um rigoroso recolher obrigatório.

O silêncio de morte que reinou durante a noite foi perturbado por algumas rajadas de metralhadora, enquanto os tanques do Exército estavam colocados nos pontos estratégicos de Tunes.

Na altura do levantamento do recolher obrigatório, às 5 horas locais de hoje (4 horas tmG), os primeiros automóveis, alguns dos quais sem pára-brisas, começaram, timidamente, a circular nas ruas, onde ainda são visíveis os estigmas dos violentos distúrbios da véspera.

Numerosos cruzamentos estão juncados de pedra e de granadas de gás lacrimogéneo. Num grande número de lojas cujas montras se partiram foram colocados, à pressa, cartões e placas de contraplacado.

Os jornais saíram, tendo em manchete uma frase que o primeiro-ministro, Mohamed Mzali, pronunciou ontem à noite na televisão tunisina: «O governo está decidido a restabelecer a ordem e a segurança».

Motins no centro da capital

Às 13 horas locais de ontem verificavam-se recontros em pleno centro de Tunes entre várias dezenas de manifestantes e as forças de Polícia com equipamento antimotins e fazendo uso de granadas lacrimogéneas.

Na Avenida Bourguiba o trânsito foi interrompido. Os transeuntes desapareceram. As lojas fecharam as portas.

Pouco depois os manifestantes correram na direcção da estação central dos caminhos-de-ferro, enquanto a Avenida Bourguiba ficava obscurecida pelo fumo das granadas lacrimogéneas.

A meio do dia a situação também se deteriorou próximo da cidade universitária, nos subúrbios de Tunes, onde os estudantes deitaram fogo a pneus velhos.

Na sequência dos confrontos, as forças policiais fizeram uso das suas armas, sem que se saiba se os disparos visavam os ma-

Sem quebra de princípios e através da ONU

Luanda propõe tréguas de 30 dias a Pretória

...no, José Eduardo dos Santos, ...ecretário-geral da ONU, Javier ...u a convocação urgente do Con...que... Organização para debate ...de Pretória contra a República ...e, em mensagem separada, ...a estabelecer tréguas com a ...ma de contribuir para uma solu...duradoira do problema da Namí...

...In... ...em, ...que ...uas ...lica ...titui ...nte ...pa... ...so. ...tas

de Pretória, Luanda respondeu negativamente, embora logo na mesma ocasião o embaixador angolano na ONU, Elíseo de Figueiredo, tenha deixado claro que o seu país se mantinha aberto a todas as soluções negociadas.

No concreto, as propostas agora formuladas por Angola repetem as mesmas condições que Luanda tem vindo a defender: 1 – que seja obtido o acordo da SWAPO (Organização dos Povos do Sudoeste Africano); 2 – que o governo de Pretória retire todas as tropas que ilegalmente ocupam parte do território angolano; 3 – que a ONU se comprometa solenemente a iniciar o lançamento da aplicação do plano de independência da Namíbia, previsto pela resolução 435, nos quinze dias posteriores à expiração da primeira trégua temporária de um mês, a contar de 31 de Janeiro.

Na sua mensagem, José Eduardo dos Santos deixa claramente expresso que a África do Sul deverá aceitar a execução do plano de independência da Namíbia sem colocar condições estranhas ao conflito, alusão iniludível à «linkage» washingtoniana-pretoriana, nos termos da qual a independência da Namíbia ficará condicionada à retirada das tropas cubanas de Angola.

Esta proposta surge no momento em que decorre uma das mais importantes, se não a mais importante, ofensiva de Pretória contra o Sul de Angola. Sobre essas agressões irá o Conselho de Segurança da ONU pronunciar-se esta tarde a pedido da RP de Angola.

Entendem os observadores que a África do Sul irá rejeitar esta proposta de Angola. No entanto, é de supor que Luanda não tenha partido «às escuras» para esta proposta de tréguas, que foi comunicada não só à ONU; mas também à OUA, aos Não-Alinhados e aos países africanos lusófonos. Supõe-se que a França, que recentemente se retirou do Grupo de Contacto, terá um papel importante a desempenhar neste momento. Sabe-se ainda que Londres e Bona terão certas diferenças de opinião com Washington, o que terá constituído uma oportunidade óptima para Luanda vir a terreiro com esta proposta. Sem quebra de princípios, no momento em que o Conselho de Segurança se prepara para condenar, sem dúvida, Pretória, Angola mostra o seu desejo de paz, compartilhado, aliás, nos próprios termos de Luanda pelos aliados de Washington na Europa.

...do pão" na Tunísia

...a noite de recolher ...rio Tunis parece ...r à normalidade

...star ...pro... ...de, ...ran... ...oso ...nou ...por ...do... ...ér... ...on... ...do ...ras ...os ...dos ...ça... ...nas ...os ...bios ...tão ...das ...ran... ...tras ...s, à ...con... ...em ...pri... ...zali, ...ele... ...stá ...m e ...ve... ...eno ...de... ...for... ...nto ...gra... ...nsi... ...un... ...fe... ...tes ...ção ...rro, ...a fi... ...das ...am... ...a ci... ...bios ...tes ...os, ...uso ...sai... ...na...

nifestantes que protestam contra a subida de preço dos produtos alimentares ou se se tratou de salvas de aviso.

O Exército tomou posições nos pontos nevrálgicos da capital, e o ministro do Interior fez um apelo à calma.

No porto de Gabes, o enviado especial da AFP assinalava em despacho de ontem que foram ouvidos disparos na cidade, patrulhada por tanques.

Por fim, o estado de emergência foi decretado em todo o território tunisino, e o recolher obrigatório foi instaurado das 18h00 locais (17 de Lisboa) às 05 (04 de Lisboa).

Sul do país está isolado

Todas as estradas que partem de Sfax (250 km ao sul de Tunis) para o Sul tunisino, teatro de violentos motins nestes últimos dias estão vedadas à circulação.

Em Sfax, segunda grande cidade tunisina, reinava ontem a calma, mas os efectivos da polícia e da guarda nacional foram visivelmente reforçados. Centenas de habitantes de Gabes, empurram-se em torno da estação ferroviária e das estações de automóveis de aluguer, na esperança de conseguir transporte para o seu regresso à cidade 150 km mais ao Sul, onde tem havido perturbações da ordem desde a tarde de segunda-feira.

Mas a ligação ferroviária de Tunis a Gabes foi cortada perto de Sfax.

Segundo os boatos que circulam em Sfax, teriam sido incendiados em Kasserine e Gafsa lojas e estabelecimentos bancários. Ainda segundo os mesmos rumores, grupos de homens munidos de barras de ferro estariam a ocupar as estradas, nomeadamente a que atravessa o Chott Djerid, entre Kebili e Tozeur, junto da orla do Sara. Em Gabes, onde foi imposto o recolher obrigatório, na segunda-feira várias lojas terão sido pilhadas.

A impressão geral em Sfax esta manhã era a de que o exército controlava a situação no Sul tunisino.

Jesse Jackson avista-se hoje com Reagan

Aviões israelitas bombardeiam posições chiitas no Líbano

A aviação de Israel bombardeou hoje de manhã posições chiitas integristas em Baalbek, no Bekaa libanês sob controlo sírio, segundo anunciou a Rádio Beirute. A informação da emissora apontava como 16 o total de aviões que participou no «raid», que foi confirmado por um porta-voz militar israelita. Este ataque aéreo é o nono desde o atentado que foi perpetrado no passado dia 14 de Novembro contra o Quartel-General do Exército israelita em Saida, no Sul do Líbano, e o segundo deste ano: ontem, conforme noticiámos, aviões israelitas bombardearam posições palestinianas na estrada Beirute-Damasco.

Entretanto, o Exército judeu evacuou o edifício do Serail em Saida onde estavam instalados há vários meses os serviços de logística e de comando, só mantendo nessa cidade «as forças que visam garantir a segurança» dos soldados israelitas. Segundo um correspondente militar, o Estado-Maior prepara-se activamente para uma nova retirada das forças israelitas para o Sul de modo a «protegê-las» contra o recrudescimento dos atentados de que têm sido alvo.

Enquanto isso, o primeiro-ministro libanês, Chafic Wazzan, declarou, no final dum encontro com o chefe de Estado Amine Gemayel, que as autoridades libanesas deram o seu acordo ao plano de pacificação de Beirute e da montanha.

Esse plano, cujos pormenores não foram divulgados, está em estudo há várias semanas entre os representantes do Estado libanês e as outras partes: o movimento político militar chiita Amal, a Frente de Salvação Nacional (oposição animada por Walid Jumblatt) e as Forças Libanesas (milícias cristãs).

Força Multinacional

O presidente dos Estados Unidos apelou ontem ao seu homólogo sírio, Hafez El Assad, para aproveitar o actual «momento oportuno» nas relações entre os dois países para chegarem a um acordo político sobre o Líbano.

Após uma reunião com o seu embaixador itinerante no Médio Oriente, Donald Rumsfeld, e os principais assessores da política externa.

Reagan disse ter sugerido ao dirigente sírio que «este é o momento oportuno para negociar com os Estados Unidos a estabilidade do Líbano e a retirada das forças estrangeiras do país».

Em relação à posição militar dos Estados Unidos no Líbano, o porta-voz de Ronald Reagan, Larry Speakes, frisou que «está a ser encarada a hipótese de enviar mais tropas para o Líbano, mas nunca a da sua reitrada».

Larry Speakes anunciou também que a França reafirmou aos Estados Unidos o seu «firme compromisso» na Força Multinacional a propósito da decisão francesa de reduzir em 25 por cento os efectivos do seu contigente em Beirute.

O porta-voz presidencial recordou que os efectivos retirados pela França da Força Multinacional não deixarão o Líbano, passando a integrar os contigentes da Força das Nações Unidas (FINUL) que operam no Sul do país.

O presidente da comissão dos Negócios Estrangeiros do Senado norte-americano, o senador republicano Charles Percy, pronunciou-se ontem, por seu turno, a favor da retirada dos marines presentes em Beirute, «assim que isso for possível».

«A partir de agora já não somos uma parte construtiva da força de manutenção da paz. Constituímos um alvo e provocamos acções hostis no Líbano. Seria extremamente desejável que déssemos o lugar a outras forças que não constituíssem tal alvo», declarou o senador Percy, um dos aliados do presidente Reagan no Congresso americano.

Piloto norte-americano

O candidato democrata Jesse Jackson chega hoje a Washington com o piloto Robert Goodman libertado pelo governo sírio depois das diligências do concorrente à presidência dos Estados Unidos.

Pouco após a sua chegada, Jackson avistar-se-á na Casa Branca com o presidente norte-americano, Ronald Reagan.

Em declarações feitas na República Federat Almã à cadeia de televisão ABC durante uma escala na viagem de regresso à capital dos EUA, Jackson declarou que tenciona sugerir a Reagan que se reúna com o seu homólogo sírio a fim de dialogarem e encontrarem uma fórmula de paz no Médio Oriente.

Entretanto, um porta-voz sírio afirmou que o seu governo decidiu libertar o tenente Robert Goodman, como contribuição para criar condições que levem à retirada das forças americanas do Líbano.

Arafat condenado na Síria

Os membros do Conselho Nacional Palestiniano (Parlamento no exílio) radicados na Síria vêem o recente encontro de Yasser Arafat com o presidente egípcio Hosni Mubarak como «uma violação da Carta Nacional Palestiniana, bem como das resoluções das três últimas sessões do CNP».

Reunidos ontem à noite em Damasco, os membros do CNP instalados na Síria (110 do 315 elementos com assento no Parlamento) afirmam, num comunicado distribuído à Imprensa, que «ao vender a causa palestiniana Arafat perde a qualidade de chefe legítimo da OLP».

Última hora

Morreram pelo menos 50 pessoas e 300 ficaram feridas no ataque aéreo israelita lançado hoje de manhã na região de Baalbeck (Bekaa – centro do Líbano), indicou a Rádio oficial libanesa.

Segundo a emissora, as forças sírias cercaram o sector visado pelo ataque, enquanto equipas de socorro estão a retirar as vítimas dos escombros.

Depois do atentado

Policia espanhola na pista da GRAPO

As autoridades espanholas suspeitam de um militante de extrema-squerda, José Balmon, de ser autor do atentado durante o qual dois policias foram mortos na segunda-feira num arrabalde de Madrid.

Segundo essas fontes, José Balmon, membro «histórico» dos Grupos de Resistência Antifascista 1 de Outubro (GRAPO) era acompanhado durante o atentado por uma ou duas mulhertes.

Um correspondente anónimo dos GRAPO, reivindicou na noite de segunda para terça-feira junto de vários órgãos de Imprensa madrilena a responsabilidade pelo assassinato dos dois funcionários da Polícia Nacional.

Os GRAPO reivindicaram em 1983 acções que causaram três mortos e dois feridos entre as forças policiais (Polícia Nacional e Guarda Civil) e o exército, seus alvos privilegiados.

Segundo os meios próximos da Polícia Espanhola, José Balmon seria actualmente o principal dirigente dos GRAPO e a organização não contaria mais de uma dúzia de membros entre os quais duas ou três mulheres.

Por dia 5 mil americanos experimentam a cocaína

O uso da cocaína continua a aumentar de forma alarmante nos Estados Unidos com graves consequências para os seus consumidores, segundo um inquérito ontem publicado no «New York Times».

O inquérito foi realizado por um grupo de investigadores a partir das respostas de milhares de pessoas que se dirigem à «Cocaine Helpline», um serviço telefónico especial destinado a apoiar os consumidores desta droga.

Cerca de um milhar de pessoas num total de 5 milhões de consumidores ligam todos os dias para «Cocaine Helpline», segundo os seus organizadores. Todos os dias, cerca de 5 mil americanos experimentam cocaína pela primeira vez e muitos deles arriscam-se à habituação. Segundo as estimativas oficiais, mais de 20 milhões de americanos consumiram pelo menos uma vez cocaína e 5 milhões consomem essa droga pelo menos uma vez por mês.

Os resultados deste inquérito, o primeiro desta amplitude nos EUA, mostram que os problemas médicos e sociais parecem ser particularmente agudos entre as pessoas que consomem cocaína inalando-a.

«Inúmeros 'snifadores' pensam que a cocaína não é perigosa se não for fumada ou administrada por injecções, mas as nossas investigações indicam que não é assim», salientam o dr. Arnold Washton, psicólogo nova-iorquino e um dos autores do estudo.

Cerca de metade das pessoas interrogadas e que diziam consumir cocaína por via nasal, referiram sentimentos de depressão, ansiedade e pânico. Entre os problemas citados pelos consumidores figuram também a irritabilidade, a apatia, a paranóia, os problemas de memória e a dificuldade de concentração.

O dr. Washton considera, por outro lado, que o consumo não vai diminuir antes de dois ou mesmo cinco anos. Tira esta conclusão dos cerca de 200 mil telefonemas recebidos por «Cocaine Helpline» desde a sua criação em Maio último, tal como das entrevistas com 500 consumidores da droga.

O «retrato-robot» do correspondente médio deste serviço telefónico corresponde, segundo o estudo, a um americano de raça branca, de trinta anos de idade e que consome 6,2 gramas de cocaína por semana.

Na Sicília

Descoberto tráfico de recem-nascidos

A polícia siciliana descobriu um vasto tráfico de recém-nascidos, comprados a prostitutas por dois milhões de liras e revendidos a vinte milhões de liras a casais sem filhos.

Dezanove casos de venda de bebés foram provados pelos carabineiros de Marsala, na província siciliana de Trapani, mas o inquérito continua à volta de mais de cem outros recém-nascidos, davam-nos à parteira.

Graças ao exame das assinaturas, os carabineiros conseguiram identificar várias prostitutas, algumas de nacionalidade jugoslava, romena ou búlgara, que tinham vendido os filhos. Descobriram que por vezes a rede «encomendava» bebés depois de ter recebido um adiantamento dos compradores.

Alguns casos são particularmente trágicos, como a de uma jovem de treze anos também «comprada» quando nasceu e levada por seu turno a «ceder» o seu filho.

Numa outra transacção, a venda efectuou-se sem que o pai soubesse. Acontece que este estava na prisão e desconhecia a gravidez da mulher. Quando foi informado do caso durante o inquérito, o antigo preso convenceu a mulher a pedir que a criança lhe fosse devolvida.

Os autores do tráfico tinham-se tornado verdadeiros profissionais e utilizavam métodos próximos dos especialistas do rapto para evitarem qualquer contacto entre as mães das crianças e os compradores.

JOGOS DE MAPLES
SOFÁS-CAMA
COMPRE NO FABRICANTE
A PRONTO OU PRESTAÇÕES
SUPERCONFORTO
Av. Almirante Reis, 35 *(defronte Igreja dos Anjos)*

CHEQUE-TREM
Conta aberta na C.P.

O CHEQUE-TREM é um novo meio de pagamento que permite a aquisição sucessiva de serviços ferroviários. Apresenta-se em duas modalidades, nominativos e de Empresa, e com dois valores – 12.500$00 e 17.500$0 - beneficiando o comprador de uma reduçao de 15% no acto da compra.
O CHEQUE-TREM é um novo titulo de transporte, com validade ilimitada, que pode adquirir todos os tipos de bilhetes para 1.ª e 2.ª classes para comboios normais e rápidos, suplementos, reservas, despacho de automóveis e cobranças em trânsito. Não é válido, no entanto, para comboios transvias, nem nas áreas de utilização do passe social.

15% de redução imediata

O CHEQUE-TREM já entrou em circulação e encontra-o em qualquer estação da CP ou nas Agências de Viagens.

caminhos de ferro · caminhos de futuro

Envie este cupão para
CP-Caminhos de Ferro Portugueses, EP - Departamento Comercial Estação de Sta Apolónia 1196 LISBOA CODEX
Queiram enviar-me o folheto «CHEQUE TREM Conta Aberta na CP»
Nome _____
Morada _____
Localidade _____ Codigo Postal _____

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

17.º JUÍZO
ANÚNCIO

Proc. n.º 440/82-2.ª Sec.

O Doutor António Correia de Abranches Martins, Juiz de Direito da Segunda Secção do 17.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa.

FAZ SABER que por este Juízo e segunda secção, nos autos de Acção Sumária que a COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP, com sede e domicílio em Lisboa, na Rua Garrett, 56, move contra SANTOS & GASPAR, LD.ª, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação do anúncio, citando a ré SANTOS & GASPAR, LD.ª, cuja última sede conhecida foi em Melga, comarca de POMBAL e actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de DEZ DIAS, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, aquela acção, na qual a autora pede o pagamento da quantia de 106 282$90, de prémio e juros vencidos, bem como os juros vincendos à taxa legal, sobre a quantia de 86 461$20, acrescida de custas e procuradoria, proveniente de um contrato de seguro do ramo Acidentes do Trabalho, titulado pela apólice n.º 10/101 096.

Para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 20 de Dezembro de 1983
O Juiz de Direito,
a) António Correia de Abranches Martins

O Escrivão-Adjunto,
a) João Luís Zurzica Teixeira

D.L. — 4/1/84 — 2.ª Publ.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA

ANÚNCIO

2.º Juízo **1.ª Secção**

C/Pt.ª n.º 158/83

No dia 18 de Janeiro de 1984, pelas 11 horas, **à porta da 1.ª Secção de processos do 2.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Sintra, nos autos de carta precatória com o número 158/83, vinda do 6.º Juízo Cível da Comarca do Porto, extraída dos autos de execução ordinária em que é exequente a Sociedade de Electricidade Brown Boveri, Lda.ª com sede na Rua Sá da Bandeira número 481-2.º no Porto e executada EMPRESA DE CONSTRUÇÕES ELÉCTRICAS, LDA., com sede no Alto da Bela Vista em Agualva-Cacém desta Comarca, há-de proceder-se à venda por arrematação em hasta pública do bem adiante indicado o qual será entregue a quem oferecer maior lanço acima do valor indicado no processo (600 000$00) valor pelo qual será aberta a praça.**

BEM PENHORADO E A VENDER:

1 Torno mecânico da marca South Bend com o número 2, em bom estado de conservação e funcionamento.

É depositário do bem supracitado o sócio-gerente da executada, senhor FERNANDO TOMAS RIBEIRO DE BARROS, residente na Av.ª Gomes Pereira, n.º 69-5.º Dt.º em Lisboa.

Sintra, 2 de Dezembro de 1983.

O Juiz de Direito,
a) Jorge Ramos da Silva

O Escrivão Adjunto,
a) João Inocêncio da Silva Fialho

D.L. — 4/1/84 — 2.ª Pub.

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Moscavide

A Cargo do Notário, Lic. António Ramos Pires

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que no extracto lavrado neste Cartório em 2/8/83, respeitante à escritura também lavrada neste mesmo Cartório em 21/7/83 e exarada a fls. 4 e seguintes do livro de notas 29-C, foi por lapso indicado que o nome da sociedade a que se refere aquele extracto era «MUSA DO LORETO DE LOUREIRO, BIJUTARIAS E MALAS, LIMITADA», quando na verdade se devia ter dito que o nome da sociedade era «MUSA DO LORETO DE LOUREIRO & LOUREIRO, BIJUTARIAS E MALAS, LIMITADA», o que rectifico.

Em tudo o mais ratifico aquele mencionado extracto.

Está conforme.

Cartorio Notarial de Moscavide, 9 de Dezembro de 1983.

O Ajudante,
António de Jesus Gomes

DL 3/1/1984

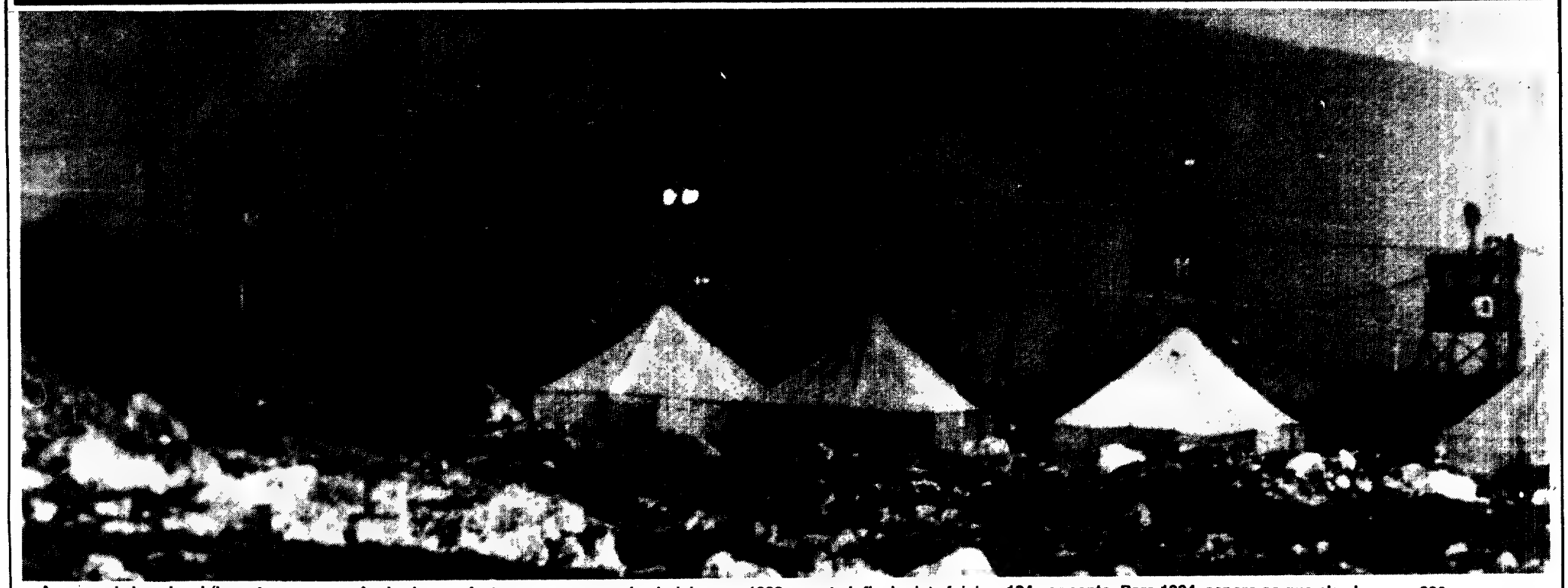
ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua

PREVENÇÃO RODOVIARIA PORTUGUESA

Primeiro acenda o fosforo e so depois ligue o gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTIVEIS GASOSOS



A guerra de Israel no Líbano teve consequências bem nefastas para a economioa judaica: em 1983, o surto inflacionista foi de 194 por cento. Para 1984, espera-se que ele chegue a 280 por cento... E enquanto cerca de 50.000 habitantes de Israel pensam sair do seu país durante o ano que há dias se iniciou, prisioneiros palestinianos e libaneses continuam a ter como «casa» os campos de con centração israelitas no ocupado território do Sul do Líbano.

50.000 judeus poderão abandonar Israel

Maioria parlamentar "ameaçada" pela política de austeridade de Shamir

Uma grave crise social poderá ser despoletada em breve em Israel, na sequência da nova política de austeridade aprovada pelo governo. Sinais dessa crise são já evidentes: a central sindical Histadrout anunciou no domingo que recusa negociar com o gabinete de Shamir a renovação dos contratos colectivos, enquanto o vice-ministro encarregado dos problemas de imigração afirmava que em 1984 mais de 50 000 judeus poderiam partir de Israel, mas a actual política de austeridade faz ainda pesar sobre o governo israelita a ameaça de desmoronamento da maioria parlamentar.

A política de implantação nos territórios ocupados não escapará às limitações orçamentais previstas no quadro do projecto de Orçamento Nacional israelita, aprovado domingo pelo gabinete de Yitzhak Shamir.

Depois de um debate-maratona, o governo israelita reuniu-se domingo em torno do parecer do ministro das Finanças, Ygal Cohen-Orgad, e aprovou um pacote orçamental do Estado de cerca de vinte mil milhões de dólares e limitações da ordem de mil milhões de dólares que vão afectar o conjunto de todos os Ministérios.

«Não irá haver congelação na colonização, mas é evidente que o orçamento para as implantações (nos territórios ocupados) será reduzido, como o foram todos em todos os sectores», afirmou o porta-voz do governo israelita, Dan Meridor.

Consciente das graves dificuldades económicas do Estado hebreu, o gabinete de Shamir deliberou optar pela austeridade, sob o risco de suscitar o desacordo da maioria durante as discussões sobre as afectações orçamentais e a ventilação das restrições, as quais, em princípio, deverão começar a ser praticadas a meio da corrente semana.

O Partido Nacionalista «Tehya» (com três deputados) fez já saber que encararia o abandono da coligação governamental em caso de congelamento da política de implantações.

Pelo seu lado, Moshe Arens, embora de acordo com a política de austeridade, deixou entender que muito dificilmente encararia novas restrições no Ministério da Defesa «sem comprometer a segurança do Estado».

Outra dificuldade maior: Cohen-Orgad melindrou-se com as reticências do Partido Liberal do qual alguns dirigentes entraram já em contacto com a oposição trabalhista a fim de estudarem a eventualidade duma coligação governamental alternativa.

A grande questão, segundo o conjunto dos observadores, é, por conseguinte, saber se o primeiro-ministro, Yitzhak Shamir, está ou não decidido a «escorar» o seu Ministério das Finanças, apesar das ameaças de desmoronamento da maioria e da impopularidade das suas opções.

A «nova diáspora»

A erosão inflacionista (que atingiu 194 por cento no ano de 1983) já reduziu severamente o poder de compra aos salários israelitas. Segundo as previsões dos peritos económicos, a inflação poderia vir a atingir 280 por cento em fins de 1984, altura que Cohen-Orgad encararia a redução de mais 6 a 8 por cento dos proveitos reais dos seus concidadãos.

Sinal dos tempos, Dov Shilansky, vice-ministro encarregado dos Problemas da Imigração, anunciou domingo que em 1984 mais de 50 000 judeus poderia escolher a expatriação, o que representa um número três vezes superior à média registada nestes últimos anos.

Entretanto, as tarefas da electricidade aumentaram ontem em 28 por cento em Israel, na sequência duma decisão da Comissão Parlamentar das Finanças.

Este aumeoto sem precedentes surge no dia seguinte a um novo aumento de 15 por cento nos preços dos carburantes.

Segundo um porta-voz do Ministério da Energia, está última decisão foi adoptada, em conformidade com as opções do Ministério das Finanças, «afim de ter em conta a depreciação do shekel (moeda israelita) em relação ao dólar».

No prazo de um mês, sublinham os observadores, os preços dos carburantes subiram 27 por cento para os consumidores israelitas, tendo em conta o aumento de domingo o qual se deverá repercutir nas tarifas dos transportes comuns, na electricidade, na água e numa imensa gama de produtos.

No 25.º aniversário da Revolução cubana

Violenta crítica de Castro à administração Reagan

O presidente cubano, Fidel Castro, alertou sobre o perigo que ameaça a África, Ásia e «especialmente a América Latina», por causa da histeria belicista e o comportamento agressivo da administração Reagan.

No seu discurso, pronunciado na cerimónia que assinalou o 25.º aniversário da revolução cubana, Fidel Castro qualificou de grosseira a agressão dos Estados Unidos contra Granada e denunciou as «mentiras» expressas pela administração norte-americana para tentar justificar esse crime.

Afirmou que a agressão e as mentiras relativas a Granada «provam o cinismo, a imoralidade e o desprezo das normas internacionais e a soberania dos povos que manifesta o governo actual dos Estados Unidos».

Igualmente denunciou como grosseira a maneira como foi manipulada a opinião pública dos Estados Unidos.

Disse que «as mesmas mãos que armam e assessoram os genocidas de El Salvador, são as que organizam e dirigem os bandos mercenários que agridem a Nicarágua a partir das Honduras e incitam a África do Sul contra Angola».

«O direito dos povos, as Nações Unidas, os acordos, os convénios e a opinião pública não significam nada para esse género de nazi-fascistas e chantagistas que, no fundo, são uns covardes, oportunistas e calculadores», salientou o chefe de Estado cubano, referindo-se à actual administração norte-americana.

Noutra passagem do seu discurso, lembrou que o sistema de dominação imperialista na América Latina está em crise, e acrescentou que as ditaduras militares no Chile, Uruguai e Argentina, o último recurso do imperialismo e do capitalismo, têm fracassado estrondosamente.

«Do milagre brasileiro, não fica mais do que uma dívida externa de cem mil milhões e as notícias constantes de calamidades, desemprego, fome, inflação, mortalidade, assaltos de mercados», acrescentou.

Concluiria Fidel Castro que a democracia representativa burguesa está em crise, «esmagada pela ineficácia, a corrupção, as dívidas impossíveis de pagar e a ruína económica».

O número do «Granma», jornal do Partido Comunista Cubano, que assinalou o 25.º aniversário do triunfo da revolução, lido po um habitante de Havana

DESPORTO

Futebol sem fronteiras

● **RUMMENIGGE: «A JUVENTUS INTERESSA-ME»** – Karl-Heinz Rummenigge, de 28 anos, capitão da selecção da RFA e do Bayern de Munique, gostaria de jogar na Juventus de Turim. Acaba de o dizer numa entrevista ao jornal italiano «La Gazeta Dello Sport», retomada por toda a imprensa oeste-alemã, «seria um grande acontecimento da minha carreira jogar ao lado de Michel Platini», declarou designadamente Rummenigge. Único obstáculo à transferência, pela qual a Juventus proporia, segundo se pensa, 6 milhões de marcos, mais 1,2 milhões de marcos para Rummenigge: o seu contrato com o Bayern só termina em 1987. «K. – H.R.» tem tempo para sonhar...

● **AS DESGRAÇAS DE COWANS** – Gordon Cowans, o talentoso centro-campista do Aston Villa, não tem mesmo sorte. Na altura em que recuperava de uma dupla fractura da perna direita, contraída durante um jogo particular disputado no Verão passado, em Espanha, e quando esperava voltar a jogar esta época pelo seu clube e pela selecção inglesa, teve de ser engessado novamente a semana passada, porque os ossos ficaram mal soldados.

● **INCIDENTES EM GÉNOVA** – Eclodiram incidentes em várias cidades durante a 14.ª jornada do campeonato de Itália disputado no fim-de-semana passado, apesar de rigorosas medidas de segurança. Foi em Génova, depois do jogo Génova-Fiorentina (2-2), que se registaram os confrontos mais violentos. Um rapaz foi preso, porque estava armado com uma faca. Na sequência de escaramuças entre adeptos dos dois clubes, cinco pessoas foram transportadas ao hospital com ferimentos graves.

● **AS COISAS VÃO MAL NO LAZIO** – Com o decorrer das jornadas o Lazio de Roma, parece dirigir-se inexoravelmente para a segunda divisão. Depois da mudança de treinador registada o mês passado, os resultados não melhoraram e a equipa ocupa o penúltimo lugar. Por outro lado, o presidente Giorgio Chinaglia foi proibido de entrar em campo por dois meses, sábado em Ascoli, o Lazio não só foi vencido 2-0, como também perdeu Giordano, um dos seus melhores elementos, vítima de uma fractura do perónio.

● **OS ÁRBITROS SUL-AMERICANOS EM SIMPÓSIO** – Cerca de 450 árbitros sul-americanos reunir-se-ão de 11 a 13 de Janeiro, no Rio de Janeiro, por ocasião de um simpósio organizado pela Associação Brasileira de Árbitros, presidida por Arnaldo Cesar Coelho, que dirigiu a última final do «mundial» em Espanha. Objectivo dessa reunião: harmonizar a arbitragem em todos os países da América do Sul.

● **SÓCRATES DEIXARÁ DE JOGAR EM 1986** – O internacional brasileiro Sócrates acaba de anunciar que decidiu pôr ponto final na sua carreira em 1986. O jogador do Corinthians de São Paulo, que tem 29 anos, não precisa se deixará de jogar antes ou depois do «mundial» de 1986. Contudo, não escondeu que tenciona fazer tudo o que for possível para participar na sua segunda taça do mundo.

■ **MARACANÃ DOENTE** – O telhado que se desloca, as rampas de acesso em muito mau estado, a instalação eléctrica quase a avariar: o Maracanã, considerado como um dos «templos» do futebol, desde a sua inauguração, a 16 de Junho de 1950, está muito doente. Infelizmente, os responsáveis pela manutenção não poderão dispor de um prazo suficiente para efectuar as reparações do «gigante» (200 000 lugares). Com efeito, o estádio deve reabrir impreterivelmente as suas portas a 28 de Janeiro para o recomeço do campeonato, quando seriam precisos 3 ou 4 meses para o reparar.

●**O REAL SOCIEDAD «TRAÍDO»** — O actual campeão de Espanha, o Atlético de Bilbao, pôs termo a uma série negra de 22 anos, ao ir ganhar o «derby» basco por 1-0, sábado no Atocha, reduto do Real Sociedad de San Sebastian, o seu rival de sempre. Com efeito, é preciso voltar a 1961 para encontrar vestígios de uma vitória do Bilbao em casa do seu inimigo íntimo. O mais engraçado é que o único golo da partida foi marcado na sequência de um tiro de Estanislao Argote, originário de Zarauz, cidade situada próximo de San Sebastian... Nunca se é traído senão pelos seus...

●**A OCASIÃO PERDIDA DE RUBIO** — O Atlético de Madrid, que estava a ser vencido desde o primeiro quarto de hora da partida, no Nou Camp, o estádio do FC Barcelona, deixou escapar uma bela ocasião, sábado, quando Rubio falhou um «penalty» no segundo tempo. O seu companheiro Pedraza viria a reduzir a diferença para 1-2 pouco tempo depois, mas já era tarde para os madrilenos. Este ponto perdido não vai melhorar certamente o ambiente no seio do clube «rojiblanco», onde os problemas económicos, relegados para segundo plano devido a um começo de temporada atroador, voltam a ser muito inquietantes. Murmura-se que os jogadores do presidente Calderon não recebem uma única peseta há já várias semanas...

●**O «FAIR PLAY» DE JUANITO** — Juan Gomez, conhecido por Juanito, o «menino bonito» do estádio de Santiago Bernabeu, foi a vedeta do encontro entre o Real Madrid e o Espanhol de Barcelona (1-0). Não ficando contente por marcar o golo da vitória face ao «papão» do Real, que há três épocas não ganhava aos catalães, Juanito também teve um gesto que lhe valeu uma ovação monstruosa: ao ver o guarda-redes do Espanhol, o cidadão dos Camarões Thomas N'Kono, lesionado e estendido por terra, e tendo a baliza toda aberta, Juanito, fiel à sua imagem de marcador, preferiu atrasar para o lado, em vez de centrar para um dos seus companheiros.

●**DALGLISH «OUT»** — Kenny Dalglish, o internacional escocês do Liverpool não estará disponível durante algumas semanas depois da sua fractura de uma maçã do rosto registada durante um choque com Kevin Moran, segunda-feira, no jogo Liverpool-Manchester United (1-1). Apesar do empate concedido no seu próprio terreno, o Liverpool continua à frente do campeonato da Inglaterra, com três pontos de avanço sobre o Manchester United.

●**RINCON TEVE MEDO** — Hipólito Rincon, avançado-centro do Bétis de Sevilha, autor de quatro dos doze golos espanhóis no memorável jogo contra Malta, irá lembrar-se por muito tempo da noite de San Silvestre. Já passava da meia-noite no hotel Oromana da capital andaluza, onde acabava de chegar com os seus companheiros para passar as poucas horas que precediam ao jogo do campeonato contra o Valladolid, quando um foguete lançado por alegres convivas lhe explodiu na cara, provocando uma hemorragia interna no olho esquerdo. Segundo os médicos, se não tivesse tido o reflexo de fechar os olhos e de tapar a cara com as mãos, o ferimento teria sido provavelmente muito mais grave. Rincon não deverá ficar com qualquer sequela deste acidente e poderá mesmo voltar a jogar sábado, contra o Real Madrid.

Torneio dos Reis em Hóquei

FC Porto perde com Liceo da Corunha

O Liceo da Corunha venceu o FC Porto por 4-2, em jogo da segunda jornada do torneio internacional dos reis, de hóquei em patins, que decorre na Corunha, Espanha.

No outro encontro da 2.ª jornada, disputada ontem, o Barcelona bateu o Vercelli, da Itália, por 4-3.

Após esta jornada, a penúltima, a posição das equipas ficou assim ordenada:

1.º – Liceo Corunha, 4 pontos (12-8); 2.º – Porto, 2 (8-7); 3.º – Barcelona, 2 (7-9); 4.ª – Vercelli, 0 (9-12).

A prova termina hoje com os encontros Porto-Vercelli e Liceo da Corunha-Barcelona.

Liceo ganhou bem ao Porto

A vitória do Corunha sobre o Porto não sofre a mínima contestação, tal foi a força do seu hóquei, o entusiasmo posto na luta e a fragilidade da equipa nortenha, a acusar excessivamente o desgaste provocado pelo encontro de segunda-feira frente ao Barcelona.

Com Domingos a defender o possível, e por vezes o impossível, e com a Fanã em grande plano, a equipa do Futebol Clube do Porto veio a claudicar exactamente em Cristiano e Vítor Hugo, este a perder oportunidades de golo em excesso, como aliás já havia acontecido no encontro frente ao Barcelona.

A equipa do Liceo da Corunha, além de um hóquei sempre bem delineado, teve em Garvey o seu melhor jogador, o qual, além de assinar uma soberba exibição, seria também o autor dos três primeiros golos dos espanhóis.

O encontro, cuja primeira parte terminou com um resultado de 2-1 ainda a dar esperanças à turma portuguesa, seria desastroso para os portistas no segundo tempo, em que o cansaço enorme impediu, especialmente Cristiano, de dar ao público uma exibição igual à de pouco mais de 24 horas antes.

Os golos foram alcançados aos 4,5 minutos por Garvey após centro da direita numa simulação de bom efeito.

E o segundo aos sete minutos, novamente por Garvey, a apanhar a defesa portista em contra-pé depois de uma avançada de Cristiano.

Aos 14,5 minutos Fanã, de longe, anichou o esférico no fundo das redes, em jogada tentada em várias ocasiões e que somente duas vezes daria resultado.

Garvey, sempre ele, passou o resultado para 3-1 aos 30 minutos, com culpas totais da defensiva forasteira, sem força para aguentar o ímpeto dos adversários.

Aos 44,5 minutos um balde de água fria caiu sobre o público espanhol quando viu a bola entrar novamente na sua baliza, a fazer um 3-2, perigoso para as cores espanholas, da autoria de Fanã.

Contudo, Areces fixaria o resultado final de 4-2 mesmo sobre o sinal de fim do jogo, tirando assim aos portugueses quaisquer veleidades quanto a um empate, que já lhes serviria.

Arbitragem certa do juiz italiano, que na segunda parte teve certas dificuldades em manter a disciplina.

O Porto, caso vença hoje o Vercelli e o Barcelona bata o Liceo da Corunha, ainda hoje poderá conquistar o torneio, ficando tal dependente do «goal-average».

Costa do Marfim: não ao Paris-Dakar

A Federação da Costa do Marfim dos Desportos Automóveis anunciou ontem à noite, em comunicado, que se vê obrigada a recusar a passagem do Rali Paris-Argel-Dakar através do país, por causa de problemas por resolver com Thierry Sabine, o organizador da prova.

Esta estabelecera contacto com aquele organismo em Junho de 1983 com vista à autorização de passagem pelo território da Costa do Marfim dos concorrentes nas melhores condições possíveis, tendo-lhe sido submetido em Julho o caderno com as condições.

Porém, a uma semana do início da prova, a Federação não tinha recebido resposta. Em consequência, os Ministérios interessados (Desporto, Interior, Saúde) foram informados no começo de Janeiro de que era materialmente impossível organizar a passagem do rali pela Costa do Marfim com todas as garantias de segurança.

Golos de Gomes valem homenagem

A Direcção do FC Porto entendeu por bem homenagear o seujogador Gomes, o consagrado goleador das Antas, «Bota de Ouro» europeu da época transacta. Festa linda aconteceu no Casino de Espinho, com cerca de duas centenas e meia de amigos a rodear o homenageado. Não faltaram os companheiros de ofício, entre os quais o sportinguista Manuel Fernandes, na foto a transmitir aquele abraço a Gomes, na mesa ladeada pela noiva Isabel Pedroto e pelo presidente portista Pinto da Costa.

Futebol nacional

A décima terceira jornada do Campeonato de Futebol da Primeira Divisão, que a federação marcou para sábado, terá dois jogos adiados para domingo: o Varzim - Boavista e o Águeda -Portimonense.

Dos Campeonatos da Segunda e Terceira Divisões foram antecipadas para sábado algumas partidas, a saber: União da Madeira - Odivelas (2.ª Divisão, Zona Sul) e Almada - Águia Sport e Torralta - Quimigal (respectivamente Série E e Série F da Terceira Divisão).

No que toca à Taça de Portugal, disputam-se esta tarde, a partir das 15 horas, os encontros de desempate entre o Torreense - Sporting da Covilhã e o Vizela -Beira-Mar.

Aparício em Setúbal

O futebolista lusofrancês Aparício, que tem estado a treinar no Bonfim há alguns dias, assinou contrato com o Vitória de Setúbal por duas épocas – disse à ANOP João Lúcio, assessor da direcção do clube sadino.

Aparício regressou entretanto a França, a fim de alinhar em alguns jogos pelo seu actual clube, o Villefrancha, voltando ao Bonfim no final do corrente mês.

O folhetim Maradona

Fontes da Fiat, empresa a que pertence o clube italiano Juventus, desmentiram notícias de Buenos Aires sobre um encontro secreto entre o seu presidente Gianni Agnelli e o futebolista Maradona.

Rádio Rivadavia, da capital argentina, afirmara que Agnelli estaria disposto a negociar a contratação do jogador do Barcelona.

O presidente da Fiat esclareceu, numa visita às instalações da Juventus, que se encontrara com o argentino «há anos», mas que ele já «custava demasiado», pelo que desistira de contratá-lo.

Quanto à falada substituição de Boniek, Agnelli disse ser prematuro admitir tal hipótese, pois o futebolista polaco deverá «mostrar-nos em 1984 o que vale».

Entretanto, já em Espanha (onde chegou ontem, com grande recepção no Aeroporto madrileno de Barajas), Diego Maradona negou terminantemente rumores de um possível ingresso no clube italiano Juventus, lembrando entre outras coisas que lhe faltam cumprir quatro anos e meio de contrato com o Barcelona. Ainda na tarde de ontem, mas já em Barcelona, o jogador argentino submeteu-se a uma inspecção médica.

Ténis de Mesa

Regionais de equipas começam com veteranos

Os Campeonatos Regionais de Equipas de Lisboa têm início no próximo dia 11 com a realização da 1.ª jornada da categoria de veteranos, que conta com os seguintes jogos, a disputar na sala dos clubes indicados em primeiro lugar: Paço de Arcos-B.º Janeiro «A», B.º Janeiro «B»-Ferroviário «A», Sporting «B»-Casa Pia e Ferroviário «B»-Sporting «A». Fica isento o Alhandrense.

Por sua vez os juniores masculinos serão os segundos a entrar na liça, logo no dia 13 (sexta-feira). Eis os jogos das diferentes séries: SÉRIE A – Furnas-Kapas «A», Graça-Sporting «B» e Alhandrense-Kapas «B». SÉRIE B – Ramiro José-Encarnação, Arrudense-Sintrense e Casa Pia-Armadorense. SÉRIE C – Azambuja-Sporting «C» e Sporting «A»-Paço de Arcos; isento o Estoril.

As categorias de cadetes e seniores masculinos, que terão início em 15 e 17 de Janeiro, respectivamente, serão por nós dadas a conhecer na próxima semana.

Cadetes femininos: fase final

Concluída a 1.ª fase do campeonato regional individual de cadetes femininos, foram apuradas sete jogadoras para a fase final: Maria João e Marta Alexandra (Casa Pia), Ana Joaquim (Ramiro José), Natividade Sedas (Sporting), Sónia Mendes e Liliana Chaves (Atlético de Moscavide) e Margarida Lopes (Azambuja). Esta fase decorrerá em Alvalade no próximo domingo, a partir das 10 horas.

Também os cadetes masculinos realizarão os encontros da fase final no Estádio de Alvalade durante o próximo fim-de-semana, com início previsto para as 15 horas de sábado.

Torneio do «Comércio do Porto»

Com organização do nosso colega «Comércio do Porto» tem lugar no Pavilhão da União de Bancos, em Oliveira do Douro, um torneio aberto de ténis de mesa para jogadores federados. A prova inicia-se às 15 horas de sábado, dia 7, com as classes de cadetes e juniores ficando os seniores para domingo, a partir das 9 horas. Assinale-se o facto de haver prémios pecuniários para os primeiros classificados de cada classe, o que não é habitual entre nós.

Este torneio conta com a presença da maior parte dos nossos atletas mais consagrados, bem como de uma equipa espanhola, o Circulo Mercantil de Vigo.

A valsa das placas em França

O ano que termina foi o da valsa das placas toponímicas em muitas cidades francesas que passaram da esquerda para a direita por ocasião das eleições municipais de Março de 1983.

A última vítima desta «contra-revolução cultural», violentamente denunciada pelo Partido Comunista, foi o poeta comunista Louis Aragon, falecido em Dezembro de 1982, cuja glória póstuma apenas durou alguns meses na pequena cidade de Chauvigny (centro da França) onde a «Praça Aragon» se tornou, muito mais prosaicamente, na «Praça do Correio».

O acontecimento foi considerado suficientemente grave para justificar a deslocação a Chauvigny do ministro comunista do Emprego Jack Ralite que na quarta-feira conduziu uma manifestação de cerca de mil pessoas destinada a denunciar «a vingança dos que querem fazer desaparecer nomes como Aragon, Pablo Neruda e Salvador Allende».

De facto, o presidente socialista chileno Salvador Allende, que deu o seu nome a diversas ruas dos municípios social-comunistas depois da sua morte brutal em 1973, também está a pagar tributo às contingências da vida política francesa.

Em Franconville (arredores de Paris), perdeu a sua placa porque vários habitantes da Rua Allende não desejavam a manutenção de nomes de consonância estrangeira para o seu domicílio, segundo indica o município da oposição, eleito em Março. O antigo presidente chileno também caiu no anonimato em Levallois e Suresnes (arredores de Paris) assim como em Avignon (sudeste), segundo uma contagem não exaustiva efectuada pelo Partido Socialista e pelo Partido Comunista.

O primeiro chefe de governo socialista francês Léon Blum (falecido em 1950) perdeu uma rua em Suresnes, ao passo que em Sete (costa mediterrânica), o ginásio que tinha o seu nome é agora dedicado ao poeta-cantor Georges Brassens, natural da cidade e simpatizante da corrente anarquista.

O antigo secretário-geral do Partido Comunista Maurice Thorez (falecido em 1964), o responsável comunista espanhol Julian Grimau (garrotado em 1963 sob o regime de Franco) e Karl Marx sofreram sorte análoga em várias localidades.

Sob pressão de várias organizações de repatriados, diversas «Ruas do 19 de Março de 1962», data do cessar-fogo na Argélia antes da independência, foram substituídas por «Ruas dos Antigos Combatentes da África do Norte».

Em Montfermeil (arredores de Paris), a esquerda acusa a nova equipa de ter dado ao «Jornal de Informações Municipais» o nome de «La gerbe», título de um dos principais jornais da «colaboração» que era publicado durante a ocupação alemã.

Em Nice (Côte d'Azur), incidentes violentos marcaram em Dezembro a inauguração pelo município de direita duma avenida dedicada ao presidente do sindicato polaco Solidariedade Lech Walesa em detrimento duma parte da Avenida de Stalingrad.

Esta «batalha das placas» conheceu alguns antecedentes célebres em França. O marechal Pétain, chefe de Estado durante a ocupação alemã, foi uma das suas principais vítimas no momento da libertação. O mesmo aconteceu com Estaline que perdeu quase todas as suas ruas e avenidas nos municípios comunistas depois dos dirigentes soviéticos terem decretado a desestalinização entre 1956 e 1961.

«Não efectuamos desbaptismos de ruas quando conquistamos municípios», garante por seu turno o responsável anterior do Partido Socialista, encarregado das colectividades locais.

«Nem mesmo as Ruas Thiers. Consideramos que ele faz parte da história», precisou Autexier. Thiers foi um dos fundadores do sistema republicano em 1871 mas também «chacinador de operários parisienses» segundo os socialistas do séc. XIX. Thiers, aliás, continua a ser o campeão das placas toponímicas francesas.

Família real britância guerra com a Imprensa

Tudo corre mal entre a família real britânica e a Imprensa, acusada de ter organizado um cerco «quase militar» ao Castelo de Sandringham, em Norfolk, onde a rainha passou em família as suas férias de fim-de-ano.

A raínha ficou de tal forma incomodada com esta «intrusão na sua vida privada» que tomou na segunda-feira à noite a iniciativa excepcional de pedir aos chefes de redacção da Fleet Street, por intermédio do seu adido de Imprensa, para retirarem as suas tropas das imediações do Castelo de Sandringham (leste de Inglaterra).

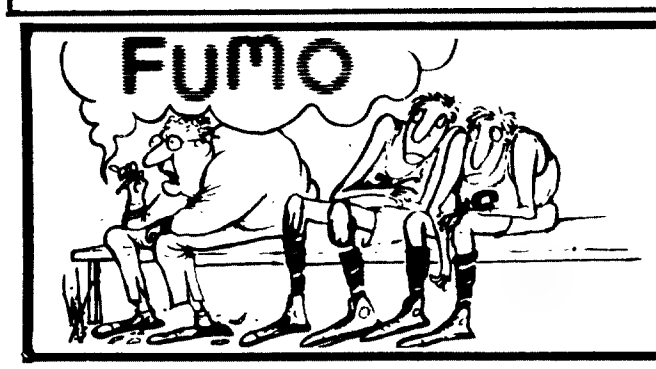
Segundo o Palácio de Buckingham, duas dezenas de repórteres e fotógrafos cercaram no fim-de-semana o Castelo de Sandringham, equipados com automóveis com rádio, teleobjectivas e «walky-talkies». «Não deixaram de incomodar a rainha e os membros da sua família desde que chegaram, de Windsor, a Sandringham», declarou o porta-voz da rainha, Michael Shea. A família real tinha «a impressão de já não poder fazer o mínimo movimento sem ser vista», acrescentou. «Sua majestade a rainha pediu-me, em consequência, para solicitar aos chefes de Redacção que retirem os seus repórteres e fotógrafos das proximidades de Sandringham».

ANA

TEXTO: G. Solano
DESENHO: F. Solano

16

Continua



NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Os Viajantes da Noite" de Amos Poe

Não sei se o olhar deve ser calibrado conforme o filme, já que não é de caça que tratamos. Sei que o olhar deve saber fixar-se no concreto de cada filme sem supor estar a atentar a outra coisa qualquer. Se eu vejo um filme devo ver esse filme e não uma estética, uma escola, um nome. Porque cada obra é um objecto particular, porque as estéticas, as escolas e os nomes passam por lá mas não o substituem.

Vem isto a propósito de **Os viajantes da noite** de Amos Poe que chega com um labéu de experimentalismo e a fama de New Wave nova-iorquina. Vem isto a propósito dos equívocos que esses rotulos têm causado. Quando se olha **experimental** vê-se o **experimental** e não o filme.

E ver o **experimental** quer dizer, neste caso, chover no molhado, ou seja, sublinhar as cromaticidades e o trabalho na banda de som, os ângulos insólitos e os **raccords** abolidos — tudo coisas óbvias — e esquecer que o filme tem uma muito forte vontade de contar uma história — para a qual tem princípio, meio, fim e absurdo — e não o consegue.

Tenho fortes reticências em aceitar filmes que querem ter um pé em seu comboio, um pé no filme negro e outro no pesadelo interior (de que o exemplo mais assumido e coerente que conheço é o do cinema de Dwoskin — onde Poe muito bebe), um pé numa narrativa clássica e outro no **jazz** fílmico (para utilizar uma expressão do filme que diz que o **jazz** é a música onde cada um toca a sua música, tocando todos ao mesmo tempo) um pé num cinema com bastas hipóteses de comercialização e outro na provocação, um pé na prosa e outro na poesia — e por aí fora.

Não se pense porém que estas reticências querem dizer que estamos diante de um «golpe», isto é, de um filme que sob a capa do experimentalismo quer vender-se de algum modo (como era o caso do espanhol **Bilbao**) ou, ainda menos, que **Os viajantes da noite** é uma obra desinteressante. Pelo contrário: Amos Poe revela não poucas qualidades de cineasta, o que será de parte inteira quando escolher o comboio a tomar. Porque se o importante no cinema é o **«clima»**, é a capacidade de mergulhar o espectador num ambiente denso, credível, aprisionante, se o decisivo é que o mundo do **«écran»** se imponha ao mundo do espectador e o faça trocar a sua realidade pela realidade do filme, pode afirmar-se que **Os viajantes da noite** tem essa virtude e em alto grau: o pesadelo que este filme transmite, a solidão e o desespero que o habitam são totais e são fabricados com materiais especificamente cinematográficos.

O que é falhado é a coerência global, é o salto que se quer dar mas se hesita, são os tais comboios com destinos diferentes que é preciso escolher. Tomar dois não leva a sítio nenhum e é por isso que **Os viajantes da noite** é um caminho bloqueado. Não vai onde foram Walhol, Dwoskin ou Godard, nem onde foram Ray, Lang ou Huston (já que é de um filho da noite, de um filho do negro, de um filho do filme negro que se trata).

Claro: depois há outros aleijões, explicáveis pela marginalidade da produção, mas nem por isso muito aceitáveis: planos mal impressionados ou essa coisa bizarra que é ter dois actores para o mesmo personagem — porque sim (a razão concreta é que Lurie abandonou o filme a meio da rodagem e teve de ser substituído por Poe) Aleijões que querem **passar** por afluentes experimentais e não são, um plano com falta de luz e um plano deficiente no centro ou na margem, no **establishment** ou no experimentalismo, em Hollywood ou em Nova Yorque, seja onde for.

Se todos os caminhos de Poe já foram trilhados por alguém isso só quer dizer que o cinema é uma arte onde a diferença radical é difícil não quer dizer que Poe seja um mau cineasta. Não há que rejeitar este filme, há é que evitar que uma obra que é apenas curiosa se transforme, por decreto cultural, numa qualquer obra-prima obrigatória.

FICHA:

Títulos original: Subway Riders.

Realização e argumento: Amos Poe (USA-1981).

Fotografia: Johanna Heer.

Música: Robert Fripp, Ivan Krai, John Lurie e The Lounge Lizards.

Montagem: Orlando Gallini Amos Poe Johanna Heer.

Interpretação: Robbie Coltrane, Charlene Kaleina, John Lurie Cookie Mueller, Amos Poe, Susan Tyrrell etc.

Distribuição em Portugal Animatografo.

Cinema. Quarteto.

Classificação: Para maiores de 18 anos.

Susan Tyrrell em «Os Viajantes da Noite»: a força de um ambiente não faz um grande filme mas revela um cineasta

Cardin apresentou em Paris ópera-rock moscovita

«Uma das mais espectaculares produções teatrais dos últimos tempos», é como a crítica considera a ópera-«rock» «Juno e Avos» do Teatro Komsomol» de Moscovo apresentada recentemente em Paris, pelo costureiro francês Pierre Cardin.

Cardin assistiu na capital soviética, num clube de uma fábrica de automóveis, ao espectáculo do grupo moscovita e ficou de tal modo entusiasmado com a peça onde se misturam a música «rock», canções populares e religiosas, com raios laser e sintetizadores, que convidou os artistas para actuarem no seu teatro, «O Espaço Cardin», durante um mês. A «troupe» do Teatro Komsomol deixou Paris em meados de Dezembro.

Para o êxito de «Juno e Avos» contribuiu uma constelação de artistas de grande talento: Voznessenski escreveu o texto, Alexei Rybnikov a música, Mark Zakharo assinou a encenação e a estrela do Bolchoi, Vladimir Vassiliev, foi autor da coreografia. Nikolai Kovachantsov interpretou o principal papel.

O argumento desta ópera-«rock» evoca a viagem do mercador russo, Nikolai Rezanov à Califórnia, em 1806, a bordo dos veleiros «Juno» e «Avos», encarregado pelo czar de estabelecer relações com a população autóctone, Rezanov apaixonou-se pela jovem e bela Conchita, filha do governador de San Frascisco e pediu a sua mão.

Este casamento era fortemente contrariado não só por motivos políticos — os espanhóis, então senhores da Califórnia, não viam com bons olhos certos contactos estabelecidos pelo comerciante russo e a Igreja uma vez que Rezanov era ortodoxo. No entanto, o casamento civil realizou-se e passado pouco tempo, o noivo regressou à pátria a fim de dar contas da sua missão e obter consentimento para que essa união fosse selada com uma cerimonia religiosa.

Mas durante a viagem Nikolai adoeceu e morreu. Conchita não acreditou nos rumores que corriam sobre a morte do bem-amado e esperou-o durante 35 anos Quando finalmente, teve provas irrefutáveis da tragédia faz voto de silêncio perpetuo, tornando-se a primeira religiosa da Califórnia

Além de «Juno e Avos», o «Teatro Komsomol» apresentou na mesma altura, na capital francesa, «Fulgor e Morte de Joaquim Murieta» também recheada de elementos cénicos excêntricos e de pantomina.

A crónica agrícola

Continuação da pág 3

o preço é o mesmo em toda a parte, porque os dos cafés e leitarias combinaram-se e disseram por intermédio da associação deles que o preço era para todos os 17$50 e depois mesmo que aqui fosse mais barato ia-se a barateza no bilhete dos autocarros ou nas solas dos sapatos e não ha concorrência nenhuma e dantes era a 12$50 e agora é a 17$50 e só me admiro o tanto dinheiro que eles perderam durante os anos que foi a 12$50. Dantes não escolhia e agora também não escolho, tenho que comprar o que está mais à mão e a mim o que me admira é que venham para a TV dizer destas e doutras, com ares de doutores que a gente já vê que são estupidezes que se ponham pela boca fora. Um que vinha no autocarro e engarrafara vinho, vinha a dizer que os fabricantes de garrafas subiam os preços de três em três meses e que eram os mesmos para todos porque também tinham uma combinação quanto aos preços de venda das garrafas e por isso a gente, a pouco e pouco, vamos a ver que a concorrência é sempre para subir e nada para baixar e já estou a ver quando puserem livre o pão o que vai acontecer. Não vai chegar o dinheiro de três carcaças para uma lheita. Não está só.

É assim que um tal Pais de Sousa e um tal Cardoso e Cunha, preparando o funeral da EPAC têm já pronto o berço de oiro para o menino que há-de nascer do enterro daquela.

* * *

E porque assim é, está a processar-se a todo o vapor – pode o Governo cair de repente – a passagem para Sociedades privadas dos grandes negócios de privilegio do Estado.

O senhor Cardoso e Cunha, quando foi ministro da Agricultura, tentou fazer isso mesmo. Não o deixaram, nem a opinião pública, nem o Parlamento, nem o Conselho da Revolução

Comprar cereais no exterior e vendê-los aos portugueses e um negócio de 100 milhões de contos. Garantidos.

* * *

O senhor Salazar não era socialista, nem muito menos comunista. Criou uma Polícia para os combater. Meteu-os na cadeia. Perseguiu-os.

Mas o senhor Salazar foi o criador e defensor acérrimo do privilégio estatal da importação dos grandes produtos alimentares. Este, talvez, um dos grandes motivos da sua durabilidade na medida em que nacionalizando esse comércio acabava não só com a génese dos prejuizos colectivos resultantes dos grandes conflitos de interesses como lhe permitia um grau de controlo sobre os preços.

Quando numa sociedade organizada ainda é possível encobrir com razões de Estado projectos que visam pura e simplesmente enriquecer meia dúzia de suspeitos à custa da transferência de actividades nacionalizadas para as suas mãos, a sociedade não está organizada. É uma sociedade permissiva, corrupta, a que nem a ALTA Autoridade pode deitar a mão, já que a corrupção é facilitada pela autoridade do Governo.

Mas nem tudo são rosas, porque:

Mudaram-se os tempos, mudaram-se as vontades
Muda-se o ser, muda-se a confiança
Todo o Mundo é composto de mudanças
Tomando sempre novas qualidades

E afora este mudar-se cada dia
Outra mudança faz de mor espanto
Que não se muda já como soía.

3

EPAC – Comércio de Estado para Comércio Privado

Porque o professor Soares da Costa, ministro da Agricultura se tem revelado suficientemente **atado,** vai daí, o engenheiro Álvaro Barreto ministro do Comércio e Turismo, mais dinâmico, na mais pura das intenções, arrancou-lhe do pelouro a tarefa de matar a EPAC e do seu corpo morto fazer nascer uma esplendorosa árvore de frutos de oiro, que todos os anos dará farta co-

Gulbenkian reedita "A República" de Platão

Em edição da Fundação Gulbenkian através do seu Serviço de Educação (Plano de Ediões) acaba de ser publicada a 4.ª edição dessa obra fundamental da literatura e da política clássicas, «A República», de Platão, com introdução tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira.

Os diálogos de Platão reaparecem assim, de novo, com a mesma frescura com que foram escritos, acompanhados de um estudo valiosíssimo da Autora, que nos dá uma ampla visão do autor e da obra para todos os que «não dispondo ainda de uma preparação específica, pretendem simplesmente uma informação geral e actualizada sobre a matéria».

Isso não impede, porém, que a Introdução seja um verdadeiro ensaio sobre a obra de Platão, do seu estilo, das suas ideias, por entre o conjunto das figuras que agitam nos diálogos – verdadeiras obras-primas do pensamento do grande filósofo grego.

Obra de José Afonso reunida em álbum de três discos

Uam colectânea de alguns dos melhores trabalhos de José Afonso, desde os primeiros fados-trova de Coimbra até à actualidade ou seja, um período de cerca de 25 anos, foi reunido em album de três discos, cujo lançamento teve lugar este fim-de-ano Trinta composiçoes que sao um autêntico painel da obra do que é unânimamente considerado o maior de sempre da Canção Portuguesa. Primou a Rádio Triunfo-Orfeu, etiqueta para a qual José Agonso gravou inolvidáveis albuns, por uma apresentação inédita no nosso país: caixa com três LP's e volumosa brochura onde, a par de biografia, discografia-bibliografia, poesia, inclui testemunhos de João de Freitas Branco, Oscar Lopes, Manuel Louzã Henriques, Fernando Assis Pacheco, Urbano Tavares Rodrigues e, ainda, um texto de Bernardo Santareno feito aquando do lançamento de um dos trabalhos de José Afonso. Trata-se, efectivamente, de um valioso contributo prestado à Música Portuguesa e algo que um artista da dimensão de José

Afonso merecia. Aliás, esta edição, teve a anuência do artista, era pretensão antiga do editor. José Afonso foi a primeira pessoa a receber o album na sua casa de Setúbal, tendo, para o efeito, sido visitado por representantes do editor portuense.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Os escravos e as tolices

Quando iniciava o seu minuto 14 de emissão, o Telejornal entrou na página desportiva, com depoimento de Fernando Mamede, este, aliás, a dar provas de grande modéstia, como sempre. Isto quer dizer, na sua simplicidade, que o **Telejornal** mora num país sem notícias, num país entregue à bicharada, desculpem, olha a tolice, entregue à felicidade. Como se sabe, a felicidade não tem história...

O melhor, porém, estava para vir depois do Telejornal, com o **Tempo de Governo.** Ou seja: o Governo tem, na televisão, todo o tempo que quiser e ainda o tempo que a lei lhe confere. Simpático...

O tempo de ontem tinha um sabor especial pois se sentara na cadeira do Poder o ministro José Augusto Seabra. Eu cá, juro pela minha saúde, posso perder tudo na televisão. Posso perder o Popey the sailorman, posso perder os **marretas,** posso até perder – oh suprema, herética opção! – posso até perder **O Tal Canal.** Mas **Tempo de Antena** com José Augusto Seabra, isso nunca ou, como dizem os franceses, isso jamais!

Seabra referiu uma vez mais «os sectores minoritários». Avança, terrível, a pesada cabeça balançando que «se perdeu o sentido do pudor», ou o pudor do sentido não me lembro bem. Mencionou as intrigas «palacianas» (leia-se: ministeriais»), os «ataques menores» (e então os maiores?) denunciou «as corrupções instaladas» (oh lá lá, isto vai dar molho!) e «certas forças irresponsáveis», bem como as «minorias activistas», as «querelas subalternas» e a «opressão totalitária».

Igualmente ficamos a saber que muitas escolas tinham superado os seus problemas e aberto as portas para o segundo período. Parabéns! Isto é que se chama andar depressa.

Claro que ainda há casos por resolver, disse-nos. Sim, senhor ministro, mas deixe lá, não se preocupe. Os portugueses confiam totalitariamente e totalmente em V. Ex.ª e sabem que o resto das escolas abrirá nos fins de Maio, que é o mês das flores. Aceite a mais profunda gratidão... da rapaziada.

Ao serão, houve grande reportagem, num inquérito sensacionalista à existência de escravatura na Mauritânia. Pronto! Desta vez é que se vai ao ar o nosso acordo de pesca com aquele país.

Importava despir o fenómeno dos seus aspectos emocionalmente mais chocantes, mais em conflito com a mentalidade europeia. Os estudiosos das civilizações africanas teriam aqui importante papel cultural. Infelizmente, e em substância, o caminho escolhido foi outro.

Faltaram igualmente algumas informações reveladoras da situação em que a França deixou aquele país. As consequências do colonialismo são terríveis. A Mauritânia, que se tornou independente em 1960, possui 95 por cento de analfabetos; um médico por 16 000 habitantes; a mortalidade infantil é de 187 por mil; a esperança de vida para os homens é de 37 anos e para as mulheres é de 40 anos. Na altura da independência, a Mauritânia possuía cinco universitários e 15 estudantes...

Por aqui já se pode ver como a jovem nação tem problemas imensos, herdadas de um colonialismo vocacionado para a exploração e não para a civilização. O mesmo colonialismo saudosista que vem agora chorar lágrimas de crocodilo sobre uma situação – que ele próprio fomentava...

Aliás, **Grande Reportagem,** se quisesse, encontraria no nosso país, terra de «homens livres», situações tão deprimentes como aquelas que os franceses foram encontrar agora na Mauritânia. Em verdade vos digo que as barracas dos escravos na Mauritânia são verdadeiros chalés, comparadas com as barracas mesmo no coração de... Lisboa...

Para além dos problemas que o próprio tema levanta, os apropriadores portugueses acrescentaram-lhe novas «qualidades».

Assim, ficámos a saber que grande parte da população se dedica aos «trabalhos de **pastorio** e cultivo». Dicionários que possuo registam apenas **pastoreio,** mas a imperatriz do gelo, Fernanda Garcia, lá sabe...

Curiosa aquela informação sobre a constituição da sociedade mauritana. Disse-nos a D. Fernanda que há três grupos sociais. E esclarece: os mouros são a parte mais privilegiada, **a segunda metade** é representada pelos negros; finalmente, temos os **haratin...**

Em resumo e concluindo: a sociedade mauritana é constituída por três metades...

A certa altura, nem a referência àquela ilha que fica ao largo do Senegal, considerada o ponto mais ocidental da África. E a voz de Fernanda Garcia, macia como um arame farpado: **Ao nascer do dia, a ilha quase se confunde com as ilhas do mar Egeu, berço da civilização europeia...**

Uma ilha, ao largo do Senegal, a confundir-se com as ilhas do mar Egeu? Ó D. Fernanda, não estará a fazer confusão com as Berlengas?

Não quero fechar a crónica sem um grito de júbilo: a televisão, em últimas notícias, referiu a final do torneio dos candidatos ao título mundial de xadrez!

Meneses não sabia, por falta de treino, pronunciar o nome de Smyslov. De qualquer forma, ah, de qualquer forma – aleluia!

Hoje

Alec Guiness e Grace Kelly, numa cena do filme «O Cisne», que se exibe esta noite através da RTP-1

12.00 Meio-Dia
13.00 Jornal da Tarde
Das **13.35** às **17.15 Ciclo Preparatório TV**
18.02 Sumário
18.10 Janela Mágica
19.00 Teleregiões
19.25 Três Tons
19.55 Vamos Jogar no Totobola
20.00 Telejornal
20.30 «Pai Herói»
21.20 Cinema Lumiar – «O Cisne». Intérpretes: Grace Kelly, Alec Guiness, Louis Jourdan, Jessie Royce Landis, Agnes Moorehead e Brian Aherne. Realizador: Charlis Vidor.
23.15 Últimas Notícias

Na RTP-2 exibe-se mais um episódio da telenovela «Gabriela»

19.32 Desenhos Animados
19.50 Adágio – recital de piano por Mário J. S. Guedes.
20.15 Estúdio Aberto – emigração.
20.45 As Grandes Batalhas – a Batalha do Atlântico.
21.55 «Gabriela»
22.35 Último Jornal

Amanhã

12.00: Meio-Dia; **13.00**: Jornal da Tarde; das **15.35** às **17.15**: Ciclo Preparatório TV; **18.00**: Sumário; **18.10**: Janela Mágica; **19.00**: Teleregiões; **19.30**: República; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «Pai Herói»; **21.15**: «Devlin Connection»; **22.00**: Programa da Direcção de Informação; **23.00**: Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados; **20.00**: Passeios de Coimbra; **20.30**: Animação; **21.00**: Da Música – homenagem a Wagner com «Siegfried»; **22.15**: «Gabriela»; **22.45**: Último Jornal.

COMPLETE OU ADQUIRA
A SUA ENCICLOPÉDIA LUSO–BRASILEIRA DE CULTURA
«VERBO» (20 VOLUMES) PAGANDO EM PRESTAÇÕES ACESSÍVEIS
TELEFONES: 54 58 55 ou 243 59 12. OU ENTÃO ESCREVA UM SIMPLES POSTAL AO APARTADO 2938 1100 LISBOA CODEX

TERRENO
Compra-se
Na Azoia
ou Pirescoxe
Respostas
para o Telef. 87 18 62

Caminhos de Ferro Portugueses Informaçao

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 24 de Janeiro de 1984, estes Caminhos-de-Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Bifurcação de Lares.

A anuidade mínima a oferecer é de 30 000$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da CP, a quantia de 5 000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

— **Bifurcação de Lares**
— **Serviço Comercial da Região Centro — Lisboa (Santa Apolónia) —**
— **Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA**

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, EP, Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Bifurcação de Lares».

Procure um técnico credenciado para a instalação dos seus aparelhos a gás.
Cumpra as minhas regras de segurança.

DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

EXTERNATOS
SÉNECA
SEBASTIÃO DA GAMA
CICLO PREPARATÓRIO – GERAL – UNIFICADO
COMPLEMENTAR – 11.º E 12.º ANOS
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º – Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º – Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

CLUBE RECREATIVO DA CRUZ DE PAU

Assembleia Geral Ordinária

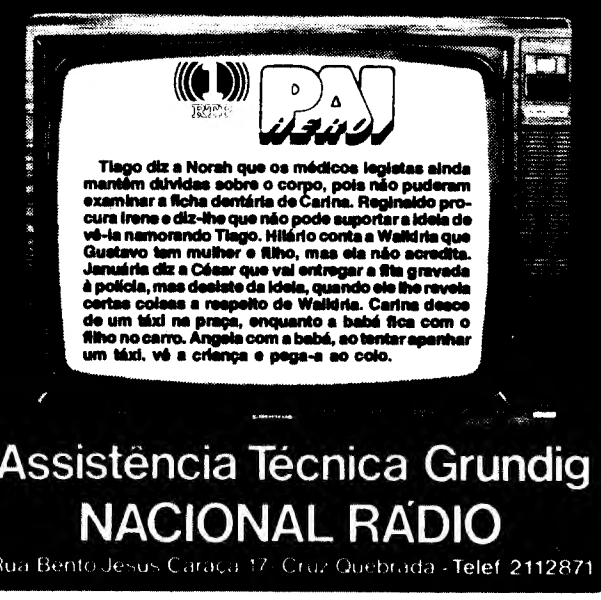
CONVOCATÓRIA

Nos termos do ponto 5 do Artigo 15 dos estatutos, convoco os prezados consócios a reunirem em Assembleia Geral Ordinária nas instalações do Clube Recreativo da Cruz de Pau pelas 21 horas do dia 14 de Janeiro de 1984 com a seguinte **ordem de trabalhos:**

— Ponto único: Eleições dos corpos gerentes para o ano de 1984.
— Nota: Se à hora indicada não estiver presente a quantidade de sócios prevista no ponto 3 do Artigo 15 no gozo dos seus direitos a Assembleia reunirá meia hora mais tarde em segunda convocatória com qualquer número de sócios.

Mesa de Assembleia Geral
O Presidente
Gutemberg Amélio Sousa Felicio

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 Cruz Quebrada - Telef 2112871

roteiro cultural

Teatro

Carlos Correia, autor de «A la minuta», faz hoje, às 18.30, na Sociedade Portuguesa de Autores, uma comunicação sobre teatro e video com demonstrações da aplicação daquela técnica. O grupo «Passagem de nível» interpreta algumas cenas da peça. Entrada livre.

O TIL — Teatro Infantil de Lisboa, lança agora um grupo para as pessoas crescidas: o Teatro Livre. Com sede em Alcântara, na Rua Leão de Oliveira, 1 (Centro Social e Paroquial de S. Pedro), junto ao Largo do Calvário, o Teatro Livre apresenta já a partir de hoje o seu primeiro espectáculo: «António Aleixo, Poeta do Povo», com encenação, dramaturgia e direcção de Ruy de Matos e com música de Filipe Trigo. O espectáculo estará em cena todas as quintas, sextas, sábados e domingos, às 21.45, havendo também matinées aos domingos às 16 horas.

Cinema

Prossegue na Cinemateca o ci[clo] Cary Grant, com a exibiç[ão] filmes «Com a Verdade [não] Enganas», de Leo M[cCarey] (às 18.30), e «Brinc[adeira] Up Baby», de Howard H[awks] (21.30).

Entretanto, no City-Cine, às 2[1.30], passa hoje o excelente «Belle de Jour», de Buñuel, com Catherine Deneuve.

Conferências

Esta noite, às 21.30, a obra de Manuel Alegre é analisada na Associação Portuguesa de Escritores pela ensaísta Clara Rocha. Entrada livre.

Mariano Piçarra mostra fotografias de Mértola na loja Bica dos Olhos

Livros

O escritor açoriano Dias de Melo lançou em Angra do Heroísmo uma nova obra intitulada «A Vida Vivida em Terra de Baleeiros».

Editado pela Direcção Regional de Orientação Pedagógica, o livro pretende ser uma introdução a volumes em preparação sobre a vida dos baleeiros.

Dias de Melo, que é natural do Pico, centro tradicional da caça à baleia nos Açores, encontra-se a efectuar um levantamento da história dos baleeiros por encomenda da Direcção Regional de Orientação Pedagógica.

A temática baleeira ocupa um espaço privilegiado na obra de Dias de Melo, com especial incidência nos romances «Pedras Negras» e «Mar pela Proa» e na recolha de narrativas «Mar Rubro».

Exposições

Mariano Piçarra expõe fotografias de Mértola, a partir de amanhã e até 3 de Fevereiro na loja Bica dos Olhos, à Rua da Bica Duarte Belo, 14, em Lisboa. A exposição está aberta de 2.ª a 6.ª das 11 às 20 horas (aos sábados das 10 às 14).

Na Sociedade de Língua Portuguesa, Rua de S. José, 41-2.º (perto do cruzamento com a Rua das Pretas), inaugura-se no dia 9 uma exposição de fotografia a cor de Ahmed Ismael. A exposição, constituída por 30 fotografias e intitulada «Encontros íntimos de luz e cor» poderá ser visitada na Sala Camões da SLP de 9 a 20 de Janeiro, de 2.ª a 6.ª, das 13 às 19.30.

Papunya — Pinturas aborígenes do Deserto Central Australiano, exposição organizada pela Agência dos Artistas Aborígenes com o apoio do governo australiano, através da sua embaixada em Portugal e apresentada pela Fundação Gulbenkian, é inaugurada amanhã, às 18 horas, nas galerias das exposições temporárias daquela Fundação.

Trata-se de uma significativa exposição de trabalhos de pintura a óleo, em madeira e acrílicos, criadas por um grupo de 26 artistas de diversas tribos australianas. De destacar a expressão figurativa de cariz mitológico de muitas das piinturas que agora serão apresentadas pela primeira vez em Portugal.

Natividade Correa expõe os seus mais recentes trabalhos de pintura na Galeria «Diário de Notícias». A mostra estará patente até ao próximo dia 14, podendo ser visitada das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 horas.

Projecto Alcácer

Continuação da pág. 6

plementação local dos modelos. Se fosse noutra, permitiria superar algumas dificuldades – distância entre o local onde habita a equipa e o terreno de intervenção, dispersão dos centros, número de comunidades abrangidas – e talvez permitisse ensaiar a disseminação dos modelos elaborados ao mesmo tempo que se continuava o seu alargamento e aprofundamento». É uma questão a resolver depois.

Depois também se verá a utilização que irá ser dada a este projecto Alcácer que, sendo presente, tem já um pé no futuro. Contribuir para melhorar a rede escolar oficial ou mesmo a rede particular, suportada pelo Estado, será um objectivo da Gulbenkian, tanto mais que não existe qualquer currículo para o pré-escolar. Um fantasma, porém, está presente: que o projecto venha a ficar esquecido nas gavetas dos ministros ou dos secretários de Estado!

Se isso acontecer – o que não é de forma alguma previsível – restará apenas aquilo que a educadora Isolina nos transmitiu. Assim: «fica sempre um formigueiro na gente».

Luís Humberto Marcos

Caminhos de Ferro Portugueses Informaçao

LISBOA - FARO - LISBOA

«RÁPIDO SOTAVENTO»

AGORA COM 2.ª CLASSE

9001		9002
14.40	LISBOA (TERREIRO DO PAÇO)	23.30
15.20	BARREIRO	22.50
18.04	TUNES	20.07
18.11	ALBUFEIRA	20.00
18.24	LOULÉ	19.47
18.35	FARO	19.35

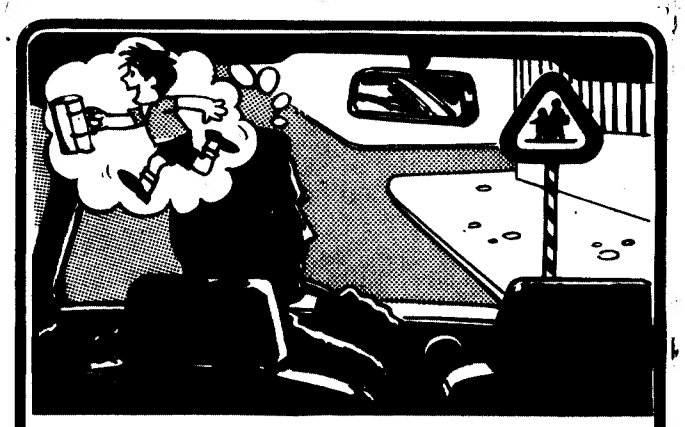
Desde o dia 25 de Setembro de 1983, os comboios rápidos com os horários acima indicados, passaram a incluir, também, carruagens de 2.ª classe.

Esta medida traduz-se numa melhoria do serviço prestado ao Público já que visa uma maior adequação do transporte oferecido à procura verificada.

Chama-se a atenção dos senhores passageiros que as carruagens de 2.ª classe, atrás referidas, não poderão ser utilizadas por portadores de títulos de transporte com reduções especiais não insertas na Tarifa Geral de Transportes

NOTA: Nestes comboios, tanto em 1.ª como em **2.ª classe**, é obrigatória a marcação prévia de lugar e a sua lotação é limitada ao número de lugares oferecidos.

Para informações mais detalhadas, devem os senhores passageiros dirigir-se às estações ou às Secções de Informações.



AOS CONDUTORES

"Abrande a marcha ao avistar o sinal de trânsito 'Crianças', porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; **17.00**: ZGHIBZ; **18.30**: Informativo de trânsito; **18.45**: Catequese semanal do Papa João Paulo II; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Folhetim – o espaço é seu; **21.00**: Toda a gente é pessoa; **21.30**: Viva a noite; **23.30**: Último Jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00** e **22.00** horas.

Programa 2

16.05: Efeméride; **17.00**: O canto e os seus intérpretes; **18.05**: Culturando; **19.30**: Poemas sinfónicos; **20.15**: A voz de Roma; **20.30**: Quarteto n.º 21, em ré maior, kv. 575, de Mozart; **21.00**: Encontro; **21.45**: Solos de órgão; **22.00**: «Missa de Glória», de Rossini; **23.00**: Retrospectiva/83; **23.45**: Música; **01.00**: **Fecho. Noticiários de hora a hora.**

RÁRIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; 19.00: Músical; **20.00**: Conta corrente; **20.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.30**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: O som da frente; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**; Em órbita; **20.00**: Cinco estrelas; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **00.00**: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Horizonte; **20.30**: Programa da LAR; **21.00**: Ouvir e pensar; **22.00**: Hora de música; **23.40**: Bola branca (3.ª edição); **23.55**: Meditando. Noticiários a todas as horas.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; **22.54**: Reflexão; **23.00**: A cor do som; **00.55**: Meditando; **01.00**: As superestrelas do FM.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Paju.

palavras cruzadas

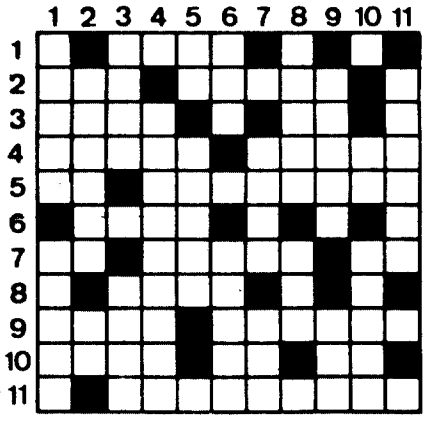
COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 925

HORIZONTAIS:

1 Artigo definido. Grande afecto. Conjugação. Artigo definido.
2 Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Torna pior.
3 Raera. Abreviatura de radiano, unidade de ângulo.
4 Esclarece com comentários. Romance de Eça de Queirós.
5 Sentidas condolências. Induzes.
6 Catafalco.
7 Meritíssimo. Zelosa. Frâncio (sq).
8 Morada.
9 Sair frequentemente à rua. Cidade do México.
10 Falha. Seguia. Item.
11 Misturares.

VERTICAIS:

1 Dás oiro a. Homicídio.
2 Dominam. O mesmo que uma (ant. e pop.).
3 Ilha do Pequeno Belt. Rosto.
4 Comprometerem seriamente.
5 Abreviatura que se usa em música. Lavrais.
6 Víscera. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
7 Artigo definido. Além disso. Duna na Suécia.
8 Vagueias. Armaria.
9 Torna ditoso. Acrescentando uma vogal é metal precioso.
10 Autores. Valente.
11 Percorrer.



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

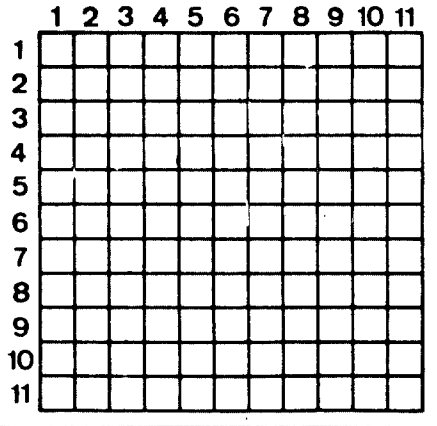
NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9777

HORIZONTAIS:

1 Executará. Leito.
2 Suspiros. Unidade monetária do Japão.
3 Oferece. Donzela de Orleães. Planta do pé.
4 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Em as.
5 Acharam a solução.
6 Batráquio. Letra grega. Bário (sq).
7 Dariam marteladas.
8 Jogo dianteiro das carretas de artilharia. Nome de mulher.
9 Nosso Senhor. Seguias. Rezai.
10 Possuir. Abreviatura de Santíssimo. Nota musical.
11 Classe de tropa. Poente.

VERTICAIS:

1 Predistinar. Cobertor.
2 Camareira. Estava. Ente.
3 Reis. Guarnecera de asas. Antiga unidade monetária da Alemanha.
4 Espaço de doze meses. Prefixo que designa três.
5 Rio da Rússia. Aves pernaltas.
6 Cento e quatro em romano. Frouxo.
7 Suspiros. Trabalho feito de noite.
8 Espaço de trinta dias. Grande quantidade. Olé.
9 Nome de fruto. Palmeiras da Amazónia.
10 Bofetada.
11 Nomes científico do pato. Bailarina cigana espanhola já falecida.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 924

HORIZONTAIS:

1 UMA. MULHER.
2 Nardos. Amua.
3 It. Eça. At.
4 Rã. Tas. Aero.
5 Asse. Se. Sal.
6 Aspes.
7 Altas. Lear.
8 Figas. Filme.
9 Era. Molham.
10 Roma. Aoro.
11 Anas. Sassas.

VERTICAIS:

1 Uniras. FIEA.
2 Matas. Ria.
3 Ar. Salgara.
4 DETESTA. OS.
5 Moca. Pás.
6 Usasses. Mas.
7 És. Fo.
8 Haia. Lilás.
9 Em. ESPELHOS.
10 Ruara. Amara.
11 Atolaremos.

PROVÉRBIO: Uma mulher feia de testa os espelhos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9776

HORIZONTAIS:

1 Amar. Cresta.
2 Mora. Ouro.
3 El. Ll. Dar.
4 Ri. Ana. Cora.
5 Narraríamos.
6 Atiá. Arrasa.
7 Em. Aa.
8 Orado. Dia.
9 Um. Ura. Mão.
10 Aira. Pê. Lê.
11 Resmungaras.

VERTICAIS:

1 Amorna. Suar.
2 Mó. Iate. Mie.
3 Are. Rimo. Rs.
4 Ralara. Ruam.
5 Na. Par.
6 Colara. Dá.
7 Rui. Irão. Pg.
8 ER. Cara. Meã.
9 Sodoma. Dá.
10 Aros. Iola.
11 Arrasara. Es.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	98$15	104$15
ALEMANHA FED (marco)	47$65	48$75
ÁUSTRIA (xelim)	6$65	6$85
BÉLGICA (franco)	2$167	2$367
BRASIL (cruzeiro)	$060	$110
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	105$15	107$15
(notas de 5 a 1000)	105$65	107$65
DINAMARCA (coroa)	13$15	13$55
ESPANHA (peseta)	$792	$912
EUA (dólar – notas de 1 as 2)	131$05	133$05
(notas de 5 a 1000)	131$55	133$55
FINLÂNDIA (marka)	22$30	22$90
FRANÇA (franco)	15$55	16$25
HOLANDA (florim)	42$35	43$35
INGLATERRA (libra)	188$50	192$50
IRLANDA (libra)	148$25	152$25
ITÁLIA (lira)	$071	$081
JAPÃO (iene)	$538	$573
NORUEGA (coroa)	16$85	17$35
SUÉCIA (coroa)	16$20	16$80
SUIÇA (franco)	59$55	60$65
VENEZUELA (bolivar)	8$00	9$00

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 ex.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
3.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. m. 18 a.
CALÍGULA

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
M. 6 a.
FLASHDANCE
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FLASH GORDON

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
men. 16 anos
MALANDRICES CASEIRAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 19 e 21.30 – Para Todos
O KRULL
Às 24
GUERRA AO CRIME

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
Às 24
HERÓIS DO CÉU

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CADA BALA TEM UM NOME

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
O HOMEM DE RIO NEVADO

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
MEGAFORCE

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO
27.ª Semana

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
75.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 13 a.
O BOM CASAMENTO

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– M. 6 a.
O REGRESSO DE JEDI

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
– M. 6 a.
O HOMEM DO RIO NEVADO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
KRULL
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CLASSE

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30
N. ac. men. 16 anos
MULHER DEPUTADA MARIDO FALHADO
Às 24
O MONSTRO VOLTA A NASCER

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 12 a.
OPERAÇÃO THOR
Às 24
UM ASSASSSINO DENTRO DE MIM

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– M. 12 a.
007, MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CLASS

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– M. 18 a.
O HOMEM LEÃO

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTA PRÓPRIA
3.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
– M. 16 a.
ESMERALDAS SANGRENTAS

«CRIMES A SANGUE FRIO» (FILME DE QUALIDADE)
com GERARD DEPARDIEU, BERNARD BLIER e JEAN CARMET
em exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
– M. 18 a.
OS VIAJANTES DA NOITE
Às 23.30 – M. 18 a.
BASQUALINO DAS 7 BELDADES

SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
QUERELLE
Às 23.30 – M. 18 a.
WOODSTOCK

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CLIENTE MORTO NÃO PAGA CONTA
Às 23.30 – M. 18 a.
A QUADRILHA SELVAGEM

SALA 4
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– M. 16 a.
CRIMES A SANGUE FRIO
Às 23.30 – M. 18 a.
O ÚLTIMO TANGO EM PARIS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– M. 6 a.
ESPIÕES POR CONTRA PRÓPRIA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
CHAMAVAM-LHE GÉNIO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA
3.ª Semana

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
– M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO
10.ª Semana

SALA 3

Às 14.45, 18.15 e 21.15
– M. 6 a.
OS SAPATOS VERMELHOS
2.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.45, 19 e 21.30
– M. 6 a.
OS 101 DALMATAS
Às 24
A CONQUISTA DO MUNDO

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
– M. 12 a.
NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

STAR 004210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
A VIDA É UM ROMANCE

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– M. 6 a.
KRULL

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
OS 101 DALMATAS
3.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– M. 12 a.
Música! Alegria! Amor!
A FEBRE LOUCA DOS ANOS 60

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
GUERRA CONJUGAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.45 (12 anos)
ALFA-2 – «Os Supergénios», às 21.15 (12 anos)
ALFA-3 – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
APOLO 70 – «Os Supergénios», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE – «Por Favor Não Matem o Dentista», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
OLÍMPIA – «Violações Sexuais», sessões permanentes (18 anos)
CAPITÓLIO – «As Mil e Uma Noites Eróticas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA – «As Duas Feras», às 21.30 (18 anos)
CINE6ESTÚDIO ACS – «O Mistério de Overwal», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Barracas na Neve» às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «Jaguar», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
AMADORA – Lido – «O Vale Perdido», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Flashdance», às 21.30 (6 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «O Varredor» às 21.30 (6 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)

ERICEIRA – Cinestúdio – «Tempestade», às 21.15 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Cine-Estúdio – «Operação Thor», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Um Chui de Blue Jeans» às 21.45 (18 anos)
ALMADA – Academia – «Corrida de Loucos», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS – Oxford – «O Xerife Indomável», às 21.30 (13 anos)

ALGÉS – Stadium – «As Irmãs», às 21.15 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «O Último Combate de Bruce Lee», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Os Dias Impuros de um Marinheiro», às 21.15 (18 anos)
SÃO JOÃO DO ESTORIL – Cinelândia – «Forte Apache», às 21.15 (16 anos)
ESTORIL – Casino – «Flashdance», às 21.15 (6 anos)
ESTORIL – Palácio – «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)

Porto

JÚLIO DINIS – «Os Repetentes em Férias» às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL – «Os 101 Dalmatas» às 21.45 (6 anos)
CHARLOT – «O regresso de Jedi» às 21.30 (6 anos
FOCO – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA – «A Filha da Selva», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Espiões por Conta Própria», às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM – «A Vida é um Romance», às 21.30 (12 anos)
SÃO JOÃO – «Oficial e Cavalheiro», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A – «Um Drama Burguês» às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-L – «O Golpe dos Enrascados», às 21.45 (12 anos)
ÁGUIA – «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Um Difícil Adeus», às 21.30 (12 anos)
BEBÉ – «Feliz Natal Mr. Lawrence», às 21.30 (12 anos)
PRAÇO – «O Bandido de Olhos Azuis», às 21.30 (13 anos)
RAIONE – «Os Malditos», às 21.30 (18 anos)
ESTUDIO – «A Repetente de Três Assobios», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
VALE FORMOSO – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ALFAMA - ESCOLAS GERAIS: Anunciada, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **ALTO DE SÃO JOÃO: Nova Luz**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALVALADE: Alentejo**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682). **AVENIDA DA REPÚBLICA: Cardote**, Av. Visconde de Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **BAIXA - COLISEU: Centro Farmacêutico**, R. das Portas de Santo Antão, 66 (T. 321211); **BELÉM - ALTINHO: Gomes Suc.**, R Junqueira, 326-328 (T. 638193); **BENEFICÊNCIA - SETE RIOS: Laranjeiras**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); **CEMITÉRIO DOS INGLESES: Urbano Freitas**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **CHILE - ANJOS: Pereira Pinto**, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); **LUMIAR: São Tomé**, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **PICHELEIRA: Mariuz**, C. da Pichedeira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **ALGÉS: Branco**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **ODIVELAS -PATAMEIRAS: Amaral**, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 925455); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

AREEIRO: Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **BENFICA - ESTAÇÃO - URUGUAI: Santa Cruz**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **CAIS DO SODRÉ: Ultramarina**, R. São Paulo, 99-101 (T. 321771); **CALVÁRO: Monge**, R. Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **CAMPOLIDE: Oliveira**, R. de Campolide, 54-A (T. 864424); **CORTES - RATO: Castro Suc.**, R. de São Bento, 199-A (T 660513); **ENCARNAÇÃO: Ascenso**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **MARVILA: Freitas**, R. Zofimo Pedroso, 11-13 (T. 381136); **SÃO SEBASTIÃO: Novais**, Av. Luis Bivar, 11-13 (T. 544324); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, E. Principal, lote 172 (T 993148); **BURACA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. Açores, 11-A (T 910305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. Prioras (T 2519939).

teatros

Lisboa

D. MARIA II – Sala Experimental – A Barraca – «Um dia na Capital do Império», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «Annie», as 21.00 (6 anos)
VILLARET – «Super Silva», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Quem Me Acaba o Resto?!», às 21.30 e 22.45 (16 anos)
TEATRO DA GRAÇA – «O Rufia na Escada», às 21.45 (13 anos)
PRAÇA DE TOIROS DO CAMPO PEQUENO – Circo Chen às 21.30 (6 anos)
ABC – «Todos Tesos» às 20.30 e 23.00 (18 anos)
VARIEDADES – «Um Fantasma Chamado Isabel» às 21.30 (13 anos)

Porto

TEP – «Quase um Conto de Fadas», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Ao que Nós Chegámos», às 21.30 (13 anos)
SEIVA TRUPE – «Um Calice de Porto», às 21.45 (13 anos)

Outra banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R Soc. Fua Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D, Feijó (T. 2296119). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 3-A, Quinta de Santo António (T. 2401060). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim Antônio Aguiar, 259 (T 2073012). Permanente; **AMORA: Nova Amorense**, E. N. 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL: Alves Velho**, L. Camões, 27, Torre da Marinha (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R. Almirate Reis, 30 (T. 210035); **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 2390250); **ALHOS VEDROS: Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100); **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14. Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137. Até às 22 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Dias & Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 934589). Permanente; **Carmelo**, R.Elias Garcia, lote 28 (T. 933303). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Permanente; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Centra**, R. Elias Garcia, 55 (T. 9240034). Permanente; **ALGUEIRÃO: Vitor Manuel**, E. do Algueirão, 123. Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 980456). Permanente.

MOSCAVIDE: Santa Bárbara, R. Francisco M. Beato, 75-A (T. 2518918). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Até às 22 horas; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 25300327). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 hoas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, Bairro da P. Correia, 40-B (T. 2690363). Até às 22 hors; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**. Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELHOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anj. (T. 2682313). Até às 22 hoas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. J. A. Ferreira, 15 (T. 260116). Até às 22 horas: **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 2860078). Permanente.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

ESTÁCIO, R. Sá d Bandeira, 120; **ALVES MOREIRA**, Av. Rodrigues de Freitas, 167; **DA GIESTA**, R. Afonso Henriques, 206, Areosa; **AZEVEDO**, R. de Azevedo, 136; **PINHEIRO MANSO**, R. São João de Brito, 25-29.

DE DIA E TODA A NOITE

FOZ, R. Senhora da Luz, 380, Foz; **PENINSULAR**, R. Chã, 100; **CAMPO**, P. da República, 118; **CONSTITUIÇÃO**, R. da Constituição, 93; **MARQUÊS DE MENDONÇA**, R. do Ameal, 251.

Coimbra

NAZARETH, R. Ferreira Borges, 135 (T. 22605); **MONTES CLAROS**, R Dr. António José de Almeida, (T. 259040).

DL

MARÉS DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.45	4,0 m	32.22	1,2 m
16.06	3,7 m	9.22	1,2 m
Dia 5			
4.22	4,0 m	9.57	1,2 m
16.43	3,7 m	22.03	1,3 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

V. CASTELO	3°
BRAGANÇA	2°
V. REAL	3°
PORTO	3°
COIMBRA	4°
C. CARVOEIRO	11°
PORTALEGRE	4°
LISBOA	7°
ÉVORA	5°
BEJA	5°
FARO	10°
SAGRES	
P. DELGADA	12°
FUNCHAL	16°

últimas

AMARROU TRÊS CRIANÇAS para roubar 6500$00 um indivíduo que foi a uma residência situada na Rua Cândido dos Reis em Algés, onde, perante os menores que lhe abriram a porta, se fez passar por amigo do pai, dono da casa. Apenas levou dois relógios e algumas moedas de colecção no total do valor acima indicado.

CINCO MIL CANDIDATOS PARA A PSP onde apenas existem 120 vagas no quadro feminino. Este número é ilucidativo das dificuldades de empretgo em especial no que toca às mulheres. Para o cargo de agentes daquela Polícia, é exigido apenas a escolaridade obrigatória mas na sua maioria as concorrentes apresentam-se com habilitações muito superiores, até universitárias. Em contrapartida no sector masculino a percentagem de candidatos é bastante inferior ao necessário para uma boa selecção, informou uma fonte da corporação.

UMA BALEIA BRANCA de 6 metros de comprimento encontra-se desde segunda-feira no porto de Hamburgo, depois de se ter perdido na foz do Elba o mamífero, o primeiro a subir o rio desde há 248 anos, por ter fome ou frio, segundo os especialistas, foi apelidado «Willem» pelos habitantes de Hamburgo. Os ecologistas do «Greenpeace» vão tentar levar a baleia para o Mar do Norte com o auxílio de dois barcos.

Mota Amaral admite pela primeira vez

É evidente o falhanço da troika do PSD

«O falhanço da *troika* é evidente!» A afirmação, feita ontem em Ponta Delgada pelo presidente do Governo Regional dos Açores, Mota Amaral, não constitui novidade. Há muito que círculos sociais-democratas referem o *desastre* que constitui a *troika* dirigente do PSD, saída do Congresso de Montechoro. A haver novidade, a mesma reside no facto de Mota Amaral vir a público, pela primeira vez, admitir a *realidade*.

FOI no quadro de uma conferência de Imprensa, que antecedeu uma reunião da Comissão Política Regional do PSD, que Mota Amaral teceu alguns comentários sobre a situação do seu partido.

Para Mota Amaral, que muitos sociais-democratas gostariam de ver em Belém, depois das presidenciais do próximo ano, «o falhanço da troika que dirige o PSD é evidente». Por isso, espera que o próximo congresso (a realizar em Braga, no próximo mês de Março) corrija a actual situação e defina «uma liderança personalizada, conforme os interesses do partido».

Mota Amaral segue assim as pisadas de várias sensibilidades sociais-democratas («balsemistas», «44», grupo Marcelo Rebelo de Sousa/Pedro Santana Lopes...), que há muito denunciam o impasse em que o PSD se encontra, a partir do momento em que a troika (Mota Pinto, Eurico de Melo e Nascimento Rodrigues) começou a presidir aos seus destinos.

Mota Amaral que ainda muito recentemente declarou não tencionar candidatar-se à liderança do PSD no próximo congresso de Braga, já que pensa que ali apenas se deverá traçar o «perfil» do candidato social-democrata às presidenciais-85, continua a ser, lembre-se, uma das personalidades com maior prestígio no seio do seu partido.

Segundo uma sondagem Norma/«Semanário», publicada no fim da semana passada, Mota Amaral «é, de longe, o primeiro político a receber respostas positivas à questão: quais destas figuras políticas no Governo ou na oposição gostaria que tivesse ou continuasse a ter lugar importante na política do País?».

Na sondagem, Mota Amaral surge com um índice de popularidade de 43 por cento junto dos entrevistados, superando assim em 10 por cento os seus «concorrentes» imediatos: Mário Soares, Freitas do Amaral e Lucas Pires, todos com 33 por cento.

A afirmação agora feita por Mota Amaral vem fortalecer as hostes que se opõem à actual direcção do PSD e pode constituir o indício de que Mota Amaral se prepara para assumir, finalmente, uma posição mais interveniente nos destinos do seu partido.

Entretanto, Mota Amaral, será recebido hoje em audiência pelo Primeiro-Ministro Mário Soares, a fim de tentar resolver o problema da dotação orçamental à Região Autónoma dos Açores.

Mota Amaral, lembre-se, já revelou publicamente o seu descontentamento com a redução para menos de metade do «financiamento dos custos da insularidade» e com a «discriminação no apoio às autarquias açorianas».

Ao referir esse descontentamento, Mota Amaral falou de «mesquinhez de uma conta de deve e haver» e da necessidade da actual coligaçãõo governamental «respeitar os compromissos para com a região».

Reunião adiada?

A presença de Mota Amaral em Lisboa poderia eventualmente provocar a sua presença na reunião semanal da Comissão Política do PSD. Acontece que esta corre o risco de não se realizar uma vez que Mota Pinto, desde ontem em grandes reuniões com Mário Soares, não convocou os seus pares.

Segundo fontes sociais-democratas, membros de direito daquela Comissão, a atitude de Mota Pinto não foi bem recebida. de acordo com um reparo significativo, «há assuntos importantes a resolver e o partido não pode continuar a viver de adiamentos».

Seja como for, Mota Pinto e Mário Soares têm dedicado nas últimas horas grande atenção aos problemas com que depara a coligação, pensando-se que dessas consecutivas reuniões possa sair uma remodelação governamental, considerada indispensável por parte do PS e do PSD.

Para Seabra

(Quase) tudo vai bem no reino da Educação

Remando contra a maré do descontentamento até dos professores do seu partido – o PSD – e dos secretários de Estado do Ministério que chefia (descontentamento que bastante notório se tornou a dada altura) – veio ontem o ministro da Educação, através do meio de comunicação mais poderoso, a TV, falar ao País.

Fazendo tábua rasa dos protestos, chamando-lhes «comentários especulativos e malévolos», reduzindo as vozes discordantes a «minorias activistas» e «sectores minoritários de sinal oposto mas cúmplices», o ministro fez um balanço do primeiro período escolar (que para milhares de alunos só agora começa) e considerou que «apesar das dificuldades presentes, próprias de uma conjuntura de crise financeira, muito de positivo foi feito nestes poucos meses de governação».

Assim, Seabra insistiu em que conseguiu pôr em funcionamento a generalidade dos estabelecimentos do ensino básico e secundário «nos prazos previstos» «com esforço e tenacidade». Mas não disse a quem se deve atribuir esse esforço e tenacidade, esquecendo-se mesmo de tecer um rasgadíssimo elogio a conselhos directivos, pedagógicos e às muitas associações de pais que não se pouparam a esforços para que os seus filhos pudessem ter aulas, substituindo-se, por imperiosa necessidade, ao Ministério da Educação.

O ministro achou também que lançou «com êxito» um **plano de emergência para o ensino técnico-profissional** que, como se sabe, no presente ano lectivo, só vai beneficiar algumas centenas de jovens em todo o país.

Procurou-se, disse o ministro, prosseguir com os Sindicatos dos Professores o «diálogo».

Na verdade, já no final de 1983, a Federação Nacional dos Professores foi recebida pelos secretários de Estado, que não pelo ministro, que acusam de autoritarismo e demagogia. O próprio Sindicato de cujos corpos gerentes Seabra fez parte enquanto professor, o Sindicato dos Professores da Zona Norte, emitiu em tempos um violento comunicado contra Seabra, por este se preparar para tomar medidas sem consultar os Sindicatos.

Falou ainda na formação dos professores, no acesso ao ensino superior e anunciou a criação da Comissão Interministerial de Juventude «que vai ser em breve constituída e que procurará coordenar a política do ensino com a política do emprego, de habitação, da qualidade de vida, etc, de forma a levar a cabo uma política integrada, que corresponda com realismo às aspirações das gerações actuais (....)».

Falou da necessidade das estruturas da administração pública serem «desconcentradas» (!) e «descentralizadas», nomeadamente através da transferência de alguns poderes para as autarquias no domínio do equipamento e da acção social escolar do ensino básico – « e não em outros domínios, como erradamente tanto se especulou (...).»

N. da R. – Na extensa comunicação que chegou às redacções dos jornais sob a forma escrita, «From» gabinete do ministro da Educação «to» órgãos da comunicação social, registámos apenas dois erros ortográficos: «forças políticas, murais e espirituais» em vez de (pelo menos, faz muito mais sentido) «forças políticas, morais e espirituais» e burucracia, em vez de burocracia.

Governo Civil cumpriu promessa.

Placa de Lever lançada ao Douro

PORTO, 4 – Uma equipa de trabalhadores da Câmara Municipal de Gaia, protegida por um grande contingente armado da GNR, transportado em mais de 20 viaturas, atirou ao rio Douro, ontem à tarde, a «placa» que alguns populares de Lever colocaram na noite de Natal, na área que consideram fronteira da sua freguesia com a de Crestuma. A operação decorreu sem incidentes de maior, ainda que uma dúzia de pessoas de Lever tenha aparecido na zona, para ver a base de três toneladas de cimento armado, encimada por uma placa e a inscrição «Lever» rolar pela encosta e afundar-se no rio Douro.

Dirigiram alguns insultos aos jornalistas e atiraram pedras às suas viaturas mas sem consequências especiais.

É a segunda vez que isto acontece e o bloco de cimento implantado na área fronteiriça, em disputa pelas duas freguesias rivais, rola pela encosta e toma «banho forçado» no Douro.

Segundo soubemos, e de acordo com o que ontem se dizia em Lever, a população já estaria a preparar nova placa para colocar no mesmo sítio, desafiando assim o Governo Civil do Porto, cuja posição, mais de uma vez expressa pelo dr. Cal Brandão, é a de considerar a colocação da placa por gentes de Lever, antes de o problema estar definitivamente esclarecido pelo Governo e pela AR, como um desafio à autoridade.

Na passada semana o dr. Cal Brandão havia dito ao «DL» que a colocação unilateral da placa era uma atitude inaceitável e um desrespeito à autoridade, pelo que a legalidade seria reposta a curto prazo, faltando apenas escolher a data e os meios a utilizar, já que, como nos disse, «não é uma operação fácil».

A meio da tarde de ontem, a notícia da chegada da GNR correu com grande rapidez mas já não havia nada a fazer e os «mirones» de Lever apenas puderam levar para a sua freguesia a confirmação de que um «caterpillar» manobrado por pessoal camarário, tinha mais uma vez, atirado a «sua placa» às águas acrescidas do Douro.

Decisão da AR

A população de Crestuma recebeu o facto com serenidade, embora denotando satisfação e, sobretudo, alívio. Este último sentimento era o mais forte entre os autarcas crestumenses já que, como diversas vezes tinham alertado, a manutenção da placa naquela zona (e que, segundo estudo e parecer da Assembleia Distrital, pertence a Crestuma) criava uma situação de confronto latente e de violência que a todo o momento podia desencadear um conflito aberto entre as gentes das duas freguesias.

Refra-se que a primeira placa posta por Lever naquela zona foi também atirada ao rio no dia 8 de Maio último a fim de garantir o acto eleitoral do dia seguinte que viria a dar por concluídas, finalmente, as eleições para a AR e mais um deputado para o PS pelo círculo do Porto, cujo apuramento final estava suspenso devido ao facto de Crestuma se recusar a votar enquanto a placa ilegal permanecesse no sítio de onde ontem voltou a ser arrancada.

Esta situação incrível, capaz de desencadear confrontos, de mais a mais entre populações ligadas por laços de uma longa convivência, está a transformar-se num foco de nervosismo e de mal-estar permanentes a que as autoridades, as mesmas que enviam a GNR e o «caterpillar», não podem voltar por mais tempo as costas. Era este sentimento que de algum modo expressavam os autarcas de Crestuma quando manifestavam há poucos dias a esperança de ver este problema definitivamente resolvido pelas autoridades de Lisboa.

Pensou-se que depois dos incidentes de Abril e Maio últimos a questão ia ser definitivamente resolvida. Todavia, nada disso aconteceu. A Assembleia Distrital já deu por concluído o seu parecer e as recentes negociações entre representantes autárquicos de ambas as freguesias não conseguiram ultrapassar o diferendo. A questão foi assim entregue ao Governo e à Assembleia da República a quem, em última instância, compete decidir. É essa esperança e essa legítima expectativa que os autarcas e as populações têm visto sistematicamente adiadas.

J.G.B.

Julgamento de Al-Auad

Continuação da pág. 1

Anuar Abu Eiseh, o secretário de Sartaui, ferido no atentado de Montechoro não figura como testemunha, embora uma fonte ligada ao Tribunal tivesse admitido a possibilidade dele poder aparecer ainda no decorrer do julgamento.

O processo, de 600 folhas, distribuídas por três volumes, inclui depoimentos de Al-Auad confessando-se como o único autor do atentado. O réu participou no dia 17 de Maio na reconstituição do crime e, segundo a Direcção Central de Combate ao Banditismo da Polícia Judiciária, que investigou o caso, «executou com rigor toda a cronologia dos acontecimentos, incluindo gestos e percurso da fuga, e não hesitou em indicar o lugar onde tinha escondido a arma do delito, uma pistola «Beretta» de 9 mm que tinha sido descoberta pelo correspondente da ANOP no Algarve, Humberto Ricardo, a cerca de 300 metros do local do crime». Na altura em que foi detido pela PJ em Lisboa, no quarto 507 do Hotel Fénix, Al-Auad tinha em seu poder cinco camisas, um relógio-despertador, 10 990 escudos, 2239 dólares em notas e algum dinheiro iraquiano, identificando-se como Youssif Al-Auad, de 26 anos, solteiro, natural de Fass e residente na Rua Cassone, n.º 5, em Casablanca. O seu passaporte (n.º 306984, emitido em Fevereiro de 1981) apresentava-o como sendo negociante.

Embora Al-Auad tenha confessado a autoria do crime, subsistem dúvidas quanto ao facto de ter, ou não, actuado sozinho, havendo testemunhas oculares que o afirmam ter visto falar com outro homem junto ao Hotel de Montechoro, minutos antes do atentado que vitimou Sartaui. E este homem seria um jovem de 22 anos, Nizar Tawfig Mousa Mohid, que esteve que até à véspera do crime esteve hospedado na Residencial Roma, na Travessa da Glória, em Lisboa.

M.G.